

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

**CLAUDETE JURAWSKI**

**AUTO-ÉTICA: UM ESTUDO DA CONSTITUIÇÃO DO EDUCADOR  
AMBIENTAL A PARTIR DA NOÇÃO DE METAMORFOSE  
ANTROPOSSOCIOLÓGICA**

RIO GRANDE – RS  
2012

**CLAUDETE JURAWSKI**

**AUTO-ÉTICA: UM ESTUDO DA CONSTITUIÇÃO DO EDUCADOR  
AMBIENTAL A PARTIR DA NOÇÃO DE METAMORFOSE  
ANTROPOSSOCIOLÓGICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação Ambiental.

Orientador: Prof. Dr. Humberto Calloni

Co-orientador: Prof. Dr. Lauro de Brito Vianna

Linha de Pesquisa: Fundamentos da Educação Ambiental (FEA)

RIO GRANDE – RS

2012

J95a Claudete Jurawski  
Auto-ética: um estudo da constituição do educador ambiental a partir da noção de metamorfose antropológica/ Claudete Jurawski; orientação do Prof. Dr. Humberto Calloni. - 2012.  
106 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande – Mestrado em Educação Ambiental, 2012.

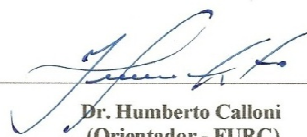
1. Complexidade 2. Educação ambiental 3. Auto-ética 4. Metamorfose antropológica II. Título.

CDU: 504:37

**CLAUDETE JURAWSKI**

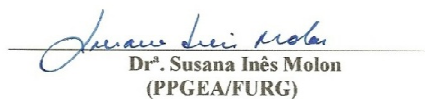
**“AUTO-ÉTICA UM ESTUDO DA CONSTITUIÇÃO DO  
EDUCADOR AMBIENTAL A PARTIR DA NOÇÃO DE  
METAMORFOSE ANTROPOSSOCIOLÓGICA”**

Dissertação aprovada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação Ambiental no Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Comissão de avaliação formada pelos professores:



---

**Dr. Humberto Calloni**  
(Orientador - FURG)



---

**Dr. Susana Inês Molon**  
(PPGEA/FURG)



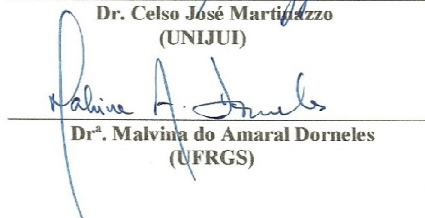
---

**Dr. Silvana Sidney Costa Santos**  
(PPGenf-FURG)



---

**Dr. Celso José Martignazzo**  
(UNIJUI)



---

**Dr. Malvina do Amaral Dorneles**  
(UFRGS)



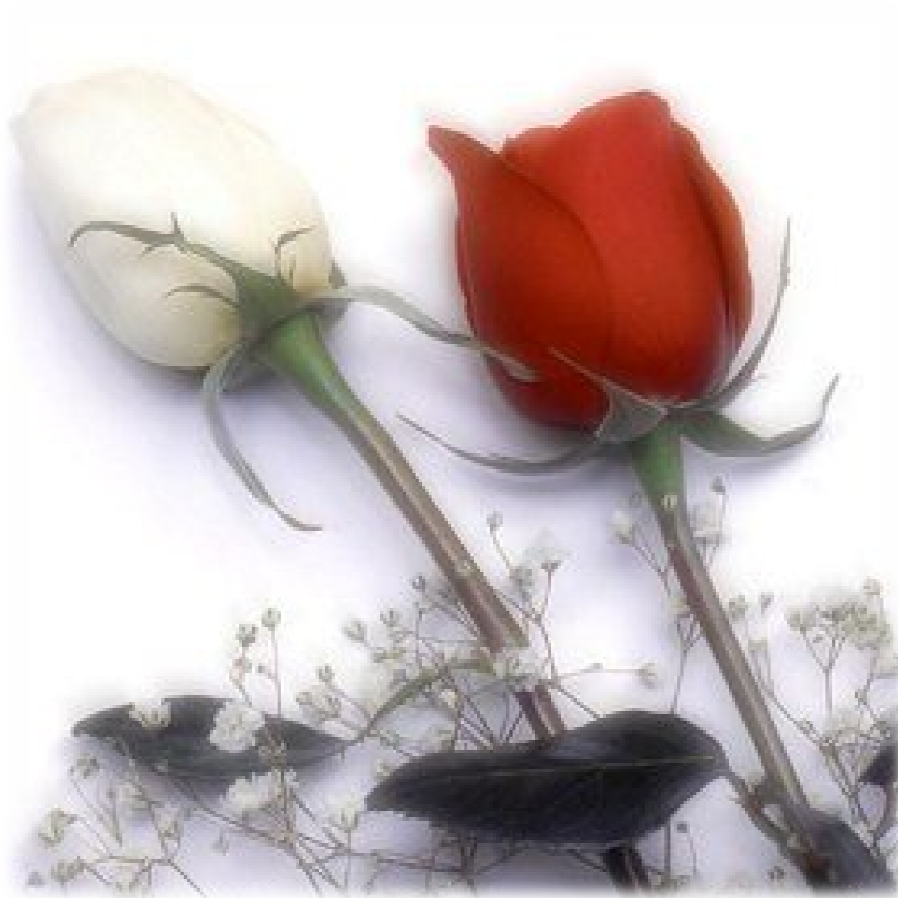


Figura 01 – A rosa branca e a rosa vermelha

*Ói, olha o trem, vem surgindo de trás das montanhas azuis, olha o trem.  
 Ói, já é vem, trazendo de longe as cinzas do velho aeon.  
 Ói, já é vem, fumegando, apitando, chamando os que sabem do trem.  
 Ói, é o trem, não precisa passagem nem mesmo bagagem no trem.  
 Quem vai chorar, quem vai sorrir?  
 Quem vai ficar, quem vai partir?  
 Pois o trem está chegando, tá chegando na estação.  
 É o trem das sete horas, é o último do sertão, do sertão.  
 Ói, olha o céu, já não é o mesmo céu que você conheceu, não é mais.  
 Vê, ói que céu, é um céu carregado e rajado, suspenso no ar.  
 Vê, é o sinal, é o sinal das trombetas, dos anjos e dos guardiões.  
 Ói, lá vem Deus, deslizando no céu entre brumas de mil megatons.  
 Ói, ói o mal, vem de braços e abraços com o bem num  
 romance astral.*

(Raul Seixas – Trem das sete).

**Dedicatória**

Ao Mestre Lauro de Brito Vianna, que encerrou seu aprendizado e missão nesta sua encarnação na Terra em 27 de agosto de 2011. Atualmente, aprendi a reservar minhas reverências apenas para o Criador, mas para seu Espírito não há como não dizer, uma última vez, “Reverências Mestre!”

## AGRADECIMENTOS

Agradeço ao professor Humberto Calloni, pela liberdade concedida para esboçar meu pensamento neste estudo e, ao mesmo tempo, de várias formas, estar sempre presente. Na primeira vez que o vi, entendi que tinha muito a aprender com ele. Sinto-me honrada em estar sob sua orientação, como comentou o professor Vilmar A. Pereira, “Teu orientador não pede respeito, conquista respeito pelo que é!”

Ao meu filho, luz da minha vida! No dia em que ele mergulhar nesta composição textual, compreenderá o que sua mãe fez no período que esteve longe fisicamente. À Sirlei F. da Silva e Adelar da Silva, minha mãe e seu marido, por cuidarem com amor do meu filho, enquanto eu fazia o que a auto-ética determinara. À Terezinha de Jesus Mirapalhete, Sandra R. R. da Silva, Angélica C. Rocha, e suas respectivas famílias, por sua amizade, diálogos, incentivos, momentos de alegria...

À professora Susana I. Molon, pelo estímulo vindo através do seu voto de confiança em mim, no meu trabalho. Pelas conversas travadas, aliando subjetividade e objetividade, propiciando-me mais autoconhecimento. Por, com seu jeito de ser, reforçar a antiga lição de que é preciso ser! Nada que eu diga pode traduzir a imensa gratidão que sinto pelas contribuições que sua existência promoveu em minha vida.

À professora Silvana S. C. Santos, ao professor Celso J. Martinazzo, e à professora Malvina do Amaral Dorneles, pela participação na comissão avaliadora desta dissertação; impossível aprender com vocês e não tornar-se melhor. Gracias ao professor Alfredo G. M. Gentini, que também contribuiu com muito mais do que imagina, sua imagem em minha mente sempre se associa ao nome do perfume do Avon que costumo usar, ‘surreal garden’.

Meu reconhecimento para a CAPES, pela Bolsa de Desenvolvimento Social recebida que, entre outras coisas, possibilitou a aquisição do ‘piano’. Ao Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental num todo, mormente, pelos aprendizados e abraços auferidos. À Lidiane F. Dutra, pelos seus ensinamentos durante sua Oficina de Educação Estética para a (Re)Descoberta do Desenho, e por tudo mais.

Enfim, com mais alguns agradecimentos se estendendo implicitamente ao longo da escrita, digo arigatô a todas as pessoas que já cruzaram meu caminho...

## RESUMO

Com o respaldo teórico da Complexidade em Edgar Morin, neste estudo qualitativo, que parte da linha de pesquisa Fundamentos da Educação Ambiental, e se configura soberanamente antropológico e ético; reflito sobre o meu processo de constituição complexa como educadora ambiental, em uma perspectiva da metamorfose antropossociológica. Respondendo como a auto-ética transparece nesta caminhada, onde a experiência e as obras se entrelaçam. E o ensaio, o gênero literário instituído por Michel de Montaigne, é o método empregado para a estratégia de operar o pensamento complexo, nesta ponderação sobre a transmutação de alguém que, em algum momento de sua vida quis se distanciar de algo semelhante ao ‘retrato de Dorian Gray’. Como a imagem no espelho é de um *homo complexus*, era certa a inviabilidade de adentrar mais profundamente no reflexo, num tempo tão ínfimo; por conseguinte, circunscrevo a problematização em torno de uma intervenção em favor da emergência da transformação humana e social apregoada por Morin. E apesar das insuficiências, considero que esta pesquisa traz contribuições para a compreensão da noção de metamorfose antropossociológica e de auto-ética. Refletindo sobre as estrelas que nasceram, morreram, se reconfiguraram dentro de mim; numa intimidade maior com o princípio dialógico, retiro um pouco o véu da complexidade que é ser um educador ambiental, daí também a relevância deste estudo. No movimento entre prosa e poesia, as páginas foram grafitadas ao ‘sabor’ da Complexidade. Auxiliada de várias formas, superando meus próprios limites - tendo a caminhada como mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental me forjado para novos desafios - com a materialização desta dissertação, fica um ‘rastro no clássico’!

**Palavras-chave:** Complexidade, Educação Ambiental, Auto-ética, Metamorfose antropossociológica

## RESUMEN

Con el respaldo teórico de la Complejidad en Edgar Morín, en este estudio cualitativo, que parte de la línea de investigación Fundamentos de Educación Ambiental, y se configura soberanamente antropológico y ético, reflexiono sobre mi proceso de constitución compleja como educadora ambiental, en una perspectiva de la metamorfosis antropológica. Respondiendo como a auto-ética trasparece en esta caminata donde la experiencia y las obras se entrelazan. Es el ensayo, el género literario que instituyó Michel de Montaigne, el método empleado para la estrategia de operar el pensamiento complejo, en esta reflexión sobre la metamorfosis de alguien que, en algún momento de su vida se quiso distanciar de algo parecido con el “retrato de Dorian Gray”. Como la imagen en el espejo es de un *homo complexus*, era verdadera la inviabilidad de se entrar más profundamente en el reflejo, en un tiempo tan ínfimo; por consiguiente, circunscribo a problematización en torno de una intervención en favor de la emergencia de la transformación humana y social pregonada por Morín. Y, a pesar de las insuficiencias, considero que esta pesquisa trae contribuciones para la comprensión de la noción de metamorfosis antropológica y de auto-ética. Reflexionando sobre las estrellas que nacieran, murieran, se reconfiguraran dentro de mi; en una intimidad mayor con el principio dialógico, retiro un poco el velo de la complejidad que es ser un educador ambiental, de ahí también la relevancia de este estudio. En el movimiento entre prosa y poesía, las páginas fueron grafiadas al ‘sabor’ de la Complejidad. Auxiliada de varias formas, superando mis propios límites - teniendo la caminata como maestranza en el Programa de Pos-Graduación en Educación Ambiental me forjando para nuevos desafíos - con la materialización de esta disertación, queda un ‘rastros en lo clásico’!

**Palabras claves:** Complejidad; Educación Ambiental; Auto-ética; Metamorfosis antropológica

## LISTA DE FIGURAS

- Figura 01** *A rosa branca e a rosa vermelha.* Disponível em 05  
<http://jozeddonato.wordpress.com/2010/12/>. Acesso em 06 de janeiro de 2012.
- Figura 02** Desenho de Lidiane F. Dutra, após eu ter lhe repassado as coordenadas 12  
básicas, entendendo que o restante fluiria. O denomino de *Eu*. Novembro de 2010.
- Figura 03** O artífice da Complexidade, *Edgar Morin*. Disponível em 20  
<http://br.groups.yahoo.com/group/multilistalivre/message/146518>.  
Acesso em 03 de janeiro de 2012.
- Figura 04** *A borboleta maravilhosa.* Disponível em 29  
<http://diversidadeemsintonia.blogspot.com/>. Acesso em 06 de janeiro de 2012.
- Figura 05** *Muro de uma escola pública*, na rua Domingos de Almeida – RG. Acervo 78  
pessoal. Janeiro de 2012.
- Figura 06** *Íntima relação.* Disponível em 82  
[http://www.paixaoeamor.com/mensagem/1805\\_voce\\_e\\_linda\\_como\\_uma\\_borboleta!.html](http://www.paixaoeamor.com/mensagem/1805_voce_e_linda_como_uma_borboleta!.html). Acesso em 28 de dezembro de 2011.
- Figura 07** *Muro da indagação*, na avenida Presidente Vargas – RG. Acervo pessoal. 93  
Janeiro de 2012.
- Figura 08** Desenho de Lidiane F. Dutra que, acrescentando um fragmento de 100  
Fernando Pessoa, o denominou de *Claudete por Lidiane*, e ele se fez para mim como *A meta*. Novembro de 2010.

## SUMÁRIO

1. ABERTURA DO PORTAL DE ACESSO À MENTE DE UMA EDUCADORA AMBIENTAL	13
2. OS PRINCÍPIOS TEÓRICOS BÁSICOS DO EXERCÍCIO DE UM PENSAMENTO COMPLEXO	20
2.1. Esboço da Complexidade em Edgar Morin	21
2.2. O método	25
3. ORBITANDO A METAMORFOSE ANTROPOSSOCIOLÓGICA: A CONSTITUIÇÃO COMPLEXA DA EDUCADORA AMBIENTAL	29
3.1. A metamorfose antropossociológica no contexto das transformações da mestrandia anteriores à Educação Ambiental	30
3.2. A constituição complexa como educadora ambiental	49
3.3. Breve olhar sobre uma sinfonia em favor da emergência da metamorfose de nossa época	62
4. OS PARECERES FINAIS DA AUTO-ÉTICA	83
REFERÊNCIAS	101



Figura 02 – Eu

*“Eu sou a efemérida em metamorfose na superfície do rio, e sou o pássaro que, quando chega a primavera, retorna a tempo de devorar a efemérida. (...) Por favor, chamem-me pelos meus nomes verdadeiros, para que eu possa despertar e para que assim permaneça aberta a porta do meu coração, a porta da compaixão”*  
(Thich Nhat Hanh).



## 1. ABERTURA DO PORTAL DE ACESSO À MENTE DE UMA EDUCADORA AMBIENTAL

*“A antropologia, dama de má vida das ciências sociais”*  
(Millôr Fernandes).

Meu crescente encantamento pela Complexidade em Edgar Morin (1921- ) começou no penúltimo semestre da graduação em História-Licenciatura na Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Mesmo a conhecendo pouco, entendi que “era ela” e a escolhi como consorte de viagem, apostando em uma relação duradoura e profícua, mas sem deixar de reconhecer, a incerteza presente também nisso. Desde então, apesar das inúmeras dificuldades ocasionadas pelas singularidades da minha “menina dos olhos” em interação com as minhas características, é como se, em termos teóricos, com seus olhos em meus olhos fitos, ela melodiasse o mesmo que Zeca Baleiro na canção Proibida pra mim, “(...) se não eu quem vai fazer você feliz? (...)”.<sup>1</sup>

Em defluência, ao ingressar como aluna regular de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental (PPGEA), era certa a utilização do paradigma da Complexidade como sustentáculo teórico basilar da pesquisa. Não obstante, sintetizando a essência de um pensamento que perpassa textos de autores como Mauro Guimarães, Martha Tristão, Aline Viégas, que através de Genebaldo F. Dias em seu livro “Educação Ambiental: princípios e práticas”, se percebe acompanhar a Educação Ambiental (E.A) desde bem cedo à sua constituição; Mauro Grün sublinha que, “(...) qualquer tentativa de preservação ambiental dentro do paradigma cartesiano é literalmente impossível (...)” (2007: 56).

Entretanto, os contornos adotados neste estudo se delinearão num processo moroso e difícil. Na qualificação do projeto de pesquisa em 30 de junho de 2011, após já ter cursado três dos quatro semestres exigidos para a conclusão do curso, apresentei como núcleo do estudo a noção de metamorfose antropossociológica, a grande estrela conceitual desta pesquisa, que traduz uma profunda regeneração ética do *sapiens/demens* em suas ideias e práticas, em seu modo de organização em sociedade, na relação consigo mesmo, com o conhecimento, com os outros seres humanos e não humanos, englobando desta forma toda a natureza.

---

<sup>1</sup> Música disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=C7blUcb8rao>>.

Apesar de possuir suas peculiaridades conceituais, esta transmutação se identifica com as aspirações, com os pressupostos da Educação Ambiental, essa relação pode ser evidenciada - entremeio as diversas definições do que é Educação Ambiental, elaboradas no decorrer de seu desenvolvimento, mas que mantêm o âmago do seu sentido - através do conceito de E.A presente no preâmbulo do Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global, um documento formulado coletivamente no âmbito do Fórum Global do Rio de Janeiro em 1992:

Consideramos que a educação ambiental para uma sustentabilidade equitativa é um processo de aprendizagem permanente, baseado no respeito a todas as formas de vida. Tal educação afirma valores e ações que contribuem para a transformação humana e social e para a preservação ecológica. Ela estimula a formação de sociedades socialmente justas e ecologicamente equilibradas, que conservem entre si relação de interdependência e diversidade. Isso requer responsabilidade individual e coletiva a nível local, nacional e planetário (*apud* LOUREIRO: 2004: 30).

Enquanto mestranda vinha observando um ensinamento se repetindo de diferentes formas, sempre sussurrando “não importa o quanto você se conhece, busque cada vez mais a tua essência e reflita isso na pesquisa”. Dentro das minhas possibilidades busquei efetivar esse aprendizado ao produzir o material enviado para a banca da qualificação do projeto de pesquisa. E a partir do conteúdo das páginas escritas, a professora Susana I. Molon (PPGEA), membro da banca, concedeu a esse ensinamento um tom mais literal ainda ao sugerir que eu fosse meu sujeito de pesquisa, que meu objeto de investigação fosse o meu processo de constituição complexa como educadora ambiental, que investigasse a minha metamorfose pessoal.

Presentia que com a qualificação viria o derradeiro direcionamento, acreditava que de algum modo os anjos apontariam a direção. Por conseguinte, este estudo que parte da linha de pesquisa Fundamentos da Educação Ambiental (FEA) - que trata dos aspectos históricos, antropológicos, éticos, filosóficos, epistemológicos e sociológicos inerentes a este campo do conhecimento - e se demarca eminentemente antropológico e ético, tem como objetivo refletir sobre o meu processo de constituição complexa, à luz

da auto-ética,<sup>2</sup> como educadora ambiental em uma perspectiva da metamorfose antropossociológica.

Antes de ingressar no curso sabia que os dois anos de mestrado por si só guilhotinam uma pesquisa - restando formar base para continuar - na qualificação a pesquisa adquiriu seu norte e neste último inverno, o mais rigoroso de todos os vividos, nenhum calor conseguiu evitar o congelamento da minha escrita; então não sei o quanto será possível mostrar meu rosto no tempo que disponho para escrever a dissertação. Mas confesso que minhas ponderações até agora acerca disso, com a presença do mesmo frio no estômago que sentia quando criança ao experimentar o balanço ir um pouco mais além, mas não tão alto como via outras crianças ousarem; deixam-me fascinada e também preocupada em dar tamanha passagem ao meu mundo interior.

Quais as imagens que o espelho reflete? Quem sou eu? Correto que estou constantemente descobrindo isso, mas - evitando ainda travestir-me “em pele de cordeiro” - o cerne, o que fundamentalmente penso a meu respeito até o momento, quem descreveu com precisão foi o meu querido colega Cláudio T. de Azevedo do PPGEA, “Eu te vejo, se não uma pessoa bondosa, pelo menos, uma pessoa que tenta não ser má”. Mesmo que, de certo modo, sintam-me, entre outros, um ser do fogo e do céu, minhas asas<sup>3</sup> não são imaculadas. Sou consciente do meu lamaçal particular, sou alguém que, todo dia, a cada instante, sentindo na carne toda sua condição humana, em sua singularidade, procura resistir à sua própria barbárie interior. Creio que, de uma maneira ou outra, o verdadeiro inimigo governa dentro de nós.

Considerando que, a metamorfose antropossociológica solicita uma regeneração ética do *sapiens/demens*, saliento que, Edgar Morin nos diz que a barbárie interior é o problema ético fundamental para cada indivíduo, e apresenta como alternativa para superação desta barbárie, para esse enfrentamento próprio: a auto-ética, que considera uma verdadeira cultura psíquica (2005: 93), resumindo a auto-ética em dois princípios:

---

<sup>2</sup> Conforme Morin, condições históricas e culturais de individualização permitem o surgimento da ética individualizada ou auto-ética, “A auto-ética forma-se no nível da autonomia individual, para além das éticas integradas e integrantes, embora raízes ou ramos dessas éticas permaneçam, muitas vezes, no espírito individual. Em todo caso, os outros ramos da ética (ética cívica ou sócio-ética, antropológica ou ética do gênero humano) devem hoje, passar pela auto-ética: consciência e decisão pessoal” (2005: 90-91).

<sup>3</sup> No meio da tarde do dia 18/12/10 caminhava por uma rua do centro da cidade de Rio Grande/RS, quando comecei a ouvir algo vindo do alto de um prédio em construção, em “plenos pulmões” um pedreiro bradava, “se eu tivesse asas eu ia para casa”, e sorri concordando com ele nisso, mas cogitando a probabilidade de divergirmos no que considerávamos como “casa”...

disciplinar o egocentrismo e desenvolver o altruísmo (*ibidem*: 142),<sup>4</sup> elucidando também que, antes de tudo, ela é uma ética de si para si, que incide necessariamente numa ética para o outro (*ibidem*: 93). Segundo o filósofo:

A ação auto-ética é a mais individual possível, engajando a responsabilidade pessoal; ao mesmo tempo, é um ato transcendental que nos liga às forças vivas de solidariedade, anteriores às nossas individualidades, originárias da nossa condição social, biológica, física e cósmica. Une-nos ao outro e à comunidade, mais amplamente ao universo e, como tal, é ato de religação (MORIN, 2005: 142).

Meus esforços diários são para que, quiçá um dia, meu ambiente interno assemelhe-se a lago calmo e cristalino, com cheiro de rosas brancas pelo ar, sob um sol agradabilíssimo. E tem vezes que, mais que nunca, reconheço o quanto avancei no processo e o quão longínqua estou deste objetivo. Ou seja, é permitir acesso a um mundo em guerra, potentes forças, grandes generais se digladiam ali, há escombros por todo o lugar. Um processo de metamorfose envolve ao mesmo tempo autodestruição e autoconstrução. Assim, não precisa nem ser exímio caçador, pouquíssima sensibilidade olfativa capta, ainda do lado de fora, o forte cheiro de incenso “chama violeta” para transmutar, misturado com o de mercúrio cromo, exalando do lado de cá de mim.

Não sei em que medida conseguirei nesta minha existência aplacar a obscuridade, as incertezas, as contradições, os turbilhões que habitam em mim. E como não posso dar nenhuma garantia de segurança, a auto-ética aconselha a alertar que a escolha de me ler é por conta e risco de cada um. Lamento mesmo não poder dizer àquele que cruzar o portal que sou toda luz, bondade, amor, sabedoria, paz... Sinto muito por não poder dizer-lhe que repouse suas armas e venha de pés descalços. Não posso ofertar mais do que sou no momento. E assim, realizada a devida explanação,

---

<sup>4</sup> Na concepção de sujeito elaborada por Edgar Morin, válida para todo ser vivo, não apenas para o sujeito humano, “(...) Ser sujeito é se auto-afirmar situando-se no centro do seu mundo, o que é literalmente expresso pela noção de egocentrismo. Essa auto-afirmação comporta um princípio de exclusão e um princípio de inclusão (...)” (2005: 20-21). Relacionando-se de maneira complementar e antagônica, o primeiro princípio reflete, assegura a nossa identidade singular, o Eu de cada um de nós, o espaço egocêntrico que ninguém pode ocupar; e o segundo princípio corresponde a inclusão desse Eu num Nós, o Nós incluído no centro do seu mundo (*ibidem*: 21). “Assim tudo acontece como se cada indivíduo-sujeito comportasse um duplo *software*, um comandando o ‘para si’ e o outro comandando o ‘para nós’ ou ‘para o outro’; um comandando o egoísmo, o outro comandando o altruísmo (...)” (*ibidem*).

com uma leve inclinação de cabeça saúdo o leitor, lhe irradiando, em imensa e intensa proporção, afetuosas energias de boas-vindas ao meu labirinto complexo...

Destarte, qual a questão de pesquisa que este estudo se propõe a responder? Na primeira quinzena de setembro de 2011, com o auxílio do meu estimadíssimo orientador, ela foi formulada: *Como a auto-ética transparece no meu processo de constituição como educadora ambiental a partir da noção de metamorfose antropossociológica?* E eis me numa “saia justíssima”, com a qual ainda não sei como mover-me, mas tentada igual Eva pela serpente - me questionando se não estou mais para a própria serpente - inspirada pelo sol da primavera que se anunciou no hemisfério sul, pela possibilidade de contemplar girassóis; quero procurar redarguir a esta exata questão de pesquisa. Agora que minha escrita se descongelou!

E adentrando na relevância deste estudo, embora outras justificativas surjam, implícita ou explicitamente, no desenrolar das páginas. A Educação Ambiental se constituiu em 1972 na Primeira Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente em Estocolmo, segundo Dias, como um ‘novo’ processo educacional com a responsabilidade de promover o despontar de outro mundo (2004: 74), nisso faço alusão ao conceito de utopia ambiental presente no texto de Rubén Pesci, “A pedagogia da cultura ambiental: do *Titanic* ao veleiro”, onde este autor relembra antes que a utopia almeja o “u-topos”, um lugar cujos contornos ainda não estão definidos, mas que é possível estar além do que hoje se manifesta turvo para nosso olhar, e então define que:

A utopia ambiental é a utopia onde a trama da vida e sua complexidade começa a ser compreendida e considerada. E por isso nos agrada dizer também que no amanhecer de um novo humanismo podemos encarnar a utopia como ambiente ou o ambiente (a luta por sua melhoria, a busca de sustentabilidade em seu manejo) como a mais justa das utopias a assumir de imediato (...) (in LEFF, 2003: 132).

Essa aurora aspirada por muitos, tem vários nomes, definidos dentro de um conjunto de conceitos teóricos que possuem identidade e beleza próprias, mas falam de coisas, no âmago, parecidas e no universo da Complexidade, representando a utopia ambiental deste estudo, designa-se metamorfose antropossociológica. Porém, uma das coisas que aprendi ao longo da minha caminhada, cristalizada pelas minhas experiências

como mestranda, é que não podemos impor ao outro como ele deve pensar, sentir e agir. Tenho mais autonomia para efetuar as mudanças que julgar providencial a nível pessoal e maior liberdade para pensar esta transformação antropossocial em termos teóricos.

Na esfera prática em relação à sociedade e às outras pessoas os limites são bem maiores. Para descrever a ponta do iceberg da complexidade inerente a este processo de transmutação, menciono um fragmento de Clarice Lispector, “Até cortar os próprios defeitos pode ser perigoso. Nunca se sabe qual é o defeito que sustenta nosso edifício inteiro” (*in* Caminhos da Sabedoria, s/d: 26). É nesse contexto que, sob riscos imagináveis e inimagináveis, o disciplinar o egoísmo e o ampliar o altruísmo, entre outras coisas, me impulsionam ao esforço para cuidar do outro, do planeta, da vida em suas diversas manifestações. A assumir a minha co-responsabilidade na construção de um mundo diferente, entendendo-a pertencente ainda à educação em geral, pois, do contrário, como salienta Humberto Calloni:

(...) sua ‘passividade’ é o suporte que dá sustentação à retroalimentação de um sistema que insiste em excluir os indivíduos/sujeitos do direito inalienável à qualidade de vida, à humanização de sua experiência humana, à dignidade de ser e de participar na construção de um novo mundo (*in* LAMPERT, 2005: 71).

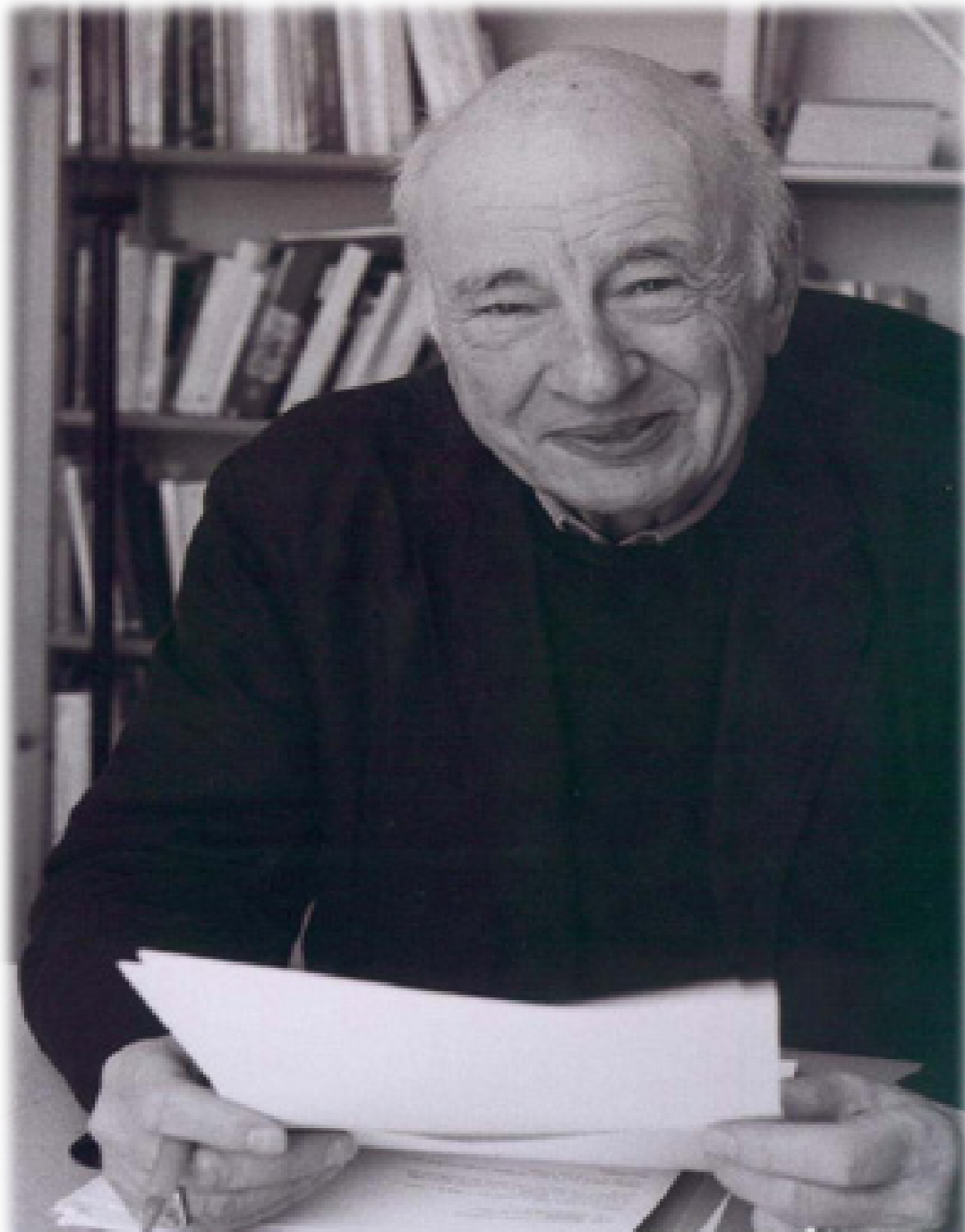
Enfim, esta pesquisa justifica-se à medida que, conforme salienta Marcos Vogel, “A formação não se dá pelo acúmulo de atividades, mas sim pela reflexão e (re)construção permanente de uma identidade pessoal e profissional, já que não é possível desvincular o ‘indivíduo’ do ‘profissional docente’” (2008: 50). Também, válido o estudo com o posicionamento de Michel de Montaigne, descrito por Maria C. Theobaldo, professora da Universidade Federal do Mato Grosso, “Em Montaigne, o processo formativo coincide com o conhecimento de si, lançar-se nas experiências e tomar posição perante os acontecimentos da vida”, afirmando ainda que, “Para ele, a verdadeira formação residia em saber procurar, duvidar, investigar e exercitar o que é inteiramente próprio de cada pessoa” (*apud* FERRARI, 2011: 1).

Este estudo é composto por quatro capítulos, espargidos do seguinte modo: o primeiro, *Abertura do portal de acesso à mente de uma educadora ambiental* é uma introdução ao tema de pesquisa, aparecendo o objetivo, questão de pesquisa, sua

relevância, e estruturação. No segundo, *Os princípios teóricos básicos do exercício de um pensamento complexo*, faço uma imprescindível apresentação do Paradigma/Método/Teoria da Complexidade, de algumas de suas características que autorizam, suportam, insuflam esta pesquisa e, ao mesmo tempo, expressam que falar de Complexidade é aludir à outra coisa, é outro grau de dificuldade.

No terceiro capítulo, *Orbitando a metamorfose antropossociológica: a constituição complexa da educadora ambiental*, abordo o conceito central da pesquisa, antes ao compartilhar um pouco da minha história de vida pregressa à Educação Ambiental, as escolhas feitas na apropriação da auto-ética que acabaram me conduzindo ao mestrado nesta área do conhecimento; num segundo momento, no contexto das minhas vivências enquanto mestranda no PPGEA, mas, mediante a impossibilidade de uma abordagem mais ampla e profunda da minha constituição de modo complexo, restrinjo a problematização em torno de uma intervenção em favor da emergência da metamorfose antropossociológica, compreendendo esse conceito e retirando um pouco o véu da complexidade que é ser um educador ambiental.

Devido ao ensaio se caracterizar também por um estilo divagante, não sistematizado, as conclusões referentes ao objetivo e à questão de pesquisa apresentados neste estudo permeiam as páginas ao longo do texto. Em consequência, no quarto capítulo, *Os pareceres finais da auto-ética*, que consiste no derradeiro transparecer da ética individualizada no meu processo de formação como educadora/pesquisadora ambiental; utilizando-me de uma obra em especial - visada apenas para a minha própria metamorfose - dou continuidade à problematização, partilhando um pouco mais do caos pessoal, das interrogações que permanecem, do nível de incertezas transitado até assumir todos os riscos, e na ressignificação dos aprendizados realizar minhas escolhas, mesmo sem saber se eram as mais corretas. Ou seja, em vários sentidos, “Feci quod potui, faciant meliora potentes” - “Fiz o que pude, faça melhor quem puder”.



Copyright Caroline Cuello

Figura 03 – Edgar Morin

## **2. OS PRINCÍPIOS TEÓRICOS BÁSICOS DO EXERCÍCIO DE UM PENSAMENTO COMPLEXO**



## 2.1. Esboço da Complexidade em Edgar Morin

*“Baby compra o jornal e vem ver o sol  
ele continua a brilhar apesar de tanta barbaridade,  
baby escuta o galo cantar a aurora dos nossos tempos  
não é hora de chorar, amanheceu o pensamento,  
o poeta está vivo com seus moinhos de vento  
a impulsionar a grande roda da história (...)”*  
(Barão Vermelho – O poeta está vivo).

Da Complexidade, assim como de todo o resto, sou apenas um aprendiz. Por pactuar com Luciano Pavarotti, quando asseverou que, “Aprender música lendo teoria musical é como fazer amor por correspondência” (*in* Caminhos da Sabedoria, s/d: 20), aceitei também compreendê-la ao longo de uma caminhada. Atualmente a conheço mais que antes, mas encontro-me ainda tateando o primeiro degrau do que considero uma longa escadaria; significando que ela vai muito além do que meu humilde entendimento expõe neste estudo de mestrado, e por isso a blasfêmia me soa quase inevitável. Mas nessa conjuntura, procuro refletir sobre o pouco que sei. Apesar de a minha amada ser linda, ela não consta nesta pesquisa somente para bonito! Creio eu!

Na definição de Edgar Morin:

(...) A um primeiro olhar, a complexidade é um tecido (*complexus*: o que é tecido junto) de constituintes heterogêneas inseparavelmente associadas: ela coloca o paradoxo do uno e do múltiplo. Num segundo momento, a complexidade é efetivamente o tecido de acontecimentos, ações, interações, retroações, determinações, acasos, que constituem nosso mundo fenomênico (...) (2007a: 13).

A partir do desenvolvimento científico do século XX, mormente da física quântica, revelou-se um universo fascinante onde todos os fenômenos mantêm uma relação de interdependência, de interatividade e de inter-retroatividade, uma realidade interacional transpassada de incertezas, imprevisibilidades, acasos, contradições, aleatoriedade.<sup>5</sup> Átomos, moléculas, células, organismos, sociedades, astros, galáxias constituem sistemas<sup>6</sup> ou unidades complexas; a Natureza é um inaudito encadeamento

---

<sup>5</sup> Convém observar que, o próprio referencial teórico deste estudo, deixa margem para questionamentos, se não há outra coisa, em níveis mais profundos da realidade, como por exemplo, em relação ao indeterminismo, ao acaso. Coisas que hoje temos como certo, amanhã pode não ser mais.

<sup>6</sup> Conforme Morin, “(...) pode-se conceber o sistema como uma unidade global organizada de inter-relações entre elementos, ações, indivíduos” (2008a: 132), assim Morin interliga num macroconceito

de sistemas de sistemas, consolidando-se uns sobre os outros, pelos outros e contra os outros, em cachos, em arquipélagos (MORIN, 2008a: 127-128). Ou seja, a complexidade refere-se à organização em diferentes níveis de complexidade, estando em toda parte, em nós e fora de nós.

Nesse sentido, a Complexidade não tem a pretensão de dominar o real, ambiciona ser capaz de dialogar/negociar com a complexidade que o mundo apresenta. Sabendo de antemão que o conhecimento completo se revela um “deus inatingível” para um espírito<sup>7</sup>/cérebro, seu interesse é dar conta o mais possível do conhecimento multidimensional.<sup>8</sup> E nisso tenciona superar tanto a mutilação do conhecimento, característica do pensamento cartesiano, baseado na decomposição do fenômeno como condição analítica, desfavorecendo o todo em prol das partes, quanto à mutilação das partes em favor do todo provocada pelo pensamento holístico; reconhecendo o valor deles engloba esses modos de pensar, mas os excede numa concepção mais rica:

(...) A complexidade surge, é verdade, lá onde o pensamento simplificador falha, mas ela integra em si tudo o que põe ordem, clareza, distinção, precisão no conhecimento. Enquanto o pensamento simplificador desintegra a complexidade do real, o pensamento complexo integra o mais possível os modos simplificadores de pensar, mas recusa as consequências mutiladoras, redutoras, unidimensionais e finalmente ofuscantes de uma simplificação que se considera reflexo do que há de real na realidade (MORIN, 2007a: 06).

Solidificado por René Descartes (1596-1650) e Isaac Newton (1642- 1726), o pensamento cartesiano desde o século XVII condiciona soberanamente o pensamento

---

trinitário o conceito de sistema, de inter-relação e de organização, salientando que “Esses três termos, apesar de inseparáveis, são relativamente distinguíveis. A ideia de inter-relação remete aos tipos e formas de ligação entre elementos ou indivíduos, entre esses elementos/indivíduos e o Todo. A ideia de sistema remete à unidade complexa do todo inter-relacionado, às suas características e propriedades fenomenais. A ideia de organização remete à disposição das partes dentro, em e por um Todo” (*ibidem*: 134).

<sup>7</sup> “O espírito constitui a emergência mental que resulta das interações entre o cérebro humano e a cultura; é dotado de uma relativa autonomia e retroage sobre a sua origem. Organiza o conhecimento e ação humanos. Não significa aqui o que se entende por ‘espiritual’, mas tem o sentido de *mens, mind, mente* (espírito cognoscente e inventivo)” (MORIN 2005: 207).

<sup>8</sup> “Imagina-se com frequência que os defensores da complexidade pretendem ter visões completas das coisas. Por que pensariam assim? Porque é verdade que pensamos que não se podem isolar os objetos uns dos outros. No fim das contas, tudo é solidário. Se você tem o senso da complexidade, você tem o senso da solidariedade. Além disso, você tem o senso do caráter multidimensional de toda a realidade” (MORIN, 2007a: 68).

ocidental, transpassando todas as práticas cotidianas, inclusive as educacionais; e ao fragmentar e enclausurar os saberes gera a impossibilidade de se conceber um todo com elementos solidários e com isso aniquila, *in ovo*, a responsabilidade do indivíduo com o todo. E apesar da sua extraordinária contribuição ao conhecimento e de sua importância, esse modelo de pensamento não oferece mais arcabouço suficiente diante de uma realidade diversificada, multifacetada, balizada hegemonicamente pela incerteza, e de problemas que são transversais e planetários.

A tentativa de dialogar com a complexidade da realidade pressupõe um modo de pensar flexível, sem preconceito, capaz de decodificar relações, transitar pelas inter-relações, por realidades ao mesmo tempo solidárias e conflitantes; isto é, um pensamento complexo. Segundo Morin, “(...) O pensamento complexo é um estilo de pensamento e de abordagem do real (...)” (*et al*, 2004: 31). Ele também opera sob um paradigma,<sup>9</sup> mas, no caso o da Complexidade,<sup>10</sup> que em contraste com os princípios de disjunção, redução e unidimensionalização do paradigma cartesiano, é caracterizado pelos princípios de distinção, de conjunção e de multidimensionalização.

Transitando entre ciência e não ciência, o pensamento complexo visa desencastelar, mover, conjugar, articular os diversos saberes compartimentados nos mais variados campos do conhecimento, avaliando também os saberes informais, contextualizando sem perder a particularidade de cada fenômeno; religando matéria e espírito, natureza e cultura, sujeito e objeto, objetividade e subjetividade, diversidade e unidade, ordem e desordem, arte, ciência, filosofia... Interagindo com a ambiguidade e a incerteza, “(...) O pensamento complexo é o pensamento que abraça a diversidade e reúne o separado” (MORIN, 2005: 142):

O pensamento complexo é, pois, essencialmente o pensamento que trata com a incerteza e que é capaz de conceber a

---

<sup>9</sup> Nas palavras de Morin, “Qualquer conhecimento opera por seleção de dados significativos e rejeição de dados não significativos: separa (distingue ou disjunta) e une (associa, identifica); hierarquiza (o principal, o secundário) e centraliza (em função de um núcleo de noções-chaves); estas operações, que se utilizam da lógica, são de fato comandadas por princípios ‘supralógicos’ de organização do pensamento ou *paradigmas*, princípios ocultos que governam nossa visão das coisas e do mundo sem que tenhamos consciência disso” (2007a: 10).

<sup>10</sup> “(...) Assim, no paradigma da disjunção/redução/unidimensionalização, seria preciso substituir um paradigma de distinção/conjunção, que permite distinguir sem disjuntar, de associar sem identificar ou reduzir. Este paradigma comportaria um princípio dialógico e translógico, que integraria a lógica clássica sem deixar de levar em conta seus limites *de facto* (problemas de contradições) e *de jure* (limites do formalismo). Ele traria em si o princípio do *Unitax multiplex*, que escapa à unidade abstrata do alto (holismo) e do baixo (reducionismo)” (MORIN, 2007a: 15).

organização. É o pensamento capaz de reunir (...), de contextualizar, de globalizar, mas ao mesmo tempo, capaz de reconhecer o singular, o individual, o concreto (MORIN *et al*, 2000: 207).

Considerando igualmente o pensamento racional-lógico-científico e o mítico-simbólico-mágico, o pensamento complexo se estabelece como requisito para o exercício da transdisciplinaridade.<sup>11</sup> Não obstante, se o artífice da Complexidade realça que ela não deve ser vista como receita, que não se trata de uma *palavra-solução* e sim de uma *palavra-problema* (MORIN, 2007a: 06), acredito que o pensamento complexo configura ainda uma esperança a mais, dado as possibilidades que podem advir de uma sintonia com ele, pois conforme Morin, “(...) O pensamento complexo não resolve por si só os problemas, mas se constitui numa ajuda à estratégia que pode resolvê-los. Ele nos diz: ‘Ajuda-te, o pensamento complexo te ajudará’” (*ibidem*: 83).

---

<sup>11</sup> “Tendo surgido, há três décadas, quase simultaneamente, nos trabalhos de pesquisadores diferentes como Jean Piaget, Edgar Morin, Eric Jantsch e muitos outros, este termo foi inventado para traduzir a necessidade de uma jubilosa transgressão das fronteiras entre as disciplinas, sobretudo no campo do ensino e de ir além da pluri e da interdisciplinaridade” (NICOLESCU, 2001: 9). E conforme Basarab Nicolescu, “A *transdisciplinaridade*, como o prefixo ‘*trans*’ indica, diz respeito àquilo que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, *através* das disciplinas e *além* de qualquer disciplina. Seu objetivo é a *compreensão do mundo presente*, para o qual um dos imperativos é a unidade do conhecimento” (*ibidem*: 51). Para Emilio Roger Ciurana, “O transdisciplinar é o que transgride. O que viola todo compartimento estanque. O que, ao violar as disciplinas, faz com que o fruto de tal violação seja um pensamento de uma nova ordem e crie um novo espaço para o saber. Saber que mais adiante será, portanto, o produto de um pensamento complexo que não só nos ajuda a relacionar o separado; que não só põe em movimento o que se encontra fechado sobre si mesmo, mas o que além da inter-relação, o transforma (*in* CARVALHO & MENDONÇA, 2003: 58).

## 2.2. O método

*“Primeiro aprenda a ser um artesão.  
Isso não impedirá você de ser um gênio”  
(Eugene Delacroix).*

Pelas características da Complexidade recém enunciadas, é perceptível que ela, idêntica ao paradigma da complexidade no geral, “(...) condiciona ou supõe práticas investigativas mais múltiplas e flexíveis, bem como um novo estilo de intelectual, igualmente múltiplo e híbrido (...)” (ALMEIDA *in* SILVA & GALEANO, 2004: 12). Por conseguinte, dispõe um método conexo, que com o verso de Antonio Machado, “Viajante, não existe caminho, o caminho nasce da tua caminhada” (*apud* MORIN *et al*: 2004: 19), convida o cientista a uma caminhada sem percurso predeterminado rigidamente, e ante o sim, lhe entrega sete princípios metodológicos<sup>12</sup> - complementares e interdependentes - para pensar a complexidade, o concitando a elaborar suas próprias estratégias na abordagem do fenômeno em questão. Segundo Morin:

(...) Este termo é muitas vezes confundido com metodologia, que o seu caráter programador enrijece; aqui, o método é uma disciplina do pensamento, que deve ajudar cada um de nós a elaborar a sua estratégia cognitiva, situando e contextualizando as suas informações, os seus conhecimentos e as suas decisões, tornando cada um de nós apto para enfrentar o desafio onipresente da complexidade. Trata-se muito concretamente de um ‘método de aprendizagem na errância e na incerteza humana’ (MORIN *et al*, 2004: 11).

Este método absorve ao mesmo tempo programa<sup>13</sup> e estratégia, isto é, se apóia em uma sequência inicial de ações, mas desde o início se prepara para receber o inesperado e modificar suas ações em função das informações surgidas (MORIN *et al*, 2004: 28). E como a estratégia se manifesta nas situações aleatórias, é aberta, enfrenta o imprevisito, aprende com seus erros, exigindo competência, iniciativa, decisão e reflexão

---

<sup>12</sup> Os sete princípios metodológicos, que surgem ao longo deste texto - não necessariamente nesta ordem - são: o princípio sistêmico ou organizacional, o princípio hologramático, o princípio da retroatividade, o princípio da recursividade, o princípio da autonomia/dependência, o princípio dialógico, o princípio da reintrodução do conhecimento em todo conhecimento. São as sete diretrizes para pensar a complexidade, que normalmente aparecem nas obras de Morin, embora em alguns casos o autor amplie esse número, e de três princípios se constituírem nos fundamentais: o dialógico, o recursivo e o hologramático.

<sup>13</sup> A noção de programa diz respeito a um conjunto de ações previamente determinadas, funcional dentro de condições externas que dêem margem à sua efetivação, do contrário se detém ou fracassa (MORIN 2007a: 90).

(*ibidem*: 28-29), o método se constitui, “(...) como atividade pensante do sujeito vivo, não abstrato. Um sujeito capaz de aprender, de inventar e de criar sobre e durante o seu caminho” (*ibidem*: 16). Quer dizer, há grande respeito, voto de confiança e aposta da Complexidade no intelectual.

Nesta pesquisa, onde a experiência e as obras estão imbricadas - uma concedendo sentido à outra - que se caracteriza um estudo de cunho qualitativo,<sup>14</sup> como explicitado, viso operar o pensamento complexo numa reflexão acerca da minha constituição complexa como educadora ambiental, a partir da ideia de metamorfose antropossociológica; compreendendo como a auto-ética transparece neste processo de constituição. E nas palavras de Maria C. Moraes, “(...) todo processo de formação envolve um processo de transformação vivenciado recursivamente ao longo da vida, revelando, a cada instante, uma capacidade única de auto-organização, de auto-regulação dos próprios processos vitais” (2008: 7).

À semelhança de todos os seres humanos ao se envolverem em uma determinada situação, ao tornar-me uma mestranda em Educação Ambiental, trazia comigo a minha história de vida e passei a viver a experiência em estudo, com toda a multidimensionalidade inerente à condição humana. Estou no mundo, constante e singularmente me havendo com as conjunções variadas dessas esferas que nos conferem a qualidade de humano, recursivamente “metabolizando” as informações internas e as provenientes das mais diversas fontes do meio externo - implicando ainda que os ensinamentos que estão me formando não se restringem aos recebidos no âmbito da Educação Ambiental. E o envolvimento da auto-ética infere que, a formação é complementada pela auto-formação.

Relembrando antes que, os dois outros componentes da ética complexa, a sócio-ética e a antropeética devem cruzar pela auto-ética, cuja ação além de ser a mais pessoal possível ainda é um ato de religação com o outro, com a sociedade, com a espécie, com o Universo num todo, onde no fim das contas tudo é solidário. Desde que o físico alemão Werner Heisenberg, numa mudança radical de pensamento em relação a um dos pressupostos da ciência clássica, postulou que o observador interfere em sua

---

<sup>14</sup> “A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (MINAYO & DESLANDES & NETO & GOMES, 1999: 21-22).

observação,<sup>15</sup> é de “bom tom” sublinhar que todo conhecimento é uma reconstrução/tradução por um espírito/cérebro numa determinada realidade cultural e temporal.<sup>16</sup> Cada um conhece a si e o mundo a partir de uma perspectiva pessoal.

Assim, para expressar em escrita uma atividade pensante conforme enunciado, que evoca epistemologia complexa, antropologia complexa e ética complexa, o gênero literário instituído por Michel de Montaigne (1533-1592), o ensaio pareceu-me o método mais adequado. Aos trinta e oito anos Montaigne decidiu passar a maior parte do resto de sua vida recluso, lendo, pensando e escrevendo em seu castelo em Bordeaux (França). Sendo ele mesmo o assunto de seus Ensaaios, reconstruindo sua própria história por intermédio de variados tópicos, com muita transparência, no anseio de alterar a concepção do que é ser humano, entendendo que a maioria das obras até então omitiam muitos aspectos da verdadeira experiência humana. Quem primeiro salientou a superioridade de uma “cabeça- feita” a uma “cabeça cheia”.

Através de seus Ensaaios Montaigne descrevia suas investigações mesclando experiências de vida com os conhecimentos adquiridos de diversas fontes formais e informais (FERRARI, 2011: 01). No ensaio, através da indagação “Que sei eu?” principia-se com uma grande dúvida ao invés de uma grande certeza, nem mesmo a de nada saber (*ibidem*). Em suma, o gênero literário adotado para essa pesquisa caracteriza-se “(...) por um estilo dialogante, intimista, divagante e não sistematizado, baseado na liberdade individual, na reflexão sobre os negócios do mundo, e na busca de um pensamento original” (DUARTE, 2003: 01). E o ensaio é uma estratégia cara à Complexidade, que comporta na sua visão de método, a experiência do ensaio:

---

<sup>15</sup> Segundo Maria C. B. Abdala, através do Princípio da Incerteza (1927), Heisenberg demonstra que “(...) Para medir uma variável, isto é, para observar uma partícula, é preciso iluminá-la, e a incidência de luz nas partículas observadas é equivalente a fótons colidindo contra elas: muda-lhes, portanto, a posição” (2006: 62).

<sup>16</sup> Essa colocação nos remete ao primeiro princípio metodológico para pensar a complexidade, o **princípio da reintrodução do conhecimento em todo conhecimento**, “Esse princípio opera a restauração do sujeito e torna presente a problemática cognitiva central: da percepção à teoria científica, todo conhecimento é uma reconstrução/tradução por um espírito/cérebro numa cultura e num tempo determinado” (MORIN *et al.*, 2000: 211-212). Importa ressaltar ainda que, “Com efeito, o espírito humano não reflete o mundo: vai traduzi-lo recorrendo a um sistema neurocerebral por meio do qual os seus sentidos captam um determinado número de estímulos que são transformados em mensagens e códigos com a ajuda das ramificações nervosas, e é o espírito/cérebro que produz aquilo a que chamamos de representações, noções, ideias através das quais ele percebe e concebe o mundo exterior. As ideias não são reflexos do real, mas antes traduções/construções que tomaram a forma de mitologia, de religiões, de ideologias e de teorias (todas elas permitem construir pontes sobre o abismo da ignorância), e, enquanto tal, são suscetíveis de errar (...)” (MORIN *et al.*, 2004: 25-26).

Desde Montaigne, que utilizava a palavra ensaio para designar os seus escritos bordalenses e que admitia ser incapaz de definir o ser, conseguindo apenas ‘pintar sua paisagem’, até Baudelaire, que afirmava que o ensaio era o melhor modo de expressão para compreender o espírito de seu tempo, (...) o ensaio é igualmente um método. O ensaio, entre a pincelada e o verbo, não é um caminho improvisado nem arbitrário, é a estratégia de um processo aberto que não dissimula a sua própria errância, sem renunciar no entanto a perceber a verdade fugaz de sua experiência. O ensaio retira o seu sentido e o seu valor da proximidade relativamente ao ser vivo, do caráter autêntico, “*morno, imperfeito e provisório*” da própria vida. É isto que lhe confere a sua forma única e manifesta a sua especificidade; é também o princípio que o funda (MORIN *et al*, 2004: 17).

É certa a condenação à superficialidade pelo tempo irrisório que resta para a escrita da pesquisa, mas dentro disso ainda, como canta Engenheiros do Hawaii “Feche a porta, esqueça o barulho, feche os olhos, tome ar, é hora do mergulho (...)”.<sup>17</sup> Assim, por meio do ensaio teço a reflexão proposta, na revelação das facetas que compõem minha condição humana: biológica, psíquica, social, afetiva e racional; nisso comportando sabedoria e loucura, o empírico e o imaginário, o trabalhador e o lúdico, o econômico e o consumista, o prosaico e o poético - o *homo complexus* de quem nos fala Edgar Morin. Caracteres comuns a todos que se conjugam, reconfigurando-se conforme muitas variáveis, de forma singular em cada indivíduo.

Compreendendo-a como um campo aberto ao diálogo e elaborações, como quer o próprio Morin, procuro manter a coerência com o ínfimo que conheço da Complexidade, mas baseando-me nela, se torna a apropriação que faço dela... Sei que somente posso viver meu processo pessoal de transformação. Sinto as muitas incertezas e a nebulosidade transpassando-me visceralmente. Mas nisso, que ao revirar meu baú de fragmentos de “nós” - uns na memória, outros nas anotações realizadas no diário de bordo, de livros, artigos, documentários, entrevistas, conversas informais... - o meu com o de cada um, o nosso emergido possa trazer também alguma contribuição, mesmo que inevitavelmente incipiente, para pensar o descortinar deste outro mundo possível!

---

<sup>17</sup> Música “Hora do mergulho”. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=FtsXbop822g>>.





Figura 04 – A borboleta

### **3. ORBITANDO A METAMORFOSE ANTROPOSSOCIOLÓGICA: A CONSTITUIÇÃO COMPLEXA DA EDUCADORA AMBIENTAL**

### 3.1. A metamorfose antropossociológica no contexto das transformações da mestranda anteriores à Educação Ambiental

*“É tão fácil pintar um bom quadro como encontrar um diamante ou uma pérola. Significa obstáculos e você arrisca sua vida por isso”  
(Van Gogh).*

Não me chamo Alice, mas no término da graduação um dos meus Mestres me disse, “Alice siga o coelho branco”. O pouco que sabia desta história era de ouvir contar, porém, passei a me questionar sobre quem seria, a meu ver, o coelho branco. Já no mestrado, uma das professoras da disciplina de Metodologia de Pesquisa em Educação Ambiental, do nada me chamou de Alice indagando para onde eu a levaria. Boa pergunta! Sem ler o livro Alice no país das maravilhas e nem ter assistido ao primeiro filme, depois dessa situação vi o segundo, quando aos seus dezenove anos a curiosidade de Alice em relação ao Coelho Branco a leva de volta ao mundo excêntrico e lá ela reencontra a Lebre Maluca, a Lagarta, o Chapeleiro Louco, o Gato-Risonho... Surgindo em mim uma afinidade peculiar com a Lagarta. E por que justo com Absolen?

Para o esclarecimento da ideia de metamorfose Edgar Morin costuma considerar as duas últimas fases do processo de metamorfose de uma borboleta: o momento em que a lagarta se fecha em crisálida e resguardando apenas seu sistema nervoso, volta seu dispositivo imunológico contra si mesmo para então emergir como borboleta, na transição de um estágio a outro ocorre, simultaneamente, autodestruição e autoconstrução; nele esse novo ser herda caracteres anteriores, mas ganha novas qualidades, sendo ao mesmo tempo, igual e diferente (2007b: 256). No processo de conversão da rastejante lagarta em borboleta sucedem perdas e ganhos, e não deixando de ser em absoluto o que era, ao romper o casulo e liberar as asas ela experimenta a si mesma e o mundo numa nova realidade.

Mediante a relação de interdependência, de interatividade e de inter-retroatividade mantida entre tudo que existe no Universo, embora com singularidades, há um processo análogo ao da borboleta acontecendo e permeando tudo. O “Antes-do-Começo” permanece uma incógnita, mas a ciência contemporânea sinaliza os laços inegáveis entre todos nós, esse excerto de uma música, “(...) eu sou velho, meu velho,

tão velho quanto o mundo (...)",<sup>18</sup> estende-se a todos nós. Num processo complexo, que teria se desencadeado cerca de 15 bilhões de anos atrás, a partir do evento do Big-Bang, a transmutação ocorre num todo sob a regência dialógica<sup>19</sup> do tetragrama ordem/desordem/interação/organização, objetivando a geração de formas cada vez mais complexas.<sup>20</sup> Segundo Leonardo Boff:

(...) Tudo no cosmos evolui como um todo. Como numa sequência, complexa e não linear, todos os seres, desde as energias primordiais, a matéria originária, as estrelas e nosso planeta Terra com seus ecossistemas e os seres vivos foram lentamente emergindo. Uns ligados aos outros, formam uma imensa teia de relações (...) (1998: 63).

Quer dizer, a realidade elucidada em “alto e bom som” seu dinamismo e seu apreço pela mutação, em todas as instâncias, do seio das inter-retroações em fermentação, em algum momento irrompe uma emergência.<sup>21</sup> Sem desconsiderar a conexão entre todos os fenômenos e seu atravessamento pela transformação, como neste estudo a reflexão do meu próprio processo de mudanças gravita em torno de uma estrela conceitual denominada metamorfose antropossociológica, para uma compreensão dessa noção, importa destacar que, no nível da antropologia complexa - no núcleo da qual Morin tece e problematiza a ética - o humano é concebido, antes de tudo, numa inseparável relação triádica indivíduo/sociedade/espécie, onde cada termo comporta os outros, funcionando em uma relação de complementaridade, concorrência e antagonismo.

Reconhece-se no indivíduo o nó górdio da trindade humana, porque “(...) dispõe das qualidades do espírito e mesmo de uma superioridade em relação à espécie e à sociedade, pois só ele tem a consciência e a plenitude da subjetividade (...)” (MORIN,

<sup>18</sup> Música “Hora do mergulho”. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=FtsXbop822g>>.

<sup>19</sup> Esse conceito traz o segundo princípio metodológico agrupado por Morin para pensar a complexidade, o **princípio dialógico**, “Este princípio nos ajuda a pensar, num mesmo espaço mental, algumas lógicas que se completam e se excluem. O princípio dialógico pode definir-se como sendo a associação complexa (complementar/concorrente/antagonista) de instâncias necessárias, conjuntamente necessárias para a existência, para o funcionamento e o desenvolvimento de um fenômeno organizado” (MORIN *et al*, 2004: 37-38).

<sup>20</sup> Segundo Leonardo Boff, “(...) Evolução significa, propriamente, passagem de formas simples para complexas, de situações de caos para outras de ordem e elegância (...)” (1998: 158).

<sup>21</sup> “As emergências são propriedades ou qualidades oriundas da organização de elementos ou componentes diversos associados num todo, que não podem ser deduzidos a partir das qualidades ou propriedades dos componentes isolados, e irredutíveis aos seus elementos. As emergências não são epifenômenos nem superestruturas, mas qualidades superiores originárias da complexidade organizadora. Podem retroagir sobre os componentes conferindo-lhes as qualidades do todo” (MORIN, 2005: 207).

2007b: 73), mas isso não implica numa hierarquização do termo; além de ser compreendido como 100% indivíduo, é visto ainda como 100% cultura e 100% espécie, “(...) Apresenta-se como o ponto de um holograma que contém o todo (da espécie, da sociedade) mesmo sendo irredutivelmente singular. Carrega a herança genética e, ao mesmo tempo, o *imprinting* e a norma de uma cultura” (MORIN, 2005: 19). Atuando recursivamente, as noções indivíduo/sociedade/espécie são simultaneamente meio e fim umas das outras, entreproduzem-se<sup>22</sup> numa relação complexa. Como assevera Morin:

As interações entre indivíduos produzem a sociedade e esta, retroagindo sobre a cultura e sobre os indivíduos, torna-os propriamente humanos. Assim, a espécie produz os indivíduos produtores da espécie, os indivíduos produzem a sociedade produtora dos indivíduos; espécie, sociedade, indivíduo produzem-se; cada termo gera e regenera o outro (2007b: 52).

Pela condição humana primeira de indivíduo/sociedade/espécie, é por meio da ideia de trissistêmico que o humano se constituiu mais apropriadamente como sistema,<sup>23</sup> ainda dito auto-eco-organizado, por ser ao mesmo tempo aberto e fechado, tendo sua autonomia em relação ao meio exterior vinculada a sua dependência dele - a existência e funcionalidade organizacional do sistema dependem de energias físicas, biológicas, informacionais do meio externo.<sup>24</sup> Através de sua capacidade de auto-organização o sistema lida com as informações recebidas, ressignificando-as, lutando

---

<sup>22</sup> Reflete o terceiro princípio metodológico para pensar a complexidade, **o princípio de recursividade**, “É um processo no qual os efeitos ou produtos são simultaneamente causa produtiva do próprio processo e no seio do qual os últimos estados são necessários para se gerarem os do início. Seja como for, o processo recursivo é um processo que se produz/reproduz a si mesmo, na condição, obviamente, de que seja alimentado por uma fonte, uma reserva ou um fluxo de exterior. A ideia de ciclo recursivo não é uma ideia anódina que se limitará a descrever um circuito, é muito mais do que uma simples ideia cibernética que designa uma retroação reguladora, revela-nos um processo organizador fundamental e múltiplo no universo físico, que se manifesta tanto no universo biológico como nas sociedades humanas” (MORIN *et al.*, 2004: 37).

<sup>23</sup> Nisso reafirmo que, no horizonte da Complexidade uma unidade complexa organizada é compreendida através de um macroconceito trinitário inseparável que eclusa os termos sistema/inter-relação/organização, “(...) A organização de um sistema e o próprio sistema são constituídos de inter-relações. A própria noção de sistema completa a de organização tanto quanto a noção de organização completa a de sistema. A organização articula a noção de sistema, que fenomenaliza a noção de organização, ligando-a a elementos materiais e a um todo fenomenal. A organização é a face interiorizada do sistema (inter-relações, articulações, estrutura), o sistema é a face exteriorizada da organização (forma, globalidade, emergência)” (MORIN, 2008a: 182).

<sup>24</sup> O quarto princípio metodológico para pensar a complexidade, **o princípio da auto-eco-organização: autonomia/dependência**, “(...) O conceito de autonomia só pode ser concebido a partir de uma teoria de sistemas ao mesmo tempo aberta e fechada; um sistema que funciona precisa de uma energia nova para sobreviver e, portanto, deve captar essa energia no meio ambiente. Consequentemente, a autonomia se fundamenta na dependência do meio ambiente e o conceito de autonomia passa a ser um conceito complementar ao da dependência, embora lhe seja, também, antagônico” (MORIN, 2008b: 184).

ininterruptamente para manter sua integralidade das diversas ameaças externas e internas que lhe sobrevêm.

Nessa afetação mútua e contínua, tanto o sistema quanto o ambiente que o envolve são atravessados pela transformação, pois conforme Morin, a transformação é uma das propriedades da organização, que liga, forma, transforma, assegura, ordena, fecha, abre o sistema (2008a: 171). A organização é ao mesmo tempo transformação e formação (morfogênese), ou seja, denotando o seu caráter generativo, “(...) a organização é o que transforma a transformação em forma; em outras palavras, ela forma a forma ela própria se formando; ela se produz de si mesma produzindo o sistema (...)” (*ibidem*: 165). Por conseguinte, após um longo processo de hominização de milhões de anos, o hominídeo foi se transformando em suas múltiplas dimensões constitutivas até a emergência do *Homo sapiens*:

(...) Foram necessárias condições novas e singulares da história terrestre para que uma modificação climática, ocasionando o recuo da floresta tropical e a progressão da savana na África austral, levasse nossos antepassados em via de hominização a desenvolverem a bipedização, a corrida, a caça, a utilizarem sistematicamente instrumentos. Assim começa a longa aventura da hominização, que prossegue com a domesticação do fogo pelo *Homo erectus*; o processo de hominização se acelera nos últimos quinhentos mil anos; ele produz um instrumental cada vez mais apropriado, desenvolve as técnicas de caça, de construção de abrigos, de confecção de vestimentas; torna mais complexas as relações interpessoais, enriquece os laços afetivos de amizade e de amor entre homens/mulheres, pais/filhos, e, nesse processo multidimensional, o hominídeo se transforma anatomicamente, cerebralmente, psicologicamente, afetivamente, socialmente (...) (MORIN *et al*, 2005: 55).

Num primeiro indício de mundialização<sup>25</sup> o *Homo sapiens* se espalhou pelo planeta, constituindo as sociedades “arcaicas” de caçadores-coletores, que desenvolveram certas particularidades de: linguagem, ritos, crenças, costumes, e outras, que, juntamente com a distância entre elas, ocasionaram a fragmentação da humanidade

---

<sup>25</sup> “A palavra ‘mundialização’ é sinônima de globalização, no sentido em que designa um processo ou um fato que se torna mundial, ou seja, que diz respeito ao mundo” (MORIN *et al*, 2004: 75).

(MORIN *et al* 2004: 72). E no movimento constante de tudo, há dez mil anos a humanidade pré-histórica, formada somente de pequenas sociedades de caçadores-coletores, experimentou uma mutação sociológica com a interconexão de sociedades em expansão na China, na Bacia do Indo, no México, no Peru e no Oriente Médio, em cada um desses cinco lugares surgiu uma meta-sociedade, a sociedade histórica, com agricultura, Estado e cidades (MORIN, 2005: 180).

Ou seja, houve ao mesmo tempo uma transformação profunda na triunidade indivíduo/sociedade/espécie e em cada uma dessas instâncias, e a Complexidade considera essa transmutação como uma primeira metamorfose antropossociológica ocorrida, anunciando que vivemos a possibilidade de uma segunda mutação desse quilate, que para se consolidar necessita da colaboração humana e de uma regeneração ética, conforme descrevo posteriormente. E acredito que isso é um forte indicativo para tornar atento todo indivíduo/sujeito em relação a nossa época histórica - cujas particularidades, ao longo do processo de seu desenvolvimento, repercutiram na autonomização da ética - também no momento de definir como viver sua vida. Há algum tempo, numa conversa com uma adolescente de dezessete anos, ela bem afirmou, “A coisa mais difícil da vida é decidir o que fazer com a nossa vida”.

Como a metamorfose do nosso tempo também necessita de uma regeneração ética, talvez, justamente o termo regenerar “qualifique-me” a refletir sobre o assunto, pois ao analisar minha relação com a ética, encontro uma ocasião em que tivera uma atitude ética louvável, quando ainda desconhecia essa palavra, nos tempos que ouvia minha mãe, dizer que quem nos dava o pão era Deus e vendo o padeiro entregar nas mercearias do bairro um pão que não tínhamos condições de comprar, questionava-me como Deus fazia para alcançar o pão ao padeiro? Esse subia no teto de sua Kombi para pegá-lo? E por que Deus dava para ele que vendia e não diretamente para nós? Depois disso, observo quase um vácuo, até que comecei a intervir nesse sentido.

Todavia, pessoalmente, apesar de todas as transformações operadas, na condição de *homo complexus*, na singularidade que me cabe, o processo de uma profunda revitalização ética em minhas ideias e práticas, na relação comigo mesmo, com o conhecimento, com todos os outros seres humanos e não humanos, com a natureza num todo; tem se manifestado um processo muito demorado e nada fácil. Destarte, já venho experimentando a mim mesma e o mundo numa saliente nova realidade, contudo, sinto-

me ainda a lagarta encapsulada na crisálida, se autodestruindo e se autoconstruindo. “Descascando-me a unha”. Esmerando-me a cada dia para conquistar não as asas da borboleta, mas sim sua leveza!

Mesmo que muito conspurcadas, minhas asas se formaram em outros tempos! Elas levaram a menina que na primeira série esqueceu seus chinelos na sala de aula, retornando para casa descalça, e só sentindo a falta deles quando interrogada pela mãe sobre; que, ao expressar para seu pai o sonho, nascido não sei de onde, de “ir para a faculdade”, ouviu dele um, “Filha, tira isso da cabeça que pobre nunca chega a lugar nenhum”; a se graduar numa universidade pública e agora a ponderar sua constituição como mestrandia em Educação Ambiental. Asas potencializadas pelos aprendizados obtidos com meus Mestres no período da graduação, depois, mormente pelos recebidos da vida - aqui estava mais habilitada para compreender os ensinamentos desta escola - e de outros Mestres - não mais humanos - e também através da própria E.A.

Considerando ainda que, conforme observa Jean-Louis Vullierme, “Os sujeitos se auto-organizam em interação com outros sujeitos” (*apud* MORIN, 2007b: 78). Necessito compartilhar, apesar de rasamente, o meio ambiente, as interações a partir das quais minha auto-organização vem se processando, a minha constituição integral pregressa ao mestrado em Educação Ambiental. Também, porque meu envolvimento consciente com a metamorfose antropossociológica e a auto-ética advêm de uma época anterior a ele, e porque na qualidade de mestrandia, mesmo que a confusão interna não seja nenhuma novidade e de estarmos sempre em construção, houve novos vórtices espalhando mais desordem, fazendo-me pesar e repesar tudo o que antes erigira - outro modo de dizer ao leitor que evite conclusões precipitadas.

Nasci brasileira, a segunda e a única mulher dos quatro filhos. Cresci na cidade de Santa Rosa/RS, num ambiente familiar carente em todos os sentidos - mas não a ponto de faltar o feijão e o arroz - bafejado por bebida alcoólica, com agressões verbais e com cenas de violência física, de variados níveis, entre meus progenitores a maior parte do tempo em que estavam juntos. Os maus exemplos vinham de ambos. Não me isento por isso da minha responsabilidade pelo meu apinhado de erros, mas não direciono nada dessa severidade no julgamento no que tange a meus pais, há tempos venho gradualmente compreendendo que eles fizeram o melhor dentro de suas próprias

circunstâncias. Sinto apenas amor e gratidão pela minha mãe - ela mesma vivendo seu próprio processo de mudanças e em outra situação - e pelo meu falecido pai.

Não sei se minha capacidade de resiliência<sup>26</sup> não é inata, mas crescer em tal situação propiciou um grande desenvolvimento dela, como num preparatório intensivo. Também, desconheço se nasci sonhadora ou se me tornei uma devido a essa realidade, dominada pela timidez e pelo sentimento de inferioridade, sonhava encontrar algum tesouro oculto, o pote de ouro que ouvira contar haver no fim do arco-íris! No mais, quando não havia sido destruído, do rádio ou do toca-discos provinham mais músicas sertanejas e boemias. Devia ter uns dez anos quando meu pai comprou a primeira televisão, em preto e branco, sei que a primeira novela vista foi Final Feliz; e lembro bem do meu encantamento ao assistir um filme na Sessão da Tarde, uma aventura com vários deuses gregos, obviamente com a presença de Zeus, o deus do Olimpo.

Demorei a aprender, mas gostava de ler. Retirados da biblioteca da escola vieram os contos de fada. Depois, emprestados por duas colegas, lidos por vezes sob a luz de uma vela, após a ordem para apagar a lâmpada, muitos romances Júlia, Sabrina, Bianca - que fomentavam minha imaginação acerca do amor. E em termos de religião, minha avó paterna é uma pessoa muito católica, meus pais se diziam católicos, mas não frequentavam a missa e nem o sacramento do batismo recebi; e meu primeiro contato com a religião da Umbanda<sup>27</sup> ocorreu quando um primo umbandista que morava longe veio nos visitar. Por fim, depois de ter ido passar um tempo num colégio interno de freiras franciscanas, acabei abandonando a leitura e também o ensino médio.

Aos meus vinte e dois anos, no encetar de uma metamorfose de um ser em meu próprio ventre, houve uma ocasião em que senti uma intensa vergonha do meu caráter, buscando ajuda de um terapeuta holístico para tornar-me uma pessoa diferente, e com quem mais tarde ainda passei a trabalhar. Também participei de um curso, onde uma pessoa autorizada nos transmitia o “Sistema Lair Ribeiro”, com foco na Programação

---

<sup>26</sup> “(...) esta é uma palavra que surgiu na Física, onde a resiliência é a capacidade que alguns materiais apresentam de voltar a sua forma original após serem submetidos à tensão máxima. Se pensarmos nos seres humanos, todos conhecemos pessoas que enfrentaram experiências avassaladoras e se recuperaram (...). O resiliente é aquele ser humano que consegue se recuperar frente às adversidades que enfrenta na existência, seja na vida profissional, seja na vida pessoal (...)” (ENGELMANN, 2008: 01).

<sup>27</sup> Sobre a Umbanda, “Em sua origem participam valores de três culturas principais: a cultura branca européia (catolicismo e kardecismo), cultura negra africana (elemento escravo) e a cultura vermelha (índios nativos que o branco tentou escravizar). (...) A Umbanda é uma religião mediúnica, ritmada, ritualizada, de origem euro-afrobrasileira” (LINARES & TRINDADE & COSTA, 2009: 52).



Neurolinguística (PNL),<sup>28</sup> inclusa entre as abordagens utilizadas por aquele a quem primeiro solicitei auxílio, com isso dimensionando que, além de receptáculo passivo poderia intervir sobre as crenças limitantes instauradas em mim - mas sem ter nenhuma noção do quanto tudo isso seria lento! E entre outros poucos cursos, aprendi Reiki<sup>29</sup> nível I, II e Reiki Karuna, que me propiciaram maior sensibilidade energética.

Apesar de na época não anotar as referências bibliográficas, certos ensinamentos de Lair Ribeiro passaram a revolver em minha mente, como sobre o óbvio só ser óbvio para a mente preparada;<sup>30</sup> a respeito de todos sermos ignorantes só que em aspectos diferentes; para mirar na lua, pois no caso de erro ficaria entre as estrelas! Conjugados ainda a pensamentos de Paulo Coelho, assinalando a necessidade de correr riscos, seguir determinadas rotas, virar as costas para outras; que a tranquilidade obtida ao renunciarmos nossos sonhos é temporária, pois eles começam a se deteriorar dentro de nós e o “cheiro” a se alastrar no ambiente que vivemos e o que queríamos evitar no combate, a decepção e a derrota, fica sendo o espólio da nossa covardia.

Nisso um antigo sonho despertou, que sem que eu mesma soubesse, adormecera esperando o momento certo de se realizar. Quis “ir para a faculdade”, fiz um supletivo de ensino médio e prestei vestibular para História-Licenciatura no processo seletivo da FURG de 2002. Lembrando também de uma história ouvida, sobre a observação feita, com o passar do tempo, por uma enfermeira que se aposentou e não querendo parar de trabalhar começou a organizar enterros em que a própria pessoa à beira da morte ditava os detalhes e respondia a um questionário onde uma das perguntas era, “se você pudesse voltar atrás o que faria de diferente?” e em 90% das respostas, com palavras peculiares,

---

<sup>28</sup> “A PNL é um modelo dos modelos que fazemos sobre a realidade que nos rodeia (...). A PNL é um modelo de como funciona nosso sistema nervoso (Neuro), como a linguagem verbal e não-verbal interage com o nosso sistema nervoso (Linguística) e de como podemos usar o que sabemos sobre tudo isso para obter sistematicamente os resultados que desejamos para nós e para os outros (Programação). É a arte de usar o *software* linguístico para influir no *hardware* cerebral programando nosso computador biológico para conseguir os resultados que se deseja” (SPRITZER, 1993: 46). E nesse processo, muito utilizei a seguinte afirmação “Sempre estou no lugar certo, na hora certa, de forma a aproveitar as ótimas oportunidades”.

<sup>29</sup> Segundo esclarecimento do mestre reikiano Marcos Brito, “Reiki é uma técnica japonesa que promove o equilíbrio dos chakras através da imposição das mãos, podendo também ser transmitida a distância. Significado da palavra Reiki: *Rei* significa a *energia universal* e refere-se à parte espiritual, à essência energética cósmica, que permeia todas as coisas e circunda todos os lugares. *Ki* é a *energia vital individual* que circunda nossos corpos mantendo-nos vivos, e está presente, fluindo, em todos os organismos (...)” (s/d: 01).

<sup>30</sup> O mesmo que em outras palavras afirmou Louis Pauster “No campo da observação, a oportunidade só favorece a mente preparada” (*apud* THORPE, 2000: 32).

era dito “ousaria mais”. Diante da aprovação, vendi meu meio terreno e a motocicleta, mudando com meu filho para um novo ambiente, outro clima, outra cultura...

Até então, sequer adentrara em uma universidade pública, considerando-a um solo sagrado. Dizem que, quando o discípulo está “pronto” o mestre aparece, e eis que, foram surgindo alguns excelentes professores e aqueles que por muito influenciaram na minha constituição de modo integral, denomino como Mestres! Meus antigos Mestres. Meu déficit de atenção faz-me perder muito em termos de aprendizado, por vezes pego o “bonde andando” e, em outras na saída, mas, em algum momento, caio dele, para voltar, cair... Entretanto, os ensinamentos deles que me foram possíveis apreender me conduziram a flunar, mais que nunca, meu próprio mundo interior; e o mundo exterior, com o qual, até então, não era tão atenta, observando-o, também muito carente, de ser de outro tipo. Respeito e gratidão eternos. A eles meu ser bate continências!

Um trabalho de uma das disciplinas lido em voz alta por cada aluno na segunda semana de aula do primeiro semestre do curso, compartilhando um pouco da nossa infância, fez com que eu e mais um colega sentíssemos vontade de nos conhecermos. Demonstrando um dos seus pressupostos básicos, ou seja, que na vida o importante é o aprendizado, logo nas conversas iniciais ele me questionou, “O que tu queres de mim?” Disse-lhe que procurava a mesma intensidade dele, e ao devolver a pergunta, comentou que buscava aprender com meu lado pragmático. Tornou-se meu Primeiro Mestre e gastou muito mesmo “seu latim” comigo ao longo dos quatro anos da graduação; no decorrer do tempo quis saber o porquê de sua perseverança em ajudar-me, e ele esclareceu, “Porque eu invisto em seres humanos”.

De tanto ouvi-lo falar em ciência ela se apossou do meu coração. A palavra humanidade era constante em seus discursos e o compromisso com ela foi se fundindo à minha alma. A ele pedi que me ensinasse a pensar. Explanou que nas entrelinhas tudo se interliga a tudo. Sublinhou o quesito evolução, o “efeito bola de neve”, a importância do pensamento, que a vida nos envia sinais. Disse que fazer críticas é fácil e que caso fizesse que apontasse também uma solução. Falou de uma humanidade querendo ser feliz, se debatendo aturdida com o mesmo desespero de quem está se afogando. Que uma solução somente poderia vir da antropologia aliada à tecnologia. Também alertou que eu teria que me virar com a solidão que adviria com o processo de mudanças.

O segundo Mestre surgiu no sexto semestre. Antes mesmo de ser sua aluna, devido aos comentários tecidos pelo pavilhão quatro da FURG a seu respeito por alguns alunos mais antigos do curso, queria saber o que ele tinha para ensinar, se era de fato aquele “dinossauro” todo. Tendo praticamente “beijado a morte”, após um afastamento para cuidar da saúde, ele voltou à sala de aula e inegavelmente era excelência, mas dentro disso ainda, tinha vezes que elevava sua aula a um estado de excelência da excelência! Sobretudo suas aulas de História Contemporânea me abriram internamente para o mundo e as de História Americana me fizeram compreender o “espírito” dos pioneiros norte-americanos. Indiretamente ele ensinou-me a “escrever”.

Esse Mestre, adepto do método maiêutico, sempre manifestava para nós por palavras e atitudes que o exemplo tem de vir de “cima”. Com ele aprendi sobre dever. Ética. De uma força energética incomensurável. Em certo momento, quis saber de onde provinha a justeza de suas decisões, encontrando o espiritual como fonte. Também, algumas vezes, eu intencionalmente abstraía do conteúdo para apenas o observar, sempre “lendo” em seu íntimo uma mesma mensagem a todos os seus alunos, expressa pelo refrão da música Rádio pirata do RPM.<sup>31</sup> Sobre esse Mestre, bem postulou Felipe Nóbrega, outro dos seus ex-alunos, “(...) Por isso lanço a minha teoria: No sétimo dia Deus não descansou, ele parou tudo para inventar Lauro de Brito Vianna”.<sup>32</sup>

O professor de Filosofia, Victor Hugo G. Rodrigues, no primeiro semestre já havia se sobressaído como professor, fundamentalmente por apresentar-me Friedrich Nietzsche, ao escrever no quadro que na verdade não é negro, “é preciso tornar-se o que se é (Nietzsche)”.<sup>33</sup> Mas, é em decorrência dos seus ensinamentos transmitidos a partir do último ano do curso, que o considero um Mestre! Com ele aprendi sobre uma humanidade olhando o mundo pela ótica do desencantamento e da desesperança. Quem insistia em bater o dedo indicador em minha testa dizendo, “O importante é o que está aqui”. Ensinando-me ainda que uma vitória comemorada solitariamente nem de longe se equipara aos espocar de champanhe em conjunto. Focou e contribuiu muito no desenvolvimento da dimensão espiritual.

---

<sup>31</sup> Próximo ao natal de 2008 compartilhei com ele esse meu parecer, deixando um bilhete na caixa de correio de sua casa, juntamente com um DVD contendo essa música, sugerindo que pegasse um café, acendesse um cigarro e assistisse. Na versão enviada, a canção está disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=e56KCRfANpA>>.

<sup>32</sup> Disponível em <[http://territorionobrega.blogspot.com/2010\\_01\\_01\\_archive.html](http://territorionobrega.blogspot.com/2010_01_01_archive.html)>.

<sup>33</sup> Essa afirmação pode ser encontrada na obra “A Gaia Ciência”, “O que diz tua consciência? Deves tornar-te no homem que és” (NIETZSCHE, 2004a: 141).

Quem depois de saber da minha história de vida, sobre o meu aprendizado com os outros Mestres, ouvir as minhas constatações regadas a lágrimas dos estágios em sala de aula; aguçou mais meus sentimentos em relação à ciência, plantando “algo” em minha mente. Afirmou que seu conceito não estava formulado, que isso poderia ser feito no desenrolar do processo, como ele mesmo disse na época, “O que estamos fazendo aqui transpassa a física, mas não é antítese, não é uma instância de pensamento exterior ao físico”, “o humanismo europeu é racionalizado, aqui o humanismo é da imaginação criadora”. E nesse sentido, ele é alguém que pactua com a postura de George Patton, “Não diga às pessoas como fazer as coisas. Diga-lhes o que fazer e deixe que elas se surpreendam com os resultados obtidos” (*apud* THORPE, 2000: 171).

Meu último Mestre humano surgiu além dos muros acadêmicos. Meu aprendizado com ele durou as férias de verão após o término da graduação. Altamente evoluído em todos os sentidos, é terra, fogo, água e ar. Pelas grandes fases evolutivas da nossa civilização, pontuadas por Nelson Spritzer, esse Mestre é um ser da “Quinta Onda”.<sup>34</sup> Postulou que se caminhos se cruzam é porque eles eram para se cruzar, que faltava ainda eu chegar a uma deusa grega. Indiretamente ensinou-me que antes de começar uma luta é preciso encontrar o nosso centro, saber quem somos. E se numa primeira ocasião sublinhou a necessidade de valorizarmos o nosso trabalho, num segundo momento, também deixou transparecer o valor de servir o outro.

No ano novo de 2006, quando ganhei uma rosa rosa de um menino, meu quarto Mestre afirmou que cada pétala dela significava um amor que se partiu na cidade de Rio Grande, e que deveria deixá-la na água até que todas as pétalas caíssem, repassou-me todo ritual a ser feito e vinte e seis dias depois, disse faltar apenas 10% do processo de purificação, os mais difíceis, pois seriam para purificar a ganância da rosa em querer mais e mais pétalas. Dois anos após esse verão, a vida me presenteou com mais ou menos uma hora em sua presença, e como entre as imagens que tenho dele consta a de Oráculo, e meu turbilhão mental necessitava de uma resposta, expus-lhe alguns confusos pareceres, e sua posição foi concisa, “25% o ‘jogo’ e 75% de literatura”.

---

<sup>34</sup> Conforme Nelson Spritzer, existem cinco consideráveis fases de mudanças no nosso processo evolutivo civilizacional, a primeira: Onda da Agricultura; a segunda: Onda da Industrialização; a terceira: Onda da Comunicação; a quarta: Onda da Produtividade; a quinta: Onda da Imaginação, “Pois a Quinta Onda, a Onda da Imaginação, já está ali na esquina esperando por nós. Alguns já pisam firme na próxima onda. Será a onda na qual viveremos, no dia-a-dia, as possibilidades descobertas pela física quântico-relativística. Em outras palavras (...) estados de consciência especiais e o uso do extraordinário potencial da mente humana serão comuns nesses tempos (...)” (1995: 166).

Cursando História-Licenciatura, no sétimo semestre adquirira minhas primeiras obras morinianas, “Os sete saberes necessários à educação do futuro” e “O método 6: ética”, na última, pela primeira vez li acerca da metamorfose antropossociológica, descrita como uma noção mais rica que a ideia de revolução, e sua ressonância em mim tornou impossível esquecê-la. Nessa obra Morin escreve sobre a esperança ética: a metamorfose, pontuando a possibilidade de sairmos da História tanto por cima quanto por baixo. Por baixo, nem quero pensar! E “Sair da História por cima seria passar por uma metamorfose que faria surgir um mundo humano de um novo tipo. A metamorfose pode parecer irracional, mas a verdadeira racionalidade sabe os limites da lógica, do determinismo, do mecanismo (...)” (MORIN, 2005: 181-182).

De posse do diploma em março de 2006, estonteada e cansada, com a sensação de carregar milênios nas costas, voltei com meu filho para Santa Rosa, passando um tempo na casa de minha mãe. Como bem indica Morin sobre a noção de interação, “(...) ela é o cruzamento em que se encontram a ideia de desordem, a ideia de ordem, a ideia de transformação e enfim a ideia de organização (...)” (2008a: 123). Assim, já nos últimos meses havia começado a eclosão das repercussões oriundas da formação acadêmica e da intervenção sobre mim, sem dar nenhuma chance mesmo de assimilar tanta desordem, que haveria de crescer muito mais. E quando é a casa interna que está em reforma, em todos os seus cômodos, não tem como se ausentar para não conviver com a bagunça do processo, o acompanhamento é constante, sentido na pele...

Tornara-se hábito passar horas pensando, inclusive em autocrítica,<sup>35</sup> enquanto caminhava; certa vez, meu filho comentou, “Mãe você parece o Frajola andando de um lado para outro, tentando armar um plano para pegar o Piu-Piu”. Nisso, a meu ver, a pretendida intensidade fora consideravelmente conquistada, me fazendo sentir também como nunca todos os erros de até então, mais os que ainda se viria a cometer, e o manto da culpa recaiu assombrosamente sobre mim. Um abalo sísmico atravessava-me integralmente e me peguei num tórrido romance com a elogiada de Erasmo de Roterdã, a loucura. Muito cortejei essa dama! Mas como a auto-ética nos convoca, entre outros, a uma dialógica entre sabedoria e loucura, não deixei de procurar me entender também com a sabedoria, não necessariamente significando que tenha conseguido:

---

<sup>35</sup> A ética de si comporta, entre outros, a autocrítica, “Trata-se de dar energia a uma consciência autocrítica de controle que possa analisar com a menor descontinuidade possível os nossos comportamentos e pensamentos para neles reconhecer a autojustificação. A autocrítica é o melhor auxiliar contra a ilusão egocêntrica e em favor da abertura ao outro” (MORIN, 2005: 95).

A auto-ética religa-nos à nossa humanidade: incita-nos a assumir a identidade humana no seu nível complexo e convida-nos para a dialógica razão/paixão, sabedoria/loucura. Reclama a nossa compreensão da condição humana, com seus desvios, ilusões, delírios. Estimula-nos à reforma, a que reformemos nossas vidas. Entrega-se ao amor, à compaixão, à fraternidade, ao perdão e a redenção” (MORIN, 2005: 143).

Sabia que levaria algum tempo para “metabolizar” singularmente os ensinamentos recebidos, mas mesmo assim fiz algumas tentativas de vôo, sobretudo porque meu Primeiro Mestre, nas nossas últimas conversas fora claro, “Agora eu quero resultados, me apresente resultados”. E eu não poderia deixar de no mínimo tentar, numa dessas ocasiões estive na prefeitura de Santa Rosa, propondo um projeto - imaturo mesmo - para o prefeito da época, e lembro bem de ouvi-lo dizendo, enquanto eu mesma contemplava as marcas de terra vermelha em meus calçados, “Eu imagino o quanto deve estar sendo difícil para você estar aqui”. Entretanto, diante de todos os ensaios de liberação das asas nesse sentido, a vida passou a dizer-me incisivamente, “ledo engano mulher, entre outros, antes é tempo de aprender a se curvar”.

Que sorte a minha a vida ter feito questão de, sem consulta prévia, arrastar-me a uma travessia por uma espécie de deserto pessoal - onde ainda permaneço guerreando com o “dragão”. No percurso sempre houve ajuda de outras pessoas na medida e do modo que a vida julgou necessário ao aprendizado que transmitia, mas se “(...) é no indivíduo que se situa a decisão ética; cabe a ele escolher os seus valores e as suas finalidades” (MORIN, 2005: 29), ela fixava que era tempo de pensar e repensar muito. O que me remete ainda às “Três transformações do espírito” preconizadas por Friedrich Nietzsche em seu livro “Assim falou Zaratustra”, onde primeiro o espírito se muda em camelo, de camelo faz sua passagem para leão, e finalmente, uma limitação do imponente leão o induz a transformar-se em criança.

Segundo Nietzsche, primeiro o espírito forte e sólido convoca para si as coisas mais pesadas e diante do que há de mais pesadíssimo, tal qual camelo ele ajoelha-se, se sobrecarregando para percorrer seu próprio deserto onde se muda em leão, agora o espírito “(...) quer conquistar a liberdade e ser senhor no próprio deserto”, e para estabelecer o seu “Eu quero” precisa combater seu último senhor, o dragão, o “Tu deves”, reluzindo valores milenares, “Criar valores novos é coisa que o leão não pode;

mas criar uma liberdade para a nova criação, isso pode-o o poder do leão (...); e por fim, o espírito se transforma em criança, que é “(...) a inocência, e o esquecimento, um novo começar, um brinquedo, uma roda que gira sobre si, um movimento, uma santa afirmação”, “(...) o que perdeu o mundo quer alcançar o seu mundo (...)” (2002: 35-36).

É impossível descrever o caminho todo, a real experiência em cada passo do percurso até os dias atuais, entretanto, se houvesse alguma possibilidade disso, saber o trajeto não é o mesmo que a vivência de tê-lo percorrido. Nesse âmbito, certo alerta me fora dado através de um telefonema recebido pelo fim da graduação de uma conhecida de São Paulo, uma pessoa que ela não conhecia a abordara em um bar apenas para lhe transmitir uma mensagem que ela saberia a quem repassar, e entre o conteúdo, “Diz a ela que o caminho fácil nem sempre é o certo”. Ou seja, sem me arrepender, sei o custo de cada aprendizado, pois como o próprio Morin indaga, “(...) Com quais perdas, com quais gastos, com quais esbanjamentos, com que preço exorbitante é preciso pagar um átomo, um astro, uma vida, o mínimo de existência, um beijo?” (2008a: 112).

Naqueles idos, eivada pelo amor à ciência e pelo compromisso com a humanidade, mais que nunca, segurei as rédeas da minha vida, nisso decidindo testar algo novo, ao procurar soltá-las em outro nível. Lembrando uma asserção feita pelo meu terceiro Mestre, “Por vezes somos tão mesquinhos que queremos a decisão do nosso destino só para nós, mas é preciso se abrir um pouco para a manifestação dos milagres da vida, então não somente falamos com Deus, mas comungamos com Ele”, como a medida estava bem além de mim, atirei-me tresloucadamente em deixar-me ser guiada pela vida, pela esfera espiritual, ao mesmo tempo em que, buscava estabelecer meu próprio entendimento nesse último quesito,<sup>36</sup> todavia, semelhante ao resto, essa construção também tem sido aos poucos, num paciente e insistente labor.

Expondo outro argumento para ter focalizado na dimensão espiritual, sublinho que, são vários autores anuindo que na contemporaneidade passamos por uma grande mutação civilizacional, entre eles, Leonardo Boff, “(...) Estamos entrando numa nova fase do processo de hominização, num novo patamar da consciência e numa nova era para o planeta Terra (...)” (2003: 11). Nesse sentido, pontuando uma série de travessias que a humanidade está realizando nesta passagem civilizacional, Boff destaca como

---

<sup>36</sup> Pois, como nos diz Leonardo Boff, “(...) precisamos estar atentos aos sistemas que nos querem enquadrar, seja nos modelos de família, de escola, de formas de consumo, de um mesmo modo de sentir e viver a dimensão espiritual (...)” (2009: 24).

último item, a travessia gradativa e necessária do ser humano, numa religação ainda com Deus, segundo ele, essa religação permite uma espiritualidade cósmica, empática com todo ser vivo, “(...) Sem esta espiritualidade dificilmente chegaremos a ter mais veneração e respeito pela mãe-Terra” (1998: 117).

Melodiado em certa canção, este fragmento, “Vento ventania me leve para as bordas do céu, eu vou puxar as barbas de Deus (...)”,<sup>37</sup> invoca em mim a imagem de Deus que muito povoou minha mente, a do velhinho de cabelos e barbas longas e brancas. Posterior a queda dessa imagem, em alguns momentos de desespero, já Lhe tinha implorado ajuda, mas após a graduação eu passara a perguntar-me, entre/além do que dizem acerca Dele, que é Deus? Não obstante, os sinais me levaram a querer entender do que chamam de Espírito Santo e numa manhã que fui varrer a área da frente da casa da minha mãe, vi nela uma única folha da Bíblia, suja de terra vermelha, provavelmente trazida pelo vento, do livro de Mateus, que despertou minha curiosidade pela figura de Jesus. Ao mesmo tempo, buscava estudar um pouco sobre mediunidade.<sup>38</sup>

Nesse ínterim, uma noite tive um sonho que passou a pesar muito nas minhas decisões pessoais dali por diante, mesmo sabendo da aposta imensa intrínseca a isso e por mais difícil que momentaneamente fosse para mim e para as pessoas com quem interagira mais proximamente. No sonho eu caía num precipício enorme, mas como a queda acontecia lentamente, durante eu ia pensando e repetindo, “Ele vai me segurar, Ele vai me segurar...”, e não foi diferente, atingi o chão em pé e seguramente. Mas não conseguiria confiar Nele sem Colocá-lo à prova - mesmo que tenha sido dito para não tentar o Pai - me colocando em situações que, se o espiritual em si me faltasse, eu estaria bem enrascada! Contudo, não quer dizer que muitas e muitas vezes não tenha me questionado se a loucura não havia se alastrado totalmente em mim.

<sup>37</sup> Música “Vento ventania” da banda de rock Biquíni Cavado. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=gWLurhJgB7E>>.

<sup>38</sup> Dado que, a literatura espírita afirma que esta é uma aptidão inata de todo ser humano, que se manifesta naturalmente, porém em graus e potenciais diferenciados em cada um, e é aperfeiçoada através do estudo e da prática, “Mediunidade é uma faculdade, isto é, uma capacidade, aptidão inata, disposição, tendência humana natural pela qual se estabelecem as relações entre Espíritos encarnados e desencarnados. Não é um poder oculto que se possa fazer instalar num indivíduo através de práticas rituais ou pelo poder misterioso de quem quer que seja. Pertence ao campo da comunicação. Destina-se ao ato de emitir, transmitir, receber mensagens por meio de processos convencionais, através da linguagem falada, escrita ou de outros sinais, símbolos, aparelhamentos técnicos especializados sonoro ou visual. Desenvolve-se, naturalmente, no sentido de aumentar, ampliar, progredir, melhorar, crescer, nas pessoas de maior sensibilidade para a captação mental e sensorial de coisas e fatos do mundo espiritual que nos cercam e nos afetam com suas vibrações psíquicas e afetivas. Da mesma forma que a inteligência e as demais faculdades humanas, desenvolve-se no processo de relação; quanto mais estuda, conhece e usa, mais amplitude e sutileza (...)” (BIGHETTI, 2004: 23-24).



Nesse ritmo, no “rolar das pedras”, em 12 de outubro de 2006 retornei para Rio Grande. A desordem e a intensidade com que estava sentindo tudo desencadearam a gritante sensação de que, inclusive minha matéria parecia estar se desintegrando, e quanto mais o tempo passava, mais eu percebia o quão tardígrado estava sendo meu processo de transmutação. Paralelamente, flanava nossa época histórica, uma das formas de sobreviver, as faxinas, me permitiu adentrar nos lares; com alguns poucos projetos voluntários, me aproximei de professores, de pais, de alunos do ensino fundamental. Foi num desses encontros, que um aluno de oitava série, se referindo ao mundo em que vivemos questionou-me, “Vais me dizer que isso aqui não é mesmo um inferno?” E nestas e outras a humanidade passou a adquirir rostos e nomes.

Ao mesmo tempo, passei a frequentar um centro espírita de umbanda, no início apenas assistia, mas quando através de um médium uma entidade,<sup>39</sup> o cigano Miguel, que não poderia ter sido mais convincente, disse-me, enquanto apontava para o centro da seara, “Senhora é ali que está a luz!”, mesmo sabendo que muitas mariposas padecem incineradas pela chama da vela que as atraiu, quis participar da corrente de trabalho. Mas também só fizera porque tanto a dirigente, uma senhora idosa e extremamente jovial, como as próprias entidades que trabalhavam no local, respeitavam a individualidade do sujeito no processo de desenvolvimento mediúnic, devendo esse acontecer de forma natural. Demonstrando saber que, a borboleta só está apta a voar quando o casulo se rompe naturalmente...

Ao falar em dominação, creio que esta não acontece só aqui ou só lá; desta ou daquela forma. A dominação se expressa com muitas evidentes e sutis facetas. Assim, com o mesmo afínco que me vigio para evitar exercer algum tipo de domínio, acautelome com as dominações exteriores, sabendo que, em ambos os casos, as correções são feitas gradativamente. E refutando também as algemas colocadas pelas religiões, venho estabelecendo o meu próprio modo de viver essa dimensão. Nisso, indubitavelmente meu foco principal está na trindade Deus/Espírito Santo/Jesus, mas existem seres do

---

<sup>39</sup> Segundo informações coletadas no site do Templo Umbandista “A Caminho da Luz”, Casa do Caboclo da Lua, fundada em 22/11/1968 no Rio de Janeiro, “Entidade é o nome dado a todos os espíritos que estão em uma faixa de vibração boa para o trabalho na Umbanda. Conforme seu grau de evolução espiritual, esses espíritos são levados a fazer parte de uma falange (agrupamento de espíritos), a fim de atuarem, aprenderem, evoluírem espiritualmente (...). Existem entidades de Alta, Regular e Baixa, faixa vibratória, e por isso elas se dividem em vários grupos: Falangeiros de Orixá, Caboclos, Pretos Velhos, Exus, Pomba-Giras, Ibeijadas e demais entidades que atuam de formas diferentes (...)” <<http://www.umbandaesoterica.com.br/ac1Entid1.html>>.

mundo espiritual que me são caríssimos, das mais diversas religiões e escalonados por elas em diferentes patamares evolutivos. E por certo espírito nasceram/renasceram sentimentos que acabaram transcendendo, suas valiosas lições o tornaram tão importante para mim, e ele já fez questão de demonstrar que a importância é recíproca.

Esse meu Mestre é o velho Omulu, conhecido como o “Senhor da Transformação”. Sendo um exu de almas, espiritualmente ocupa um dos mais altos postos na calunga pequena, daí ser chamado ainda de “Senhor dos Cemitérios”. Claro que dizem algumas coisas trevosas a seu respeito, mas certamente que não o teria em tão alta consideração caso, ao longo desses anos que de um modo ou outro me orienta, não tivesse comprovado sua sabedoria e sentido sua intensa luz. Numa conversa, através de um médium, outra entidade de tão alto escalão quanto, outro exu de almas, Seu Tata Caveira, afirmou que ele e Seu Omulu já pertenceram ao eremitismo religioso, sem templos, se baseando nos ensinamentos de Jesus, por um semestre viviam na floresta, buscando sabedoria também na natureza; e no outro, com seus cajados, andavam de povoado em povoado, compartilhando seu aprendizado, acalentando o povo.

Conscientemente, minha relação com Seu Omulu inicia na terreira de umbanda que participava. Apenas na primeira sexta-feira do mês ele trabalhava ali através de um médium. Nelas, tinha vezes que me bastava receber sua energia, noutras precisava dialogar, e as conversas giravam mais acerca da minha missão. Disse-me que nada me aconteceria se eu não a cumprisse, só deixaria de ganhar luz; que, “A senhora vai abrir caminho para o novo, vai dizer a eles o que é ser humano, que sem o espiritual não há salvação para a matéria”, que meu papel nesta jornada terrena consistia em ser a mensageira, e entre suas incumbências estava orientar-me. Quem através de outra médium, ano passado fez questão de ressaltar que eu não esquecesse que nenhum orixá vem sozinho, que tem sempre um exu abrindo o caminho para ele...

Já tinha visto a casa da minha vizinha ser totalmente pilhada um dia após seu falecimento. Voltar para minha choupana - meu reino - por vezes em torno das vinte e uma horas, depois de ter trabalhado na faxina desde as oito da manhã, me fez perceber minha vida toda como um dia desses na limpeza; aonde se vai, faz o que se encarregou de fazer, retornando para casa com a impressão de responsabilidade cumprida. Também, em outra terreira de umbanda, que frequentava para assistir, em certa ocasião, uma entidade, o cigano Josué, contribuiu para desmoronar mais o tempo dentro de mim, num

flash, a sensação intensa foi a de ter posto os pés na eternidade, senti como se depois de muito caminhar, tivesse percorrido um círculo, voltando ao ponto de onde partira.

Conforme o mito, a única chance de alguém sobreviver à Esfinge que permanecia na porta da cidade de Tebas era desvendando o enigma imposto por ela, Édipo conseguiu essa proeza, mas entendo que, independente de deciframos ou não seu enigma, é a “Esfinge” que acaba sempre por devorar a todos nós, a nossa vida humana. De um modo ou outro a vela acesa se consumirá. Pois, mesmo que, através de uma organização ativa o sistema lute constantemente para evitar sua desintegração, conforme ressalta Morin, em algum momento a sua ruína se consolidará mediante convergência das agressões externas e da regressão interna, “(...) A morte aleatória do exterior vem pegar a mão da morte escondida no interior da organização. Assim, todo sistema é desde o nascimento condenado à morte (...)” (2008a: 156).<sup>40</sup>

Dialoguei com entidades que, sem me impor nada - nas vezes que infligiram era somente para eu aperfeiçoar o discordar e ter uma postura pessoal - me orientaram para que chegasse por mim mesma a algumas repostas, as conversas aumentavam meu leque de reflexão, mas apenas eu poderia realizar minhas próprias escolhas, sabendo que teria de lidar com as consequências delas - obviamente que não desconsidere o risco da sujeição vinda do exterior, mas minha preocupação maior sempre foi a de estar sendo subjugada dentro de mim mesma.<sup>41</sup> Nisso, depois de muito observar e sentir o mundo interno e externo, tendo colocado tudo na balança, pesado e repesado inúmeras vezes, em pleno emprego da auto-ética, decidi que para mim nada se sobrepunha mais que evolução na dimensão espiritual.

Na mesma seara de umbanda que fiz parte da corrente de trabalho - encerrando minha experiência nesse sentido em dezembro de 2009 - numa noite sentei-me aos pés de outra entidade, um preto-velho chamado Rei Congo, com quem dialoguei raríssimas

---

<sup>40</sup> “(...) Os sistemas não transacionais perduram sem viver, se desintegram sem morrer. À meia-vida somente meia-morte. Apenas a complexidade trágica da organização viva corresponde a seres que sofrem a plenitude da morte. Para eles, o antagonismo significa, de forma complementar, concorrente e antagonista e incerta: vida, crise, desenvolvimento, morte” (2008a: 156).

<sup>41</sup> “A qualidade de sujeito garante a autonomia do indivíduo. Contudo, este pode ser submetido. Ser submetido não significa ser dominado de fora, como um prisioneiro ou um escravo; significa que uma potência subjetiva mais forte impõe-se no centro do programa egocêntrico e, literalmente, subjuga o indivíduo, que acaba possuído dentro de si mesmo. Assim, o sujeito (no sentido autônomo do termo) pode tornar-se sujeito (no sentido dependente do termo) quando o Superego Estado, Pátria, Deus, Chefe prepondera dentro do programa de inclusão (...). Podemos ser possuídos subjetivamente por um Deus, um Mito, uma Ideia, e é essa ideia, esse mito, que, instalado como um vírus no programa egocêntrico, nos comandará, imperativamente, enquanto cremos servir voluntariamente” (MORIN, 2007b: 79).

vezes, e todas quando considerava a situação vivida extremamente dramática. Naquela noite, durante a nossa conversa, ele me fez várias perguntas, a respeito se já encontrara a resposta “disso e daquilo”, às quais lhe respondia com um sim imediato. Porém, quando me questionou se já encontrara o meu dever, mesmo de posse da resposta, antes mais uma vez pensei em algumas implicações, e em certas possíveis consequências desse dever a cumprir, e só depois assenti, “Sim, é para com a caridade”. Naquele momento, lendo em seus olhos, “Então, por ora, não há mais nada a ser dito”.

Assim, ao me deparar com o Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global, verificando que basicamente almejávamos a mesma coisa, ou seja, contribuir com a transformação humana e social, acreditei que poderia servir, colaborando para a efetivação das premissas teóricas da E.A, mas no âmbito da/e norteadas pela Complexidade de Edgar Morin. E como somente consegui elaborar decentemente a resposta da prova escrita do processo seletivo de mestrado na terceira tentativa, nesse ínterim estive aprendendo também com a E.A, ao participar como aluna especial da disciplina de Educação Ambiental e Complexidade, ministrada pelo meu orientador. E mesmo que meus conhecimentos sobre essas “duas senhoras” ainda sejam precários, isso acresceu meu entendimento delas.

### 3.2. A constituição complexa como educadora ambiental

*“Gosto de sentir a minha língua roçar a língua de Luís de Camões, gosto de ser e de estar e quero me dedicar a criar confusões de prosódia e uma profusão de paródias que encurtem dores e furtem cores como camaleões (...)”*  
(Caetano Veloso – Língua).

Ao ingressar no mestrado, entendia de Complexidade e Educação Ambiental o suficiente para constatar que elas são muita coisa! E sabendo que a foice do tempo do curso de mestrado não poupa nenhuma pesquisa, ambicionava como primeiro passo apenas aprender um pouco mais sobre meu referencial teórico e de Educação Ambiental, com o PPGEA em si. E para obter base teórica através da pesquisa, como a auto-ética não deu nenhum sinal adverso, pretendia investigar as dissertações e teses do PPGEA, dentro de algum limite temporal, analisando se e em que medida os discentes do Programa pensavam de modo complexo. Nisso, tinha claro enfatizar os vetores que obstaculizam o educador ambiental de operar o pensamento complexo. Uma rota definida. Um porto seguro. Tudo certo.

Errado, incoerente em tantas coisas! Disseram os aprendizados recebidos já no primeiro semestre. Como bem observa Morin, há um vínculo entre formação e transformação, o que forma transforma, transformação e formação se constituem num processo contínuo e recursivo (2008a: 147). As aulas de Metodologia de Pesquisa em Educação Ambiental sublinhavam a necessidade de uma pesquisa pela qual estivéssemos intensamente apaixonados - entendi isso ainda como um meio de amenizar o martírio que creio ser inevitável para qualquer um ao parir uma dissertação ou tese. E entremeio a tantas outras influências para a mudança de rumo, meu querido colega de mestrado Diego M. Cipriano, conhecendo minha intenção de pesquisa, um dia me questionou, “E a tua? Qual o nível de complexidade que a tua vai ter?”

Nestas alturas, é do conhecimento do leitor o conceito, dentro do sustentáculo teórico primordial deste estudo, que faz meus olhos cintilar. Contudo, ao assumi-lo na pesquisa, como delinear um estudo de mestrado gravitando a transmutação de nosso tempo apregoada por Morin? Rabiscando essas linhas posso dimensionar bem as relíquias dadas pela Educação Ambiental na minha constituição num todo, porém para chegar até aqui, para receber os presentes ofertados, aos quais manifesto enorme gratidão, naqueles idos foi preciso começar a me perder mais um pouco. Também, antes

vivendo muito mais as aflições causadas pelas características da Complexidade, para agora, até porque mais íntima dela, querer me aventurar mais ainda com ela!

Assim, relembro que:

(...) Ser sujeito comporta a auto-afirmação de um ‘eu apenas eu’ no centro do seu mundo, origem de um egocentrismo vital que pode degenerar em egoísmo, mas comporta, ao mesmo tempo, a aptidão de se integrar em um ‘nós’, origem da capacidade de se dedicar ao bem comum ou ao próximo. Tudo se passa como se em cada indivíduo/sujeito houvesse dois softwares simultaneamente complementares e antagônicos (MORIN, 2010: 205).

E destacando que, “Todo olhar sobre a ética deve levar em consideração que a sua exigência é vivida subjetivamente (...)” (MORIN, 2005: 21).<sup>42</sup> A tentativa de disciplinar o egocentrismo e desenvolver o altruísmo, mais um dever a cumprir, já tinham me causado literalmente muitas dores de cabeça, que já haviam se retirado. E desde que comecei a procurar conceber uma pesquisa, onde meu coração estivesse todo e plausível no prazo de mestrado, não conseguindo viabilizar nada, o inexorável tic-tac do relógio, a pressão do calendário anunciando o passar dos dias, exigindo cada vez mais essa construção “para ontem”, e o tormento e as antigas dores, mais uma vez, disseram-me, “eis me profundamente em ti!”

Antes, no período das provas mais penosas, solicitara o valor de dez reais por dez meses para algumas poucas pessoas, para que pudesse pensar um projeto que contribuísse a uma melhor qualidade de vida, recebendo da maioria um sim, duas da cidade de Santa Rosa e o restante de Rio Grande, em algum momento, a primeira contribuinte perguntou-me como ia o projeto e apenas pude lhe responder mais ou menos assim, “As coisas ainda não estão em ordem na minha cabeça”, não falou mais nada, alcançando-me sua contribuição mensal. Em outra ocasião, arrecadei dinheiro para comprar alguns livros necessários ao “tal projeto”, obras que influenciaram na minha aprovação no processo seletivo de mestrado em Educação Ambiental.

---

<sup>42</sup> “(...) Impõe-se com a força desse tipo de possessão que nos leva a ser possuídos por um deus ou por uma ideia. Esses dois aspectos, místico e possessivo, parecem emanar de uma fé invisível (...). A fé inerente ao dever experimentado interiormente, no caso em que a ética não tem mais fundamento exterior, é a fé na própria ética. Uma fé que, se utilizamos a palavra ‘valores’, é uma fé nos valores aos quais ela nos entrega. Uma fé que, como toda fé moderna, pode comportar a dúvida” (MORIN, 2005: 21).

No início do segundo semestre, compreendendo um pouco do sentido por Marya Sklodowska, durante seu curso em Física na Sorbonne, ao saber ter sido beneficiada com a Bolsa Alexandrowitch,<sup>43</sup> fora contemplada com uma Bolsa de Desenvolvimento Social da CAPES - depois disso, um dia, numa conversa sobre misticismo com um grupo de colegas, o “bendito fruto” entre nós, Tiago F. Santos se aproximou de mim e sorrindo disse-me, “É, hoje as bruxas só não vão mais para a fogueira como algumas ainda são pagas pela CAPES”. De diferentes formas, através de secretários, professores, alunos eu vinha recebendo muitas dádivas do PPGEA, da vida. Além do meu orientador, inclusive emprestando-me diversos materiais que acreditava contribuir à pesquisa, como de fato ocorreu. E a responsabilidade e a aflição só cresciam.

Novamente tive de me haver com as baixas temperaturas, cada vez mais além do que poderia dispor-me suportar, se necessário, para aquecer alguém. Entre outros aprendizados oriundos desse processo, no dia em que solicitei uma entrevista com o professor Victor Hugo G. Rodrigues, que também pertence ao quadro docente do PPGEA, senti o valor de quando alguém, observando em camadas mais profundas teu estado, segura as tuas glaciais mãos entre as suas mãos quentes; não somente, ele anotou ainda uma prece aconselhando que a fizesse muitas vezes.<sup>44</sup> Não que não tenha aprendido a me relacionar com os elementos terra, água e ar, mas como disse anteriormente, de certa forma, sinto-me um ser do fogo, e nunca entendi a razão dele pouco poder diante de gélidos invernos...

De diversos modos busquei ajuda para a concepção das delineações do estudo. Embora não só, uma citação de Sigmund Freud, mencionada por Mario Osorio Marques, em sua obra “Escrever é preciso: o princípio da pesquisa”, que estudávamos nas aulas de Metodologia de Pesquisa em Educação Ambiental, onde o fundador da

---

<sup>43</sup> O quinto volume da coleção “Grandes Vocações” resgata a história de vida de cinco cientistas de projeção mundial, entre eles, Álvaro Moreyra expõe a vida da polonesa de Varsóvia, Marya Sklodowska, mais conhecida como Madame Curie, enfatizando as necessidades materiais passadas por ela para conseguir cursar Física na Sorbonne na França (s/d: 101) até ganhar a Bolsa Alexandrowicht, criada para auxiliar estudantes mercedores de estudo no estrangeiro (*ibidem*: 103). Superando diversos obstáculos, ela e seu marido Pierre Curie descobriram dois elementos químicos novos, o polônio e o rádio, e em 1903, eles, mais Henri Becquerel, ganharam o Prêmio Nobel de Física e em 1911, Madame Curie ganhou o Prêmio Nobel de Química (*ibidem*: 159).

<sup>44</sup> Essa é a prece que contribui para levar embora as minhas dores de cabeça, “Eu sou uma partícula divina. Eu sou a soma dos meus antepassados. Senhor antepassado que não tivestes a permissão de estudar. Por favor! Estudes através de mim. Senhor antepassado que tivestes a permissão de estudar. Por favor! Estudes através de mim. Meishu Sama. Receba meus antepassados para que sejam encaminhados e tornem-se ótimos instrumentos na obra divina e façam felizes o maior número de pessoas”.

psicanálise sugere a abertura da porta do inconsciente<sup>45</sup> nos momentos de criação (2001: 37), algo tentado por pintores e escritores, sobretudo surrealistas,<sup>46</sup> lembrou-me da possibilidade de, e muito me empreendi em tentar utilizar o inconsciente. Das pessoas recebi mesmo toda cooperação que lhes era possível, porém fica muito mais difícil quando não conseguimos ordenar as ideias da mente na amplitude necessária e manifestá-las, compartilhá-las de algum modo.

Pesando nas minhas ponderações, a Complexidade diz que não apenas não opera a disjunção entre reflexão e ação, como entende que “(...) A ação é o reino concreto e às vezes vital da complexidade” (MORIN, 2007a: 81). E a literatura da Educação Ambiental também não postula nada distinto, segundo Mauro Guimarães, não relacionar essas dualidades é estar preso à armadilha paradigmática (*in* FERRARO JÚNIOR, 2005: 194). Ainda, o próprio PPGEA, identificando-se em si numa perspectiva crítica<sup>47</sup> de Educação Ambiental, cujo propósito fundamental é a transformação social, enfatiza a necessidade de intervir e no meu caso, esse aprendizado foi muito solidificado através do professor Alfredo G. M. Gentini, que trabalha com as micro-intervenções e numa entrevista me cedida, ressaltou:

(...) Outra coisa ligada com a micro-intervenção tem a ver com a tentativa de mudar um pouco a atitude dos intelectuais frente aos problemas, a maioria de nós somos muitos queixosos, lamentadores, apocalípticos, diagnosticadores, mas não fazemos nada ou pouca coisa, a micro-intervenção tem o intuito de dizer, tudo bem, todo diagnóstico é espantoso, vamos para o fim do mundo, e o que fazemos agora aqui você e eu? Onde a gente está o que podemos fazer? Por isso, a micro-intervenção, onde

---

<sup>45</sup> “O inconsciente *como região do psiquismo com leis próprias de funcionamento* é uma descoberta estritamente freudiana. Ele a estudou e conceituou de forma distinta em dois momentos de sua obra: a) Na teoria topográfica (do grego topos=lugar) seria um lugar onde os afetos, representações e derivados das pulsões em geral se manteriam fortemente reprimidos, proibidos de ganhar acesso ao consciente; b) Na teoria dinâmica (ou estrutural) se encontra distribuído entre os derivados das pulsões provindos do id, com grandes partes do ego e do superego; os três juntos constituem o aparelho psíquico e mantendo-se como instâncias separadas porém, em permanente interação” (ZIMERMAN, 2001: 213).

<sup>46</sup> “A expressão ‘surrealismo’ é francesa e significa algo como ‘aquilo que está além do realismo’. Em 1924, André Breton publicou seu *Manifesto surrealista*. Nele, Breton declara que a arte deveria ser criada a partir do inconsciente, pois só assim a inspiração do artista estaria livre para produzir suas imagens oníricas e o artista poderia buscar um ‘super-realismo’, no qual as barreiras entre sonho e realidade fossem abolidas (...)” (GAARDER, 1995: 469-470).

<sup>47</sup> Nas palavras de Loureiro: “No âmbito do que chamamos de Educação Ambiental emancipatória, poderíamos incluir outras denominações como sinônimo ou concepções similares: Educação Ambiental crítica; Educação Ambiental popular; Educação Ambiental transformadora” (2004: 33).



na minha vida cotidiana? Não existe no primeiro mundo uma reunião internacional de “não sei que”. É aqui onde você está e eu estou. Onde estamos o que podemos fazer? (...) (notas de entrevista: junho/2010).

Em 14 de dezembro de 2010 sonhei com meu orientador, nele nós nos encontrávamos para uma conversa de orientação em uma sala de aula, ele já estava sentado, também sentei, lhe solicitando que falasse, e ele me alcançou uma folha em branco dizendo que estava ali para me ouvir falar.<sup>48</sup> Três noites antes sonhara com meu co-orientador, que no início de novembro aceitou meu convite para trabalharmos juntos na pesquisa. No sonho, estávamos em uma casa, e ele me falou que estava sentindo cansaço e que necessitava descansar um pouco, então entrou em um quarto e se deitou no lado direito da cama, e como ele sentia um leve frio, peguei a manta já disponível na beira da outra ponta da cama e o cobri, e antes de eu sair do aposento ele me pediu apenas que ligasse o rádio que estava sobre uma cômoda. Ou seja, queria música!

Somado a outros ensinamentos de onde extraía ainda a mesma mensagem, essas duas orientações recebidas em outro nível dos meus superiores nesta pesquisa - que me auxiliando cada um à sua maneira, sempre deram margem para que o ensinamento fosse posto em prática nela - reiteravam a necessidade e elevavam minha compreensão de auto-fidelidade. A auto-ética traz consigo a ética da honra, e como ressalta Morin, “A honra obriga-nos a assumir os nossos pensamentos e não aqueles ditos por ordem ou por conformidade” (2005: 99). E mesmo cogitando de que no fim, só restasse de fato à Academia cantar para mim, “(...) filha você é a ovelha negra da família, agora é hora de você assumir e sumir (...)”,<sup>49</sup> no processo de construção da pesquisa, dentro das minhas possibilidades, venho procurando efetivar também esse aprendizado.

Mediante que, meu entendimento primordial estava centrado na esfera espiritual, desde o começo da busca pelas delineações do estudo, especialmente nessa instância estive atrás de ajuda, suplicando por sabedoria, como nos últimos anos, embora logo nos primeiros meses, com pesar compreendesse que, ao menos para mim, ela não estava

---

<sup>48</sup> Entremeio as aflições desejava encontrar uma direção mais “concreta” e assim a buscava ainda através da prática sugerida por Joseph Murphy em sua obra “Telepsiquismo: como alcançar a vida perfeita”. Segundo ele, “Todos nós possuímos o poder do telepsiquismo, que significa uma comunicação constante com os poderes variados e maravilhosos de nossa mente (...)” (s/d: 11). E como isso pode ser direcionado para o mundo onírico, procurava obter as respostas para a pesquisa através dos/nos sonhos.

<sup>49</sup> Da música ovelha negra da Rita Lee, que na interpretação de Lenine está disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=2HItBQUvG94>>.

pronta, não viria em toque de mágica, seria um processo em construção; mesmo assim, implorei a todos os seres espirituais que pude por iluminação para pensar a pesquisa, entre eles: Deus, Jesus, o Espírito Santo, os orixás Xangô/Oxum/Ogum, o velho Omulu, Saint Germain, os arcanjos Miguel e Gabriel, Nossa Senhora Aparecida, São Cosme e São Damião... E a meu ver, por quase um ano, nada consistente parecia advir.

Não sou ateu em minhas crenças,<sup>50</sup> mas tampouco possuo, ainda, uma fé inabalável! E mais dúvidas vieram. Em um dos nossos diálogos, Rei Congo me dissera que tudo que eu precisava para o cumprimento da minha missão me era alcançado nas mãos, mas no meu entendimento não era isso que estava acontecendo. O martírio foi tanto que meu ser adoeceu integralmente. Desde o término do curso em História que vinha fazendo tudo que era possível para descobrir um aporte à humanidade. Mas que podemos fazer pelo outro quando a sensação é de não conseguir nem ajudar a nós mesmos? Compreendendo peculiarmente, mais ainda o grande hiato entre querer e ser capaz, que as boas intenções do educador ambiental não bastam.<sup>51</sup> Conforme já observara Friedrich Nietzsche:

Ideal e matéria - Tu tens um nobre ideal em vista: mas serás tu feito de uma pedra suficientemente nobre para poder dela fazer uma tal estátua divina? E mais, todo o teu trabalho chegará a outro resultado que não seja uma escultura bárbara? Uma injúria contra o teu ideal? (2004a: 135)

Enquanto ser humano o educador/pesquisador ambiental também é 100% natureza e 100% cultura, possuindo uma singularidade única em todas as dimensões da

---

<sup>50</sup> Pois conforme enfatiza Morin sobre a noosfera, “Todas as sociedades engendram uma noosfera, esfera das coisas do espírito, saberes, crenças, mitos, lendas, ideias, onde os seres nascidos do espírito, gênios, deuses, ideias-força, ganham vida a partir da crença e da fé” (2007b: 44), e segundo ainda esse autor, “Com seus saberes, mitos, crenças, ideias, a noosfera participa de modo reflexivo do circuito auto-organizador da sociedade e do indivíduo. Não se trata de um escapamento de fumaça, mas de um fervilhar de potências espirituais” (*ibidem*: 45).

<sup>51</sup> Nesse sentido, é importante destacar que um dos grandes problemas que se apresentam ao educador ambiental diz respeito à questão paradigmática, a consciência do educador ambiental de que o pensamento cartesiano não é suficiente para pensar a complexidade humana, do mundo, da degradação ambiental, choca-se com o fato de que desde o século XVII o pensamento ocidental tem como modelo de pensamento hegemônico o modo de pensar cartesiano, por meio do qual se aprende e ensina-se. Quanto à formação de educadores ambientais, Mauro Guimarães realça a necessidade de esforço de ruptura com o que denomina de “armadilha paradigmática”, por esta ocasionar limitação compreensiva e incapacidade discursiva (*in* FERRARO JÚNIOR, 2005: 193). Na opinião de Viégas, “Esta armadilha paradigmática impossibilita que os educadores ambientais implementem práticas educativas em uma perspectiva crítica, mesmo quando sensibilizados e motivados por esta perspectiva da educação ambiental (*in* FERRARO JÚNIOR, 2005: 76).

sua multidimensionalidade humana, nisso têm déficits/potenciais e um ritmo próprio, e por mais que deseje ninguém pode dar mais do que tem para dar em um determinado momento. E ao pensarmos/fazermos Educação Ambiental, ao considerarmos o desencadeamento de uma intervenção<sup>52</sup> em favor da emergência da metamorfose antropossociológica à luz da Complexidade; não lidamos com coisas fáceis nem rapidamente atingíveis. Como nos diz Morin: “Nada é mais difícil de realizar que uma civilização melhor” (*et al*, 2004: 119). Esta é uma longa e árdua jornada, que necessita entre outros, de paciência, competência, sabedoria e amor. Conforme ressalta Pesci:

Mas uma coisa deve ficar clara: encarar uma mudança de paradigma, uma mudança cultural que aponte para a utopia do ambiente, requer uma epopéia. Uma gesta que cria na história, que tente vigiar o futuro e rechace o cinismo do fim das utopias (*in* LEFF, 2003: 133).

Exaurida. Chegando verdadeiramente ao limiar, concluí que, caso não conseguisse dar nenhuma contribuição para um mundo diferente, tinha conquistado uma consciência tranquila, não poderia ser cobrada, por ninguém, em nenhum lugar, sobretudo pelo espiritual - se Eles não haviam me ajudado - por uma missão não cumprida, por ter “virado o rosto”, essencialmente aos mais frágeis. Simplesmente não conseguia, não era capaz. Independente do nível do meu entendimento, parecia inconcebível articular uma condensação das ideias em formação a respeito de uma intercessão à luz da Complexidade, pois é evidente que sob seus reflexos os contornos são outros, e nisso eu tinha decidido esperar até poder seguir um conselho me concedido certa vez por Rei Congo, “O dia que a senhora levantar vôo levanta de uma vez só”.

Diante das vivências difíceis com a pesquisa, não havia mais como ser diferente, era momento de eu começar a tentar encontrá-la, de iniciar seu resgate. Com pós-doutorado em psicologia analítica, Clarissa Pinkola Estes, trazendo o arquétipo da Mulher Selvagem, observa que ela é indispensável à saúde mental e espiritual da mulher (1999: 14). No contexto utilizado por ela, a palavra *selvagem* é empregada “(...) em seu sentido original, de viver uma vida natural, uma vida em que a criatura tenha integridade inata e limites saudáveis (...)” (*ibidem*: 10-11). Segundo essa autora, os

---

<sup>52</sup> “(...) intervenção vem de intervir, que quer dizer ‘vir entre’, algo que vem entre algo, algo que pode ser uma ação, um conceito, uma pessoa, um grupo, que vem numa situação complexa e algo novo vai tentar fazer aí dentro (...)” (Alfredo G. M. Gentini, notas de entrevista: junho/2010).

termos *mulher* e *selvagem*, são compreendidos por qualquer mulher, acionando nossas lembranças sobre quem somos e o que representamos, criando uma imagem para traduzir a força que nos sustenta (*ibidem*: 11):

A compreensão dessa natureza da Mulher Selvagem não é uma religião, mas uma prática. Trata-se de uma psicologia em seu sentido mais verdadeiro: *psukhe/psych*, alma; *ology* ou *logos*, um conhecimento da alma. Sem ela, as mulheres não têm ouvidos para ouvir o discurso da sua alma ou para registrar a melodia dos seus próprios ritmos interiores. Sem ela, a visão íntima das mulheres é impedida pela sombra de uma mão, e grande parte dos seus dias é passada num tédio paralisante ou então em pensamentos ilusórios. Sem ela, as mulheres perdem a segurança do apoio da sua alma. Sem ela, elas se esquecem do motivo pelo qual estão aqui; agarram-se às coisas quando seria melhor afastarem-se delas. Sem ela, elas exigem demais, de menos ou nada. Sem ela, elas se calam quando de fato estão ardendo. A Mulher Selvagem é seu instrumento regulador, seu coração, da mesma forma que o coração humano regula o corpo físico (ESTES, 1999: 11-12).

Sem saber, de fato, como lidar com os “fantasmas” transeuntes por todos os cantos de uma intervenção em favor da metamorfose promulgada por Morin, sob as premissas da Complexidade, dentro ainda das minhas particularidades, num instinto de sobrevivência própria, procurando evitar ser aniquilada, “arrancada pela raiz” de uma vez só pelas circunstâncias, me neguei a caminhar por caminhos tão tortuosos. Um dia, depois de ouvir uma colocação feita por um aluno sobre um célebre filósofo grego, um dos meus professores da graduação, um estudioso deste pensador, lhe respondeu, “Colega, esse não é o Aristóteles que eu conheço”. À semelhança, mediante todo sofrimento experimentado com a pesquisa, sobretudo com base na obra citada a seguir, em caráter peremptório pensei, “Esse não é o Deus que eu ‘conheço’”. Não podia ser.

Ansiando por paz, pratiquei mais cuidadosamente alguns exercícios de um livro chamado Um curso em milagres (UCEM),<sup>53</sup> resultante do trabalho de Helen Schucman

---

<sup>53</sup> Possuía esse livro há mais ou menos um ano, me chegou neste tempo por intermédio do meu antigo professor do “Sistema Lair Ribeiro”, mas precisei estar nessas condições para lhe dedicar mais atenção, embora ainda não seja um aprendiz disciplinado dele, postergando isso para após o término do mestrado.

e Willian Thetford, professores de psicologia médica na Faculdade de Medicina e Cirurgia da Universidade de Colúmbia na cidade de Nova York; conforme consta no prefácio da obra, nenhum dos dois interessava-se pelo espiritual, mas teriam dado ao Espírito Santo<sup>54</sup> “um pouco de boa vontade” para materializar um Curso<sup>55</sup> cujo, “(...) único propósito é suprir um caminho no qual algumas pessoas serão capazes de encontrar seu próprio Professor Interno” (s/d: xv-xvi). Nisso os “espectros” não sumiram - alguns provinham do próprio livro - mas aos poucos a mente foi se acalmando, com exercícios como esse:

‘Eu descanso em Deus’. Esse pensamento te trará o descanso e a quietude, a paz e a calma, a segurança e a felicidade que buscas. ‘Eu descanso em Deus’. Esse pensamento tem o poder de despertar a verdade adormecida em ti, cuja visão vê, além das aparências, essa mesma verdade em todos e em tudo o que existe. Eis aqui o fim do sofrimento para o mundo todo, para todos os que jamais vieram ou que ainda virão passar algum tempo aqui. Eis aqui o pensamento em que o Filho de Deus nasce de novo para reconhecer a si mesmo (SCHUCMAN & THETFORD - LE, s/d: 208).

Assim, acabei ficando em condições de seguir a orientação de que “escrever é preciso”, e iniciei o processo de escrita lenta do material para a qualificação do projeto de pesquisa, a partir das poucas páginas a respeito que produzira no fim do primeiro semestre para uma das disciplinas. No terceiro semestre, as aulas da TE: A Complexidade em Morin, com o professor Humberto Calloni, nos estimulavam e me

---

Esse curso originalmente é editado pela Foundation For Inner Peace (1975, 1985, 1992, 1996, 1999), e é importante observar que no contexto da obra os termos principais adquirem um sentido diferente dos tradicionais, assim como a palavra milagre, que não é utilizada na acepção de mudanças nos fenômenos externos, mas traduz a mudança da mente que modifica a nossa percepção do mundo do ego: o pecado, a culpa e o medo, no sentido de perdão do Espírito Santo. “Milagres são parte de uma cadeia interligada de perdão que, quando completa, é a Expição. A Expição funciona durante todo o tempo e em todas as dimensões do tempo” (SCHUCMAN & THETFORD - LT, s/d: 05).

<sup>54</sup> “Ao longo do curso, o Espírito Santo é descrito como Aquele que nos dá a resposta para a separação e traz para nós o plano da Expição, estabelecendo nele o nosso papel em particular e nos mostrando exatamente qual ele é. Ele estabeleceu Jesus como o líder na realização do Seu plano, já que foi o primeiro a cumprir a própria parte com perfeição (...)” (SCHUCMAN & THETFORD - LT, s/d: 91).

<sup>55</sup> “O currículo que o curso propõe é cuidadosamente planejado e explicado passo a passo, tanto no nível teórico quanto ao prático. Ele enfatiza a aplicação prática mais do que a teoria e a experiência mais do que a teologia. Declara especificamente que ‘uma teologia universal é impossível mas uma experiência universal não só é possível como necessária’ (...) Apesar de ser cristão em seus princípios, o curso envolve temas espirituais universais. Enfatiza que é apenas uma versão do currículo universal. Existem muitas outras, essa se diferencia das outras apenas em forma. Todas conduzem a Deus no final” (SCHUCMAN & THETFORD, s/d: xvii).

ensinavam a complexificar mais. Nesse ínterim, troquei alguns poucos aprendizados com certas escolas. Sempre surgindo novos conflitos relativos ao desencadeamento de uma interferência, que na minha reconstrução/tradução, comporta também situações daquelas em que somente se pode decidir com um golpe de espada. E em Morin, “(...) A ética não tem as mãos sujas, mas não tem tampouco as mãos puras” (2005: 201).

Ao pensar uma intervenção avaliava ainda que, nos últimos anos estivera seguindo o dito do oráculo de Delfos estreitamente vinculado a Sócrates, “Conhece-te a ti mesmo” e procurando encontrar meu centro, e nisso alcançara determinado grau de autoconhecimento, acrescido pelas experiências como mestrandia em Educação Ambiental; mas mesmo que ele fosse superficial, basta a consciência da complexidade humana para saber que, progride-se em autoconhecimento e autocontrole, porém sempre há a instabilidade, a incerteza. E especialmente no meu caso, muito bem cabe um excerto melodiado por Zé Ramalho em sua canção Companheira de alta luz, “(...) quando o assunto é incerteza, cai no branco da casa (...)”.<sup>56</sup>

O conhecimento da complexidade humana, de certa forma, assusta-me. Muito remôo e sinto constantemente a assertiva moriniana sobre meus traços de *homo complexus*: “(...) racional (*sapiens*), louco (*demens*), produtor, técnico, construtor, ansioso, extático, instável, erótico, destruidor, consciente, inconsciente, mágico, religioso, neurótico; goza, canta, dança, imagina, fantasia (...)” (MORIN, 2007b: 63). E quem pode prever a emergência resultante da conjunção singular e variável desses elementos na análise de determinado fenômeno? Não obstante, além da tríade indivíduo/sociedade/espécie, o humano é entendido ainda a partir da trindade cérebro/cultura/espírito e da triunidade razão/afetividade/pulsão, também inseparáveis e ocorrendo numa relação de complementaridade e antagonismo. E sobre a última delas:

(...) A racionalidade não dispõe, portanto, de poder supremo. É uma instância concorrente às outras instâncias de uma tríade inseparável, e é frágil: pode ser dominada, submersa ou mesmo escravizada pela afetividade ou pela pulsão. A pulsão homicida pode servir-se da maravilhosa máquina lógica e utilizar a racionalidade técnica para organizar e justificar suas ações (MORIN, 2004: 53-54).

<sup>56</sup> Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=7Pisppz3tJc&feature=fvst>>.

Nisso sou uma mulher! E desde a elite intelectual até as opiniões populares, se dizem muitas coisas sobre a mulher, que no mínimo deveria considerar. Para uma argumentação nesse contexto, por exemplo. Popularmente, se nos assemelham a mala de contrabandista por sempre termos uma novidade, também é afirmado que não há nada tão ruim que uma mulher não consiga piorar - tendo isso claro, cheguei a estremecer em 02/09/11, quando ao cruzar uma esquina próxima da rodoviária de Rio Grande ouvi um taxista comentar com outros, “Os homens vão dançar porque as mulheres estão cheias de calar a boca”. E Friedrich Nietzsche, circundando o interesse do verdadeiro homem no perigo e no divertimento, atribui a isso o fato deste homem querer a mulher, por ela ser o brinquedo mais perigoso (2002: 63).<sup>57</sup>

Mais particularmente, para maior cautela com o desencadeamento de uma intervenção em favor da metamorfose antropossocial, em dezembro de 2010 estava em certo local e através de uma médium “chegou” uma entidade chamada Maria Mulambo, que indagou a outra pessoa presente e com quem viera dialogar sobre quem eu era. Ao ouvir meu nome, observando meus tênis, calça jeans, camiseta com uma camisa sobreposta; rindo, Maria Mulambo comentou, “ela está mais para João ou Pedro”,<sup>58</sup> e momentos depois, séria acrescentou, “essa fêmea costuma ser calma, tranquila, mas ela é um perigo”. Respondi-lhe que tinha consciência disso e tentei explicar em que sentido analisava-me assim, mas nem quis ouvir, encerrando o assunto.

Lançando-me mais dúvidas, em 19 de maio de 2011 tive um sonho com uma

---

<sup>57</sup> Em outra de suas obras, em “Para Além do Bem e do Mal: Prelúdio a uma Filosofia do Futuro”, Nietzsche assim comenta sobre as mulheres, “O que na mulher inspira respeito e muitas vezes medo é a sua natureza, ‘mais natural’ que a do homem, a sua genuína e astuciosa agilidade de animal feroz, a sua garra de tigre sob a luva, a sua ingenuidade no egoísmo, a impossibilidade de a educar e o seu instinto selvagem, as suas paixões e as suas virtudes inconcebíveis, vastas, inconstantes (...)” (2003: 159). Contudo, não há como não mencionar que esse filósofo coloca também que, “(...) Apesar do medo, o que faz com que tenhamos pena desta gata ‘mulher’ perigosa e bela é que ela parece ser mais sofredora, mais vulnerável, mais necessitada de amor e mais condenada à desilusão do que qualquer outro animal” (*ibidem*).

<sup>58</sup> Essa entidade inclui-se entre o grupo de pomba-giras e é impossível não observar a sensualidade que muitas delas demonstram, e por ora, com raríssimas exceções, as vestimentas que costume usar no meu dia-a-dia, não expõe minha feminilidade. Certa vez, havia ido a um local que nunca fora antes, sozinha e sem conhecer ninguém lá, mas senti que o som do tambor trazia um convite, que tinha algo a ser aprendido no lugar. Embora o aprendizado que fui buscar não provenha desta situação, como era uma festa dentro do grupo de pomba-giras e exus, mirrei uma pomba-gira que estava especialmente bela e sedutora num todo, em uma médium vestida com uma saia longa, corpete, luvas longas, chapéu de aba larga, tudo em cores combinatórias; dançando, rindo e cantando um ponto, “(...) o inferno pegou fogo e a mulher do diabo não morreu (...)”. E em determinado momento ela se aproximou de mim, dando-me de beber direto de sua garrafa, um pouco de sidra escorreu no canto da boca e ela disse, “aproveita e passa no teu corpo que tu tá precisando”, mas a fitando calma e desafiadoramente, recolhi o líquido com o dedo e o passei no chakra frontal.

amiga muito especial para mim. Conheci a Camila Bohr na graduação, pela primeira vez detive-me mesmo nela, enquanto a ouvia apresentar sua parte em um trabalho em grupo. Sua voz. A sensação que vinha dela, foi me invadindo calmamente, parecendo transportar-me para a Índia: almofadas, incensos... E lentamente, em paz, debruçada na classe adormeci. No ano de 2009, num átimo ela transmudou-se, encerrou-se esta sua encarnação na Terra. No fim da graduação ela havia comprado um livro para presentear-me, mas ele não chegou às minhas mãos porque ela não conseguiu mais achá-lo em casa. E há pouco, encontrado pela sua cunhada nesta vida - esposa de um colega do PPGA - o livro tinha me sido entregue. Com dedicatória!

No sonho nós nos encontrávamos em um ônibus, mas suas poucas palavras precisaram ser entoadas para mim por intermédio de uma médium, disse-me apenas que estudasse para aprender e não para ensinar; e se outrora a paz lhe era característica, no sonho fluía em uma plenitude indescritível! Não somente, em outubro de 2011, num reflexo dos meus medos, havia sonhado que estava entrando a pé no Campus Carreiros, encontrando um homem, de cabelos compridos, parecendo ser um indígena; caminhávamos pouco adiante do prédio da reitoria, quando avistei um aglomerado de energia enfuscada. Como não possuo a aptidão de ver além do mundo físico, sabendo disso no sonho, surpresa com a possibilidade de estar vendo, disse ao homem, “Olha isto!” E ele respondeu-me, “Uma autoridade não vai permitir”.

Desse modo, havendo-me com a relação complexa entre risco e precaução,<sup>59</sup> respeito demais a Universidade, o Programa de Pós-Graduação no qual estou inserida, orientador - e também meu co-orientador - para desonrá-los com alguma imprudência. Sei que num universo onde tudo está interligado, em interdependência, afetando-se mutuamente; realizar ou não uma ação repercute no todo. Entretanto, à medida que neste estudo meu zelo pela prudência acresce em consideração as pessoas em quem minhas ações “respingarão” diretamente, antes da qualificação tinha entendido que somente poderia contribuir para uma intercessão teoricamente, enquanto estivesse vinculada à Universidade a decisão de desencadear a ação não caberia só a mim.

De um lado os diversos conflitos, e de outro, como canta Raul Seixas em sua

---

<sup>59</sup> “(...) Para toda ação empreendida num meio incerto há antagonismo entre o princípio do risco e o princípio da precaução; ambos sendo necessários, trata-se de poder ligá-los a despeito dos opostos, conforme diz Péricles: ‘Sabemos, ao mesmo tempo, demonstrar extrema audácia e nada fazer antes de uma reflexão demorada. Nos outros a ousadia é um efeito da ignorância e a reflexão só produz indecisão’” (MORIN, 2005: 43).



música DDI, onde Deus dá um alô para a humanidade e entre outras coisas diz, “(...) eu fiz vocês como eu imagem e perfeição e vocês estão anarquizando a minha reputação, não é só novena, terço e oração, em vez de resmungar eu quero ver vocês em ação (...)”.<sup>60</sup> Comprimida entre eles, perante o respaldo da Complexidade, o material produzido para a qualificação do projeto de pesquisa refletia essa minha oscilação. Cada vez mais vinha entregando a pesquisa, minha vida ao Espírito Santo - na conjuntura utilizada no livro *Um curso em milagres* - e minha esperança era de que através da qualificação o espiritual, de algum modo, apontasse o que, de fato, desejava de mim...

---

<sup>60</sup> A música DDI, Discagem direta interestelar se encontra disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=IhPYKXdf-6U>>.

### 3.3. Breve olhar sobre uma sinfonia em favor da emergência da metamorfose de nossa época

*“Se nós soubéssemos o que estamos fazendo, isto não se chamaria ‘pesquisa’ não é mesmo?”*  
(Albert Einstein)

O reconhecimento e o acolhimento da diversidade inerente à Educação Ambiental indicam o não estabelecimento de um modelo padrão de educador/pesquisador ambiental. E é certo que cada um lida com esse processo dinâmico singularmente - nisso se constituindo ainda numa amostra representativa da complexidade de ser um educador ambiental - mas como existe um âmago do que seja Educação Ambiental, minhas reflexões acerca desse cerne começaram antes mesmo do meu ingresso no mestrado, estando diretamente vinculadas às ponderações sobre algumas possíveis consequências do meu dever para com a caridade. Pois, a partir do momento que a E.A se constituiu em 1972 com a imensa responsabilidade de fomentar as transformações que se evidenciavam necessárias, é lembrado que:

(...) todos aqueles que pretendem ter seu lugar entre os educadores ambientais, devem estar preparados para serem ativistas, para se transformarem em lideranças que defendem o ideário ambientalista, sem se contentar ou acomodar em ser meros multiplicadores de informações técnicas e metodológicas aprendidas em cursos e palestras, porque necessariamente pertencer a este quadro requer tomar partido, fazer política, ser atuante e militante de um movimento em prol de uma vida mais digna e justa voltada para os princípios de preservação do meio ambiente (ENCARNAÇÃO, 2007: 06).

Ora, mudanças significam que “castelos vão cair e bengalas vão quebrar”. A repressão vem. No próprio histórico da cidade de Rio Grande, em 1º de maio de 1950 quando, depois de uma confraternização pelo dia do trabalhador, operários se deslocavam decididos a reabrir a União Operária, sede onde discutiam as questões nacionais que movimentavam a política na época, fechada porque o comunismo era proibido, a repressão tirou a vida de quatro operários.<sup>61</sup> Mais recentemente, no último

---

<sup>61</sup> Segundo informações de Silas Pereira, numa entrevista realizada em março de 2011. E como esses operários foram mortos em frente às capelas perto do cemitério principal da cidade, para homenageá-los o Partido Comunista do Brasil (PCdoB) colocou um memorial no canteiro central, e nele consta o nome de

Globo Repórter de 2011, numa retrospectiva do ano, foi citado o assassinato em Niterói (RJ) da juíza Patrícia Acioli, responsável, nos últimos dez anos, por mais de sessenta prisões de policiais vinculados a milícias e a grupos de extermínio; conforme enunciado foram “21 tiros na democracia brasileira”.<sup>62</sup>

Contudo, independente de ser quem vai à frente o mais cobrado e alvejado, nunca encontrei em mim vontade de liderar. Também, não sou uma pessoa anti-social, tenho necessidade do convívio com o outro, mas prezo por deveras a reclusão. Porém, tudo acontecendo a “um palmo do meu nariz”... Foi preciso tomar uma decisão. E há algum tempo, no dia internacional da mulher, mais uma vez refletindo sobre o assunto, pela primeira vez, fiz-me uma indagação que normalmente os homens costumam fazer-se, “Você é um homem ou um rato?” Retirar-me-ia do habitual ostracismo, mas não para liderar, sairia apenas para aprender a tocar, mesmo que demorasse, a parte que me cabe numa sinfonia em favor da transmutação de nosso tempo.

Assim, retomando o processo auto-eco-organizacional do ser humano e da sociedade que nos põe neste século XXI diante da possibilidade de uma grande mutação antropossocial; com a emergência da História,<sup>63</sup> num processo complexo as mudanças continuaram traçando novas configurações na realidade. As civilizações históricas passaram a desenvolver a atividade guerreira e marítima, empreendendo esforços na tentativa de conquista do mundo e, durante a expansão da Idade Média ocidental, se acelera o fluxo comunicacional entre o Ocidente europeu e o Extremo Oriente com variados tipos de trocas, até uma fermentação múltipla em vários espaços do globo

---

Angelina Gonçalves (tecelã), Euclides Pinto (pedreiro), Honoro Alves do Couto (portuário), Oswaldino Corrêa (ferroviário).

<sup>62</sup> Vivemos em uma sociedade que tem a democracia como sistema político e, “(...) a democracia, que exige simultaneamente consenso e conflitualidade, é muito mais que o exercício da soberania do povo. É um sistema complexo de organização e de civilização que alimenta (ao alimentar-se dela) a autonomia de espírito dos indivíduos, sua liberdade de opinião e de expressão, e o ideal trinitário Liberdade, Igualdade, Fraternidade” (MORIN *et al*, 2005: 112). E segundo Morin, os pensamentos audaciosos, desviadores, que eram anulados *in ovo* em sociedades pregressas, encontram forma de se manifestarem no mundo de hoje (*et al*, 2004: 113). Todavia, é necessário considerar que apesar de seu desenvolvimento a democracia necessita ser regenerada. Então, não me parece possível que não venha alguma reação dos “incomodados”, tanto mais quanto a intensidade de uma intervenção em prol de um mundo diferente do atual.

<sup>63</sup> A História é caracterizada por Morin como “(...) o surgimento, o crescimento, a multiplicação e luta até a morte dos Estados entre si; é a conquista, a invasão, a escravização, e também a resistência, a revolta, a insurreição; são batalhas, ruínas, golpes de Estado e conspirações; é o desfraldar do poderio e da força, a desmedida do poder; é a servidão de massa e o massacre de massa; é a edificação de palácios, templos, pirâmides grandiosos, é o desenvolvimento das técnicas e das artes; é o aparecimento e o desenvolvimento da escrita; é o comércio por mar e por terra das mercadorias, e depois das ideias (...)” (*et al*, 2005: 16).

preparar e desencadear em fins do século XV e início do XVI uma fase denominada de era planetária<sup>64</sup> (MORIN *et al*, 2004: 73-74):

A era planetária inicia-se entre o final do século XV e o princípio do século XVI com a descoberta da América por parte de Colombo, a circum-navegação à volta do globo de Magalhães e a descoberta copernicana segundo a qual a Terra é um planeta que gira em torno do sol. A era planetária desenvolveu-se através da colonização, da escravatura, da ocidentalização e também da multiplicação das relações e das interações entre as diferentes partes do globo (...) (MORIN *et al*, 2004: 12).

Concebido como mais complexo do que o termo globalização, o conceito de planetarização é radicalmente antropológico, manifestando a inserção ao mesmo tempo, simbiótica e estranha da humanidade no planeta Terra, visto como uma totalidade complexa física/biológica/antropológica; quer dizer, a vida deve ser entendida como obra da história da Terra e a humanidade como resultado da história da vida na Terra (MORIN *et al*, 2004: 69-70).<sup>65</sup> Nesse sentido, o desenvolvimento da planetarização continuou movido por duas hélices mundializadoras complementares e antagônicas, a primeira é a da dominação, colonização e expansão do ocidente, que pouco a pouco, permitiu o nascimento e a ampliação da segunda hélice, a das ideias humanistas, da igualdade de direitos para todo ser humano, da unidade pacífica da humanidade:

(...) São duas hélices mundializadoras complementares e antagônicas: a primeira começa como uma mundialização hegemônica de política colonial e manifesta-se, hoje em dia, como hegemonia econômica, financeira e tecnocrática. A outra mundialização começa por uma autocrítica, nascida no próprio

---

<sup>64</sup> Mais precisamente, segundo Morin, “Trata-se da idade de ferro planetária, na qual ainda vivemos hoje em dia” (*et al*, 2004: 77).

<sup>65</sup> Morin, esclarecendo antes sobre o termo globalização, “A palavra globalização é quase sempre utilizada para descrever exclusivamente a mundialização das dimensões econômica e tecnológica, apesar de inúmeros críticos terem afirmado que a globalização é uma dinâmica multidimensional, ou seja, ecológica, cultural, econômica, política e social, tudo isso numa relação de interdependência mútua. No entanto, não deixa de ser uma concepção unidimensional e redutora do devir humano do planeta”; continua pontuando que “(...) Não poderíamos conceber a relação do ser humano com a natureza e com o planeta de forma redutora, nem separadamente, como é nitidamente visível na noção de globalização, já que a Terra não é a soma de elementos disjuntos: o planeta físico, mais a biosfera, mais a humanidade, mas efetivamente a relação entre a Terra e a humanidade que deve ser concebida como se se tratasse de uma entidade planetária e biosférica (*et al*, 2004: 69-70).

interior da civilização ocidental em expansão (MORIN *et al*, 2004: 75).

Nesse processo nasce na Europa e se propaga pelo globo, sobretudo a partir do século XVIII, a fé em um progresso pautado na técnica, na ciência, na razão e na indústria, com a apropriação cada vez mais voraz dos recursos naturais e humanos no planeta. E por volta do final do século XIX e início do século XX, no cenário onde se originaram essas diretrizes, esse otimismo atingiu um grau ímpar, até as nuvens negras começarem a chegar e se espalhar com a Primeira Guerra Mundial de 1914-1918, pondo em xeque a ideia de progresso enquanto certeza histórica. Em defluência da intensificação da conjuntura mencionada, a Educação Ambiental se constitui em 1972, com o encargo de construir um novo mundo, passando a conhecer a cada conquista na história de seu desenvolvimento o sentido de “remar contra a correnteza”.

Eis que, após múltiplos processos: demográficos, econômicos, técnicos, ideológicos, e outros, de uma mundialização reconhecida pela Complexidade como ambivalente, na fase atual das mutações históricas, quando cada vez mais o global influi nos destinos particulares que, em retorno repercutem na sina global, sob a impulsão do quadrimotor ciência/técnica/indústria/lucro; refletindo os “espinhos das rosas” herdadas, disseminou-se um mal-estar<sup>66</sup> geral de civilização - que cada vez mais suscita contratendências individuais e coletivas. A degradação da qualidade de vida veio de mãos dadas com o desenvolvimento alcançado na busca do bem-estar, e a humanidade se encontra em uma situação singular. Nas palavras de Ivalina Porto:

Viver no momento atual é um processo cercado de dúvidas, incertezas e medos quanto ao presente e ao futuro que se descortina. Uma ameaça envolve o ser humano e cada ação se configura numa luta pela sobrevivência diante dos problemas que afetam o país e o mundo. Apesar do crescimento

---

<sup>66</sup> Conforme Morin, “Anonimização, atomização, mercantilização, degradação moral, mal-estar, progridem de maneira interdependente. A perda da responsabilidade (no seio dos aparelhos tecnoburocráticos compartimentados e hiperespecializados) e a perda da solidariedade (devido à atomização dos indivíduos e à obsessão com o dinheiro) conduzem à degradação moral e psicossocial, uma vez que não existe qualquer sentido moral onde não há nem sentido de responsabilidade, nem sentido de solidariedade” (*et al*, 2004: 94). Não somente, na obra Terra-Pátria, o filósofo acrescenta, “Ao mesmo tempo, algo ameaça nossa civilização desde dentro. A degradação das relações pessoais, a solidão, a perda das certezas ligadas à incapacidade de assumir a incerteza, tudo isso alimenta um mal subjetivo cada vez mais difundido. Como esse mal das almas se oculta em nossas cavernas, como ele se fixa de forma psicossomática em insônias, dificuldades respiratórias, úlceras de estômago, desassossegos, não se percebe sua dimensão civilizacional coletiva (...)” (*et al*, 2005: 85).

tecnológico e do progresso em todos os campos do conhecimento, vivemos uma preocupante situação de crise mundial que afeta a qualidade de vida em todos os aspectos: da saúde, social, econômico, cultural, psicológico, político e outros. (...) As expectativas, metas, objetivos e sonhos dos seres humanos estão seriamente comprometidos e prejudicados (*in* LAMPERT, 2005: 104).

Para Leonardo Boff, vivemos um rito de passagem civilizacional e todos esses martírios revelam certo trabalho de parto, apontando para a emergência de um novo patamar de hominização (1998: 27). No entendimento do artífice da Complexidade, essa situação de crise<sup>67</sup> característica de nossa época histórica, prenuncia uma segunda metamorfose antropossociológica - implícita desde o início da era planetária. Pois, quando se torna inviável a um sistema lidar com seus problemas fundamentais na sua relação com o meio externo, ou ele se desintegra ou se transforma em um meta-sistema apto a responder às exigências vitais (MORIN, 2005: 181):

O processo em feedback positivo de crescimento acelerado só pode levar a uma avalanche destrutiva ou a uma metamorfose. Quando uma evolução atinge um impasse, surge uma eventual mutação profunda ou metamorfose. Ora, a humanidade do fim do último milênio chegou a um impasse, ou seja, não pode seguir no mesmo rumo (MORIN, 2007b: 243).

Significa que, a realização desta profunda mutação na trindade indivíduo/sociedade/espécie e em cada uma das instâncias permanece incerta, devendo ser avaliada numa dialógica entre esperança e desesperança, não sendo possível nos desvencilharmos nem de uma, nem de outra. Como diz Morin, “(...) Se um deus brinca de nos assustar, conseguiu” (2007b: 243), apesar da metamorfose se tornar cada vez mais plausível com a aproximação do flagelo, também devido ao *princípio do salvamento* exemplificado através da frase de Hördelin, “Lá onde cresce o perigo, cresce também o que salva” (*et al*, 2005: 180), não há probabilidade, mas possibilidade

---

<sup>67</sup> “(...) Uma crise se manifesta pelo crescimento e até mesmo a generalização das incertezas, por rupturas de regulações ou feedback negativos (os quais anulam os desvios), por desenvolvimento de *feedback* positivos (crescimentos descontrolados), pelo crescimento dos perigos e oportunidades (perigos de regressão ou de morte, oportunidades de encontrar a solução ou a salvação)” (MORIN *et al*, 2005: 93).

dessa mutação em gênese se concretizar, “(...) Mas o pior não é ainda certo, nem tudo foi jogado (...)” (*ibidem*: 181).

A verdadeira concretização desta metamorfose necessita da contribuição e do apoio da consciência humana e de uma regeneração ética, pois de resto ela será produto de processos inconscientes (MORIN, 2005: 182), ou seja, é preciso uma “(...) combinação da pilotagem consciente e reflexiva da humanidade com a pilotagem eco-organizadora inconsciente da natureza” (*ibidem*: 164). E dado que todas as significativas inovações biológicas, humanas e históricas foram em sua origem desviantes (MORIN, 2007b: 210), pois o principal motor interno da história é o desvio que se encorpa ao mesmo tempo em que se enfraquece, se paralisa o que o freia, reprime (*ibidem*: 211), Morin enfatiza a necessidade de uma retomada ao papel dos diversos estrategistas que em situações decisivas geraram bifurcações cruciais no curso histórico (*ibidem*: 209):

O desvio que consegue enraizar-se cria o micromeio para o seu primeiro ninho. Desenvolve-se gerando redes, grupos portadores da nova verdade. Esta, qualificada de heresia pelos guardiões das verdades estabelecidas, suscita o ódio mortal dos defensores da invariância. Às vezes, é preciso um longo tempo de incubação antes que os desvios se tornem tendências, organizem-se, ganhem força no mundo social e dêem nova orientação ao devir histórico (...) (2007b: 211).

Em síntese, diante do descortinar da emergência de uma infra-estrutura de uma sociedade-mundo<sup>68</sup> na situação de crise do século XXI, num momento em que tanto as forças de destruição como as de criação se potencializam e que as duas hélices mundializadoras progridem ao mesmo tempo, Morin sublinha que a missão da educação para a era planetária é educar para a configuração de uma civilização planetária,<sup>69</sup>

---

<sup>68</sup> Conforme enfatiza Morin “Onde estamos na era planetária? Minha tese é que a globalização do fim do século XX criou as infra-estruturas comunicacionais, técnicas e econômicas para uma sociedade-mundo. A internet pode ser considerada como esboço de uma rede neurocerebral semi-artificial de uma sociedade-mundo. Mas a economia liberal, responsável pelas infra-estruturas, torna impossível a formação de uma tal sociedade, pois inibe a constituição de um sistema jurídico, de um governo e de uma consciência comum” (2005: 166).

<sup>69</sup> No sentido de Terra-Pátria. “O que significa Terra-Pátria? É a matriz fundamental para a consciência e o sentimento de pertença que estabelece a ligação entre a humanidade e a Terra. (...) A pátria é o termo masculino/feminino que unifica o aspecto maternal e paternal. É por esse motivo que a ideia de Estado-Nação implica uma substância mitológica/afetiva extremamente <calorosa>. A componente matri-patriótica confere um valor maternal à mãe-pátria, terra-mãe, à qual é dirigido naturalmente o amor e graças à qual é igualmente possível a fraternidade, como base política destinada a reunir a diversidade dos indivíduos e das etnias num mesmo foco. Para além disso, confere o poder paternal ao Estado para que

destacando a necessidade da participação consciente e crítica dos cidadãos neste processo de construção (*et al*, 2004: 107). Nesse sentido, uma educação para a era planetária age, “(...) pela defesa e pelo devir das nossas finalidades terrestres: a salvaguarda da humanidade e o prosseguimento da hominização” (*ibidem*: 122).

O universo está em gênese. Seu estado natural é a evolução, a transformação e a adaptabilidade (BOFF, 1998: 50). Num dos seus documentários, o físico e cosmólogo Stephen Hawking, ao nos levar numa jornada completa, desde o instante da deflagração do Cosmos, a geração do nosso mundo, de tudo que há nele, até um futuro longínquo e incerto, inclusive sobre o fim do próprio universo; expõe que, “(...) o que eu adoraria que as pessoas percebessem, é que tudo isso teve de ser construído átomo a átomo (...)”.<sup>70</sup> A evolução ocorre num processo muito lento em relação à efemeridade da vida humana, mas ela efetivamente acontece a cada átimo num todo, incorrendo em algum momento em notórias emergências. A sinfonia é tocada em escala universal sob a regência dialógica entre ordem/desordem/interação/organização - Beethoven.

Nesse contexto, em nosso planeta a vida surgiu em decorrência da metamorfose de uma organização físico-química, que alcançando um ponto limite gerou a meta-organização viva - que acabou incidindo ainda na vida humana. Num processo análogo, apesar de singular, no presente momento histórico, a “gravidez” do real sugere a possibilidade de outra etapa no processo de planetarização. É a vida pedindo mais vida, e não creio ser ilusório compactuar com a postura de Michel Serres de que, em termos evolutivos, “(...) perder isto ou aquilo, implica ganhar coisas extraordinárias (...)”,<sup>71</sup> e entender a transformação em meta-sistema como algo potencial, criador. É a natureza convidando-nos para conscientemente tocarmos com ela, a sinfonia da vida! E descrevendo a Educação Ambiental em uma palavra, diria que ela é vida!

---

Ihe devamos obediência, a fim de se constituir uma unidade política e institucional (...). Desta maneira, (...) se a noção de pátria contiver uma ideia comum, uma relação de filiação afetiva com uma substância tanto maternal como paternal, ou seja, uma comunidade de origem e de destino, então será possível avançar em direção à Terra-Pátria. A educação deverá esclarecer esta noção e, partindo dela, deverá reforçar a aprendizagem de uma condição cívica terrena que implica o reconhecimento do nosso laço consubstancial com a biosfera e o abandono do sonho prometeico da conquista do universo. A educação deverá reforçar e alimentar a tripla pertença cidadã e patriótica à nação, às comunidades meta-nacionais (à semelhança da União Européia, por exemplo) e à Terra” (MORIN *et al*, 2004: 99).

<sup>70</sup> O universo de Stephen Hawking: a história completa. Disponível em: <<http://www.fisica.net/videos/Hawking/>>.

<sup>71</sup> Michel Serres e a evolução humana. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=CPBpgILAM1M>>.



E para uma contribuição mais intensa à construção do que ainda não é, mas que pode vir a ser, para maiores chances de a humanidade vir a experimentar a si mesma e o mundo em uma nova realidade, se precisa dos músicos, antes os organizadores. E cada um de nós representa um instrumento, uma tonalidade, uma sonoridade específica! Nisso, somente de acordo com a especificidade da nossa natureza é que podemos contribuir com a existência. Pessoalmente, penso em músicos que toquem por amor a música; que afinem seus instrumentos e dentro de sua diversidade, concorram para uma finalidade em comum; que compreendam a si e a todos como aprendizes da vida, e que saibam lidar solidariamente com o desafino uns dos outros.

Para uma sinfonia ser composta e colapsar de uma universidade, faz-se necessário primeiro uma diminuta equipe que coordene, assuma os riscos intrínsecos - diminuídos se tudo for aos poucos - se responsabilize por uma pesquisa/ação destas. Em relação ao próprio desvio que objetiva a produção de um desvio em função de outro mundo possível, destaco que, segundo Edgar Morin, o desenvolvimento científico, enquanto invenção e descoberta, tem necessidade de duas condições fundamentais, a primeira delas: que no seio das instituições e comissões científicas, haja manutenção e desenvolvimento do pluralismo teórico (ideológico, filosófico), e a segunda: que nos programas e instituições, se proteja o desvio, “(...) apesar do risco de que o original seja apenas extravagante, de que o espantoso não passe de absurdo” (2008b: 34-35).<sup>72</sup>

Não somente, conforme Dib-Ferreira, “(...) um objeto só é transdisciplinar se não houver uma disciplina capaz de dar conta dele só; se necessitar de diversas disciplinas para configurar uma intervenção. Um novo nível de conhecimento se dá nessa interação (...)” (*in* NEFFA & RITO, 2010: 107). Referimo-nos à complexidade ambiental, temos como elemento fundamental deste processo de mudanças o homem, que se constitui como uma unidade complexa. Isso exige olhares diferenciados, que numa conjunção, quiçá formem uma mente preparada para perceber o óbvio, e sobre isso o próprio Morin sublinha que o surgimento tardio da noção de sistema aberto é um exemplo de que, a que ponto o mais difícil a observar seja a evidência (2007a: 23).

---

<sup>72</sup> “Mais ainda, a inovação deve beneficiar-se, no seu estado inicial, de medidas de exceção que protejam sua autonomia. Supondo que não se pode provar *a priori* a justeza das iniciativas que comportam probabilidades, porque, por isso mesmo, comportam riscos, há que correr o risco/probabilidade de confiar a responsabilidade a um pequeníssimo grupo de pessoas que, embora com opiniões diferentes, tenham todas a mesma paixão pela nova intenção” (MORIN, 2008b: 35).

Ressaltando que, o autor da Complexidade nos lembra ainda que desde o século XVIII a ciência ocidental vem se desenvolvendo também transdisciplinarmente, não apenas disciplinarmente, pois do contrário nunca teria sido ciência; e que a questão não está no “fazer transdisciplinar”, e sim em “que transdisciplinar é preciso fazer?” (MORIN *in* ALMEIDA & CARVALHO, 2009: 52). Para dimensionar o grau de dificuldade que atravessa toda essa colocação moriniana e realçar o imperativo da cooperação - cujo exercício e promoção constam entre as finalidades da E.A - como possibilidade de buscar a superação desses limites no caso da projeção de uma intercessão, creio pertinente citar o posicionamento da professora Susana I. Molon, no que diz respeito à transversalidade, correspondente da transdisciplina:

Transversalidade, dentro de uma perspectiva do conhecimento. Falamos muito em um novo homem, este homem integrado, este homem complexo. Acredito que a transversalidade será uma das características desse novo homem. Acredito que nós temos dificuldade ainda na interdisciplinaridade, na multidisciplinaridade. Nós somos ainda, mesmo os críticos, somos ainda muito fragmentados, muito segmentados, e o transversal exige outro eixo, e os eixos que nós nos apegamos são ainda muito demarcados. Acredito que a transversalidade é para um novo homem, para um novo modo de se relacionar, não que não seja possível, mas são poucas as pessoas aqui neste mundo que conseguem, nessa realidade que vivemos, pode ser que os gênios, os loucos façam isso, os que conseguem romper, e aí sofrendo todas as consequências disso (...), a transversalidade é outra coisa, é de outra dimensão, é possível, acredito que alguns iluminados consigam isso. É uma transvaloração, são outros valores, tu vives em outras regras, isso exige alguém romper constantemente, nós temos rupturas muito pequenas, nós ainda somos muito racionalistas, a transversalidade não é desse homem racional, pode ser do homem com uma elevada capacidade espiritual (notas de entrevista: novembro/2010).

Ao se refletir sobre uma intervenção ainda não se pode olvidar que, pelo fato, de a ciência ser hoje onipresente em todos os segmentos e geradora de poderes gigantescos sem que se tenha o controle deles, Morin postula a necessidade da vinculação entre ética

e saber (2005: 71), e afirmando que todo conhecimento pode ser empregado para manipulação e que o pensamento complexo leva a uma ética da solidariedade e da não coerção (alimentando assim a ética), pensa em uma “ciência com consciência” cujo, princípio de ação não ordene, não manipule, não dirija, mas organize, comunique e estimule (*ibidem*: 64). Todavia, o filósofo enfatiza o hiato existente entre a intenção e a ação, as incertezas éticas presentes no “agir pelo bem”, no “cumprir seu dever”, exemplificadas, também através do “fio da navalha” que a ecologia da ação representa:

A ecologia da ação indica-nos que toda ação escapa, cada vez mais, à vontade do seu autor na medida em que entra no jogo das inter-retro-ações do meio onde intervém. Assim a ação corre o risco não somente de fracassar, mas também sofrer desvio ou distorção de sentido (MORIN, 2005: 41).

Ou seja, fazendo uso de uma expressão popular, “o feitiço pode virar contra o feiticeiro”, e uma ação moral pode originar consequências imorais assim como uma ação imoral pode ter resultados morais. Morin ilustra o último caso com O Fausto de Goethe, “(...) Fausto deseja a felicidade de Margarida, mas tudo o que faz produz infelicidade. Mefisto trabalha pela perdição de Margarida, mas desencadeia a intervenção divina que a salva” (2005: 42). O primeiro princípio da ecologia da ação afirma que as consequências de uma ação estão sujeitas não somente a intenção do ator como também do meio onde se realizam (*ibidem*), e o segundo refere-se à impossibilidade de previsão dos resultados a longo prazo (*ibidem*: 46).

Diante disso, pode o intelectual fazer como o Didi, personagem do Renato Aragão, em uma minissérie global chamada “Acampamento de férias - a árvore da vida”, quando ao ser indagado se não tinha coragem revidou com um, “Claro que tenho, só que não uso para não gastar”. Pode que, assim como no meu caso, a questão seja o nível de incerteza no qual se transita, acompanhado de prudência, que ainda dita à restrição teórica - mais, mesmo que se colha coisas aqui e acolá, compondo um nós, a projeção dessa intervenção precisa, se alimenta da sinergia<sup>73</sup> gerada no encontro de pesquisadores. Entretanto, o pensamento complexo não se paralisa, não deixa de agir

---

<sup>73</sup> “Sinergia: fenômeno que ocorre quando a interação de duas causas provoca um efeito total maior do que a soma das duas, agindo separadamente. Por extensão, qualidade de qualquer fenômeno no qual um todo é mais ativo, eficiente e produtivo do que a soma de suas partes” (LIMA & SILVA *et al apud* Guimarães, 2005: 194).

por medo das consequências, avoca as incertezas, assume os riscos e elabora estratégias<sup>74</sup> para contornar a situação na medida do possível (MORIN, 2005: 56).

A partir de Rubén Pesci, o ambiente é compreendido “(...) como a articulação dinâmica de todos os fatores da realidade (...)” (in LEFF, 2003: 138), percebido como potencialidade, “O ambiente não é; se faz, com as infinitas interpretações, movimentos, mudanças e desafios que supõe a condição da vida, em todas as espécies e em especial entre os humanos (...)”, e perceber o ambiente como potencial nos conduz ao compromisso de contribuímos à projeção desse ambiente e a vivê-lo como um projeto sempre contínuo (*ibidem*: 142). Daí, ao destacar a necessidade de, para uma cultura ambiental, se desenvolver a cultura do projeto, o autor se distancia da ideia formal e muito séria de projeto, da noção dele como produto técnico e acabado, o assumindo como construção de horizontes (*ibidem*: 150).

Antes, conceder-lhe-ia o codinome de Projeto Atena, a deusa que, conforme Morin, não governa, mas protege (2005: 23); “Atena, deusa grega do pensamento, filha de Zeus (...)” (LELLO & LELLO, s/d: 1381). Assim, se uma intervenção está sob os desígnios do pensamento complexo, como reforçado por Mauro Guimarães, ela se caracteriza pelo “tudo junto ao mesmo tempo agora” (in FERRARO JÚNIOR, 2005: 194). Significando quantidade, mas nisso tanto a E.A quanto a Complexidade enfocam que a qualidade deve preponderar - a auto-ética pede isso. E evidentemente, é muita coisa para se lidar. Um processo de transformação destes exige mudanças em todas as instâncias. E o tempo de “metabolização” das informações incorporadas gradualmente transdisciplinarmente, está relacionado ao ritmo natural do/s pesquisador/es.

Como é consenso a necessidade da participação do cidadão na construção do porvir. Que a responsabilidade com a construção do ambiente, que neste estudo adota os contornos da metamorfose antropossociológica, é de todos. Observo que, uma “ciência com consciência” permite organizar para ampliar as possibilidades de escolhas do próprio indivíduo/sujeito; e a empatia, aceitar o outro como ele é; compreender que cada um pensa de um modo; a meu ver, indicam que os pesquisadores devem se limitar a

---

<sup>74</sup> “A elaboração de uma estratégia comporta a vigilância permanente do ator durante uma ação, considera os imprevistos, realiza a modificação da estratégia durante a ação e, eventualmente, a anulação da ação em caso de desvio nocivo. A estratégia permanece uma navegação errante num mar incerto e exige, evidentemente, um pensamento pertinente e de confiança que necessita desconfiar não apenas da confiança, mas também da desconfiança. A estratégia é uma arte. Toda grande arte comporta uma parte de imaginação, sutileza, de invenção, o que foi demonstrado pelos grandes estrategistas da História” (MORIN, 2005: 56-57).

tentar fazer o melhor possível o trabalho que lhes cabe, sem esperar isto e aquilo das pessoas. Apesar de, num universo onde todos os fenômenos se conectam e se afetam mutuamente, cada decisão individual pesar sobre todos nós e no todo; e que, queiramos abraçá-la ou não, a evolução não deixa alternativa.

É viável, a passos calmos para que eles possam ser firmes, ir convidando diversos atores sociais para a construção conjunta de uma história diferente em termos de indivíduo/sociedade/espécie - sem jamais esquecer que é a partir dessa trindade humana que tudo deve ser pensado - diante da complexidade que é existir na condição humana. Falar a verdade para eles, que as respostas não estão prontas, mas que é possível, através da religação, formular alternativas num processo contínuo; inevitavelmente de tentativas, erros, acertos. Convidá-los a pensar/sentir. A aprender fazendo. A investir em prevenção em diferentes sentidos. A reinventar a si mesmo, a cidade, o planeta. A reconstruir a esperança. A sonhar coletivamente, e no âmbito enfatizado pelo professor Victor Hugo. G. Rodrigues:

Nós vivemos pesadelos coletivos, nós vivemos frustrações coletivas, vivemos desesperanças coletivas, decepções, desencantos coletivos, e achamos isso normal, nós acostumamos a viver assim e achamos que a vida só pode ser isso (...). E aí, essa possibilidade do encantamento coletivo, do sonho coletivo, é para romper conscientemente com isso, com o que está instituído, mas não é para romper numa revolução que vai acontecer daqui a milhões de anos, (...) é para romper agora, já. Quando é que vamos fazer a revolução? Agora. Mas, com o quê? Com o que a gente tem. Quais são as nossas armas? Nós, nós somos as nossas armas. Quem a gente vai combater? Nós mesmos. Onde está o inimigo? Em nós. Não é um de outro, é tu contigo mesmo, e uns apóiam os outros para cada um fazer seu próprio enfrentamento e crescem juntos. Ninguém entra no inferno do outro para salvar o outro, todos se elevam e jogam cordas para que os outros subam (...). A gente quer saber o que ele tem de potência (notas entrevista: outubro/2010).

Uma pesquisa/ação destas pode ser singularizada segundo o ponto de sua partida, que pode ser qualquer um, a nível público ou privado, individual - que é ciente da necessidade de cooperação - ou coletivo. E também nisso, o pensamento complexo

faz o que sabe fazer, ou seja, elaborar em algum momento uma estratégia. Aqui a imagino da minha condição de mestranda em Educação Ambiental, e por conta enlaço alguns potenciais vinculados ao Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental - que em sua própria diversidade abriga intelectuais de várias áreas do conhecimento - cuja colaboração seria capaz de cada vez mais impulsionar a era planetária.<sup>75</sup> O processo é moroso e difícil, mas a meu ver, tudo está ao alcance para uma contribuição acentuada ao seu desenvolvimento.

É-nos indicado que a âmago está na esfera paradigmática. Como nos diz Morin, por trás de todo conhecimento há sempre um paradigma determinando a promoção/seleção dos conceitos-mestres da inteligibilidade e as operações lógicas-mestras, desempenhando um papel, ao mesmo tempo, subterrâneo, pois funciona de modo inconsciente, e soberano, por controlar o pensamento consciente, se caracterizando assim como supraconsciente (2004: 26), em suma, o paradigma, as estruturas de pensamento, inscritas culturalmente nos indivíduos comandam inconscientemente seu modo de conhecer, pensar e agir (*ibidem*: 25). Trata-se de estimular a reforma do pensamento sob o paradigma da complexidade já em curso, num giro acompanhado da reforma da sociedade, da reforma da vida, da reforma ética.

Nisso aspirando um mundo melhor e não o melhor dos mundos, Morin coloca que para realizar a humanidade e civilizar a Terra, “(...) Tudo está ligado: a elaboração de nossas finalidades necessita o conhecimento e o reconhecimento de nosso *dasein* cósmico, de nossa identidade terrena, de nossa condição antropológica, da idade de ferro planetária (*et al*, 2005: 99). Neste estudo o assunto é abordado superficialmente, mas pode-se adentrar nos enunciados sob os quais o trabalho deve ser desenvolvido, a partir de obras morinianas como: Terra-Pátria, Educar para a era planetária: o pensamento complexo como método de aprendizagem no erro e na incerteza, Os sete saberes necessários à educação do futuro, O método 5: a humanidade da humanidade, O método 6: ética. E compreender a metamorfose, exige ainda certo aprofundamento nas obras, O método 1: a natureza da natureza e O método 2: a vida da vida.<sup>76</sup>

---

<sup>75</sup> “O internacionalismo queria fazer da espécie um povo. O mundialismo quer fazer do mundo um Estado. Trata-se de fazer da espécie uma humanidade, do planeta uma casa comum para a diversidade humana” (MORIN *et al*, 2005: 121).

<sup>76</sup> Ambos de uma espessura que, como outras obras, requerem tempo para leitura. Do primeiro deles ainda consegui apreender alguns poucos conhecimentos, mas no segundo, não passei do sumário.

Particularmente, muito distante de ter lido todas as páginas desses livros, apesar de ter dois deles há mais tempo, ainda não absorvi nem 2% do conteúdo das obras, mas sei que principiando com a fluidez de um rio, o pouco de qualquer um, na interação, nem que, com o pouco do outro, paulatinamente, vai se transformando em algo maior. Nisso, um músico que tem muito a ofertar na conjuntura do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental é o professor Humberto Calloni, pelo seu notório humanismo, compreensão, diplomacia - se trata de um processo transpassado por tensionamentos, diversidade - e conhecimentos em si. Também, considero valiosa a tonalidade da professora Susana I. Molon, por sua espiritualidade, sua Psicologia Social, seu trabalho com a escola, sua transparência, entre outros.

Compreendendo que todos os músicos do PPGEA que se elenca, talvez estejam envolvidos sobremaneira com seus próprios projetos em prol de um mundo diferente, só mesmo perguntando a eles para saber se e em que medida podem auxiliar um projeto como o referido neste estudo. Mas outra colaboração relevante estaria na agregação entre os músicos organizadores, do professor Victor Hugo G. Rodrigues, pelo seu humanismo, espiritualidade, imaginação, genialidade, e conhecimentos num todo. No fim do semestre passado, lhe perguntei se poderia usar “aquela palavra” na minha dissertação, respondeu que sim, mas pediu para ver antes em que contexto. Justo. Porém, como não há tempo para isso, anteriormente me abstive do uso. Mas quem sabe, junto com ele, o PPGEA não possa desenvolver uma nova teoria!

Observando que nenhuma orquestra se constitui de um instante para outro, nesta primeira religação fundamental, outro músico de destaque é o também criativo professor Alfredo G. M. Gentini, mais um psicólogo para fitar o *homo complexus*. Por sua energia. Porque seus conhecimentos podem ajudar muito, entre outros, a processar ideias de como construir as atividades que se fazem necessárias junto à escola, em tons práticos e lúdicos. E por fim, já neste entrelaçamento inicial, englobaria também um físico, o professor Arion de Castro Kurtz dos Santos, que traz consigo ainda, além de outros, o aspecto tecnológico, imprescindível para a aceleração da segunda hélice mundializadora. E assim, de uma canção composta por ele e pela professora Virgínia Machado, o recado pode ser extraído, “(...) se quiser fazer, faça bem feito (...)”.<sup>77</sup>

---

<sup>77</sup> Da música Elegância elegância, faixa 8 do CD “Translógica”.

Nesta composição de “instrumentos” específicos, se estaria constituindo ainda, um diálogo com as três linhas de pesquisa do PPGEA, através do seu próprio corpo docente. Com a contribuição dos potenciais mencionados: a qualidade, o humanismo, a criatividade, a sensibilidade, a inteligência, a espiritualidade, a amplitude de percepção, a sabedoria, entre outros; para projetar e retroalimentar continuamente um processo de transformações, teriam se elevado a níveis consideráveis. E independente das minhas, ou de qualquer outro, crenças espirituais, se fosse preciso contar, em última instância, só com a conjunção da diversidade dos potenciais humanos, isso em geral, não apenas para os arrolados nas contingências do PPGEA, ainda apostaria minhas fichas neles.

Como disse anteriormente, isso pode ser pensando de outras maneiras. Adaptado conforme as necessidades. Mas é impossível não vislumbrar a sinergia advinda do encontro desses músicos, para trocar energia, conhecimentos, ter ideias a respeito de como iniciar a projeção de uma contribuição a esta aurora. São potenciais diversos, e nisso como expressa Caetano Veloso, em sua canção Dom de iludir, “(...) cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é (...)”;<sup>78</sup> que se reúnem para ir além das diferenças de cada um, que utilizam sua especificidade para compor e tocar em homenagem, juntamente com a vida! E se deixado acontecer ao natural, algo tão característico à Educação Ambiental, cada uma no seu tempo, as ideias se desencadearão.

Não sei como outro educador ambiental lidaria com um processo desses, mas eu não agiria mais como tenho feito com essa pesquisa até aqui, ainda distante dos limites saudáveis ditados pela Mulher Selvagem. Como o bambu, tenho flexibilidade para tolerar uma medida vultosa de vento, mas já entendi que o sofrimento não me garantirá um “lugar no céu”. Aceito o esforço que contribuir à emergência da metamorfose requer, mas num ritmo natural, interagindo, construindo tudo aos poucos, um dia de cada vez. Não somente, como realçou o professor Paulo Opuska, do curso de Direito da FURG, a preocupação principal de um Programa deve ser o diálogo entre ação, sensibilidade e o pensamento, mas isso demanda muito mais tempo no trabalho (notas feitas na Defesa de Dissertação de Eduardo Corrêa Morrone: dezembro/2010).

Mesmo principiando com algo diminuto, um ponto a ser sempre lembrado, é que a Complexidade não se restringe ao pensar globalmente, agir localmente, manifestando-

---

<sup>78</sup> Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=0QJy0iPEEPw>>.



se no duplo par *pensamento global/ação local, pensamento local/ação global* (MORIN *et al*, 2004: 118). A partir da descrição do universo, como uma complexíssima rede de energias e matéria em interação contínua - a imagem do jogo, do qual, cientes ou não, todos participam - pode-se dizer que, qualquer intervenção sobre si mesmo já está repercutindo no global. Mas para começar a alcançar mais, pensando por esse louco prisma do “tudo junto ao mesmo tempo agora”, mesmo que, talvez um “excelente” estrategista se baseasse, com certa distorção, em um dos princípios de esperança na desesperança, o *princípio da toupeira*, “(...) que cava suas galerias subterrâneas e transforma o subsolo antes que a superfície seja afetada” (MORIN *et al*, 2005: 180)...

Em concordância com afirmação de Rubén Pesci, de que a grande maioria dos projetos determina precariamente seu alcance espacial, “(...) Por exemplo, pretende-se defender o patrimônio histórico de quatro quadras, quando na verdade haveria que tomar todo centro histórico ou toda a cidade (...)” (*in* LEFF, 2003: 162); acredito que, um primeiro perímetro de atuação a ser delimitado é a cidade. No caso, considerando o global, sem perder de vista a ação global, ter a cidade de Rio Grande como foco de uma intervenção elaborada continuamente em cooperação, num movimento constante, diverso, flexível, criativo, fluído - que o referencial teórico deste estudo tão bem suporta, já que a insufla. Uma intervenção que carece de retroalimentação permanente, pois conforme proferiu admirável filósofo:

As pequenas doses - Se uma transformação deve ser a mais profunda possível, que o remédio seja dado em doses mínimas, mas ininterruptamente, por longos períodos! Que coisa grande pode ser criada de uma vez? (...) (NIETZSCHE, 2004b: 262).

Elucidando a diferença entre crackes e hackers, os primeiros destroem coisas, os segundos resolvem problemas e constroem coisas (Raymond, 1998: 01), para “hackear o sistema”, não significando a exclusão de outros escóis na construção desse processo de mudanças, por ora, afunilando no perímetro da cidade, percebo três núcleos fundamentais, cujo estreitamento dos laços afetivos e comunicacionais, pode contribuir cada vez mais acerdamente com a roda das configurações: a universidade, a escola pública e a família. Através do processo, se estaria estimulando a reforma do pensamento em si mesmo, em todos os níveis de ensino e além do período escolar. Não somente, tanto global como localmente, quanto mais mentes estiverem voltadas à promoção das mudanças, maiores as chances delas se efetivarem.

Um primeiro diálogo entre os músicos organizadores, a conjunção desses potenciais, concederia clareza, solidez ao projeto, os delineamentos; a partir dos quais, um primeiro material audiovisual, especialmente destinado aos mestrands e doutorandos do PPGEA, pode ser produzido. Para lançar sementes em sua própria terra. Pois os discentes do PPGEA, em suas singularidades, constituem outra riqueza em potencial. Talvez eles possam ressignificar a proposta dentro de suas pesquisas. E inclusive, com os discentes que se dispusessem, é possível promover alguns encontros para troca de ideias. E, conforme a disponibilidade deles, também é valoroso o diálogo com outros docentes do PPGEA, pois eles podem ajudar a aperfeiçoar o projeto.

Ao mesmo tempo, o desenvolvimento de um projeto como o em pauta, precisa que se troque ideias, se transite por salas de aula de diferentes áreas do conhecimento da universidade, dando o que se tem àqueles que aceitarem e recebendo deles o que tem a contribuir. No processo ainda, como o desenvolvimento do trabalho e a construção do material sob os contornos da metamorfose antropossocial, exige sua realização em todos os níveis de ensino, as experiências, o conhecimento também dos professores das escolas muito auxiliarão nesta elaboração - e através da escola chega-se na família. E pelo observado, a escola está aberta ao diálogo. Embora, creia na validade da pergunta, nossa época exige que se desacelere o excessivo “apontar o dedo” e que nos concentremos em encontrar, promover soluções:



Figura 05 - Muro de uma escola pública na rua Domingos de Almeida – RG.

Nesse sentido, compactuo com a postura do professor Jussemar W. Gonçalves:

(...) Eu acredito no professor, não creio que nós todos aprendemos juntos no mesmo nível, saber é desigualdade, o que pressupõe níveis diferentes que se encontram, isso que é lindo! Que se encontram e desencontram culminando num outro que é tu amanhã, que sou eu daqui a dois dias. Por isso a democracia na escola é desigualdade, ela funciona na desigualdade dos saberes, então é preciso que alguém saiba, que alguém queira saber, que alguém não saiba, que alguém recupere saberes, que alguém consiga ver saberes (...) (notas de entrevista: novembro/2010).<sup>79</sup>

Como, sacudir a preguiça mental daqueles que acreditam que nada de inesperado acontecerá é uma lição ofertada pelo pensamento complexo (MORIN, 2007a: 83). Com o auxílio dos potenciais universitários, para pensar/movimentar o desenvolvimento de um trabalho voltado à consolidação de uma civilização planetária, e ao mesmo tempo, iniciar a construção de um material didático que, quem sabe, mais lá adiante, poderia ter uma conversão disponibilizada ao próprio Ministério da Educação de nosso país;<sup>80</sup> sugeriria, a nível experimental, começar com uma amostragem do ensino fundamental e médio. Como a escola pública é o foco, entendo que é juntamente com ela que a construção deve ser feita. Não quer dizer que, se o/s pesquisador/es optarem e derem conta, um projeto paralelo não possa ser elaborado com a escola particular, que aceitar tal proposta. Isto poderia ajudar a aprimorar o trabalho desenvolvido em ambas.

Em tudo isso, o tipo de abordagem e o devido tempo em que elas são desencadeadas, dependem das decisões dos músicos organizadores, mas um material nos tons da metamorfose deve ser elaborado também para a família. Para tanto, uma forma de manter diálogo com a família, é participando de algumas reuniões que a escola

<sup>79</sup> Na mesma entrevista, o professor Jussemar W. Gonçalves afirma que, “Escola quer dizer um conjunto de subjetividades, de professores, diretores, funcionários e alunos que dialogam entre si, em tese buscando a realização de um comum, do meu ponto de vista, esse comum é o trabalho cognoscente, produzir possibilidades intelectuais para que a criança consiga viajar por si só neste imenso mundo de saberes e conhecimentos, mas que precisam de instrumentos, de uma inteligência desenvolvida, de capacidades mentais desenvolvidas e amadurecidas”. Mencionado ainda que, a escola pública é um dos elementos, talvez o coração de uma democracia. E entendida como o sistema político mais civilizado, a democracia necessita ser regenerada, seu avanço está impresso nas finalidades da hominização.

<sup>80</sup> O diferencial de cultura para cultura não pode ser esquecido, entretanto, os livros distribuídos gratuitamente pelo Ministério da Educação, “navegam” de um modo mais geral, a singularidade nos conhecimentos parte da região, da cidade. Utilizando a criatividade para reencantar a Educação, é possível elaborar, também algo nesse sentido.

realiza para os responsáveis pelo aluno - a presença deles é mínima - outra, se utilizando de diálogos já travados, como o expresso na dissertação da psicóloga Rocio C. Q. García, sobre competências parentais.<sup>81</sup> Nesta direção, a ferramenta seria uma carta falada. Uma por mês, dez por ano,<sup>82</sup> gravadas apenas em CD,<sup>83</sup> contendo material complexo, numa aplicação do princípio hologramático.<sup>84</sup> Assim, a universidade, a Educação Ambiental e a escola, vão até a família, ao menos, para fazer o convite.

Nesse sentido, é importante observar que, a busca da hominização diz respeito ao desenvolvimento das nossas potencialidades psíquicas, espirituais (*mentais*), éticas, culturais e sociais; o desenvolvimento humano é considerado como o verdadeiro desenvolvimento (MORIN *et al*, 2005: 101-102). E que, ao referir-se a uma civilização planetária, à instauração de uma sociedade-mundo, a Complexidade não pensa em uma sociedade plenamente harmônica, totalmente isenta de conflitos, amargores e competição; em sua utopia a “boa-sociedade”, “(...) só pode ser uma sociedade complexa que abraçaria a diversidade, não eliminaria os antagonismos e as dificuldades de viver, mas que comportaria mais religião, compreensão, consciência, solidariedade, responsabilidade (...)” (MORIN, 2005: 87):

(...) É preciso portanto, ao mesmo tempo em que se resiste no imediato contra as formas abjetas de dominação, da servidão e da exploração, encaminhar a grande aspiração ao empreendimento da hominização, em profundidade e de longa duração, sem esquecer que os piores aspectos e potencialidades do ser humano e das relações sociais jamais serão abolidas mas

---

<sup>81</sup> Inclusive, ela já manifestou que está aberta ao diálogo, a contribuir com um projeto que vise repassar sua experiência, seus conhecimentos à família.

<sup>82</sup> A primeira das cartas faladas abriria com um quase grito de uma águia ou algo do gênero, e a fecharia, talvez, com a música Vou te levar comigo do Biquini Cavado.

<sup>83</sup> São maiores as possibilidades da família ter um aparelho eletrônico de CD do que de DVD, mas não precisa descartar definitivamente a produção de material em DVD. O valor do CD virgem para ser gravado pode ser recolhido pela escola, e pode vir dos pais, ou de alguma alternativa encontrada. A primeira seria a carta convite, uma espécie de presente, o aluno, por exemplo, com o professor de Educação Artística, poderia confeccionar uma bela embalagem! E assim, se faz o convite e eles decidem se querem continuar recebendo o material ou não. E se for o caso de diminuir o peso financeiro disso, talvez o CD regravável fosse a opção. Aqui também, é preciso considerar a linguagem utilizada. Mensagem mais clara possível, sem informações excessivas.

<sup>84</sup> O quinto princípio metodológico para pensar a complexidade, **o princípio hologramático**, “Como num holograma, cada parte contém praticamente a totalidade da informação do objeto representado; em qualquer organização complexa, não só a parte encontra-se no todo, mas o todo encontra-se igualmente na parte. Por exemplo: cada um de nós, enquanto indivíduo, contém em si mesmo a presença da sociedade de que faz parte. A sociedade está presente em nós através da linguagem, da cultura, dos seus regulamentos, das suas normas, etc.” (MORIN *et al*, 2004: 34-35).

deverão permanentemente ser contidos, controlados, e mais: autocontrolados (MORIN *et al*, 2005: 103).

Em síntese, o humano é uma unidade multidimensional, um todo com identidade e funcionalidade singular, que simultaneamente, é parte integrante de outras totalidades, e a conjunção do desdobramento de todo/partes<sup>85</sup> em interdependência e em inter-retroatividade constante constitui a realidade. E a partir de seus padrões internos o humano se auto-eco-organiza, no intercâmbio energético, material e informacional com o entorno, do qual, em sua relativa autonomia é dependente. Se transformando continuamente num todo, em diferentes níveis, a todo o momento, ao mesmo tempo em que afeta seu envoltório. Nesse processo, singularmente vivemos a possibilidade de uma insigne emergência, de uma nova fase no desenvolvimento da hominização. Sendo solicitado que façamos o que nos cabe que a natureza fará o resto...

---

<sup>85</sup> Essa afirmação traz o sexto princípio para pensar a complexidade, o **princípio sistêmico ou organizacional**, “Permite ligar o conhecimento das partes com o conhecimento do todo e vice-versa. (...) sabemos que, de um ponto de vista sistêmico-organizacional, o todo é mais do que a soma das suas partes. Este ‘mais do que’ designa os fenômenos qualitativamente novos a que chamamos ‘emergências’. Estas emergências são efeitos organizacionais, são o produto (produzir: proporcionar ao ser) da disposição das partes no seio da unidade sistêmica. Por outro lado, embora o todo seja mais do que a soma das partes, o todo é igualmente ‘menos’ do que a soma das partes. Este ‘menos’ refere-se às qualidades que se encontram restringidas e inibidas pelo efeito da retroação organizacional do todo sobre as partes” (MORIN *et al*, 2004: 34).



Figura 06 – Íntima relação

*“(...) Hoje tem festa no gueto, pode vir, pode chegar,  
misturando o mundo inteiro, vamo vê no que é que dá...  
Tem gente de toda cor, tem raça de toda fé,  
guitarras de rock’n roll, batuque de candomblé.  
Vai lá, pra ver... A tribo se balançar, o chão  
da terra tremer. Mãe preta de lá mandou  
chamar. Avisou! Avisou! Avisou! Avisou!  
Que vai rolar a festa, vai rolar!  
O povo do gueto mandou avisar!  
Que vai rolar a festa, vai rolar! (...)”  
(Ivete Sangalo - Festa).*

#### 4. OS PARECERES FINAIS DA AUTO-ÉTICA

*“Eu vô-lo digo: é preciso ter  
um caos dentro de si para dar  
à luz uma estrela cintilante ”*  
(Friedrich Nietzsche).

Decorrente da autonomia individual, emergida pela aptidão reflexiva à auto-análise e pela aptidão autocrítica, naturalmente a auto-ética, vinculada à solidariedade e à responsabilidade, incide numa ética para o outro, num ato de religação com o *tecido junto*, mas ela é uma ética de si para si mesmo. É a expressão do “Eu quero”, não do “Tu deves”, sabendo que se há de arcar com as consequências. Particularmente, embora vá buscar compreender mais o assunto, por ora, pelo que sinto a respeito, pauto minhas decisões também na crença na reencarnação. Todavia, mesmo que estejamos fadados a uma única existência, como viver a vida de modo a não descobrir tarde demais que o nosso ouro na verdade não passa de mera bijuteria?

Na tentativa de disciplinar o egocentrismo e desenvolver o altruísmo, antes de ingressar no mestrado, compreendia as preocupações de algumas pessoas próximas e lamentava por causá-las, mas não havia como explicar-lhes que baseava minhas escolhas em coisas além do visível - não desconhecendo que as realizações materiais viriam em algum momento - e uma das implicações foi ter passado os últimos três anos longe do meu filho, o vendo apenas por uns dias nas férias, mas daqui a quatro dias ele retorna para casa! Nisso, certa vez, enquanto limpava um vaso sanitário em uma faxina por aí, que inclusive equilibravam o trabalho físico ao mental, constatei que se soubesse da riqueza do aprendizado, faria exatamente o mesmo percurso. Algo que se estende também a caminhada como mestranda, que tornou mais vigorosa minhas asas...

No fim de janeiro de 2012, conversava em minha casa com um ótimo médium - trabalha principalmente com Seu Tata Caveira, um espírito por quem nutro um afeto imenso. Falei-lhe rapidamente da metamorfose antropossocial, e por conta dele, o tema Anjo Negro entrou em cena! No meu singular religar com o Todo, nunca senti na interligação com esse ser algo respectivo aos tormentos infernais, e na minha compreensão, ele ama mais a Deus do que a maioria dos humanos. Na conversa, me foi comentado que a atitude do Anjo Negro resultou na expulsão dele e nossa do paraíso, o excluído, o representante dos excluídos. Condenado a voltar para o Criador só quando todos os espíritos retornarem, o Mestre da regeneração.

No diálogo, que aumentou minhas suposições de que também o Anjo Negro teria interesse vital na transformação da humanidade, sua própria regeneração estaria atrelada ao processo; foi-me dito que, sobretudo com a vinda de Jesus, o Anjo das Trevas<sup>86</sup> atingiu escalas mais evoluídas, deixando encarregados nos domínios inferiores. Sendo ressaltado ainda o ensinamento dos Mestres dos Mestres que o amor é o caminho, o amar o próximo como a si mesmo. Que o querer mudar é a peça-chave da regeneração. E pensei-me em relação a essas duas últimas colocações, se passaram quinze anos desde que quis me tornar um ser humano melhor; lentamente mudanças foram conquistadas, mas mesmo que quisesse muito estar além, eu ainda estou aprendendo, num grau que julgo insatisfatório, também a amar-me e a amar ao próximo como a mim mesma.

O processo durante a graduação começou um rompimento no meu modelo de pensar cartesiano, introduzindo um modo de pensar complexo, que vem se desenvolvendo gradativamente. E foi uma sensação maravilhosa perceber que os saberes que estava lendo nas minhas duas primeiras obras morinianas, definiam-me, teorizavam o que tinha passado a sentir conscientemente e não conseguia “situar”. Conhecer minha condição humana, saber da multipersonalidade potencial em cada um de nós, da nossa tendência para a autojustificação e direcionamento para o outro da falta, dos nossos esquecimentos seletivos, mais as muitas horas de auto-análise e autocrítica, entre outros; foram aumentando cada vez mais minha compreensão para com o outro, ao mesmo tempo, que a implacabilidade para comigo mesma.

Com a neurolinguística tinha aprendido que o perdão também é um ato de inteligência, que raiva e mágoas são como veneno ingerido constantemente em doses mínimas, prejudiciais antes à própria pessoa. Após a graduação, fora a compreensão que estava adquirindo, meus erros tornaram bem mais fácil perdoar os erros dos outros; o problema mesmo passou a ser conseguir perdoar-me pelas faltas maiores cometidas. A auto-ética te torna réu, advogado de defesa e muito mais de acusação, juiz, e executor

---

<sup>86</sup> Na umbanda essa figura é representada, chamada de Seu Maioral, e depois do médium ter visto esse ser umas três vezes na minha casa, considerando que eles se utilizam de formas diversas para se apresentarem a cada humano, o descreveu com estatura mediana, branco, magro, vestindo uma bata e calça de seda preta, pés descalços, anéis de metal nos dedos, e cabelos escuros até a cintura, com mechas brancas, repicados, desarrumados, parecendo um roqueiro. Após esse esboço, de quando em quando, pergunto-me se ele seria um daqueles que concordam com o vocalista da banda de rock Biquíni Cavado, que num show ao vivo em Fortaleza, pronunciou que, “(...) música se faz com a cabeça, música se faz com o coração, música se faz com atitude. Aí, música, música não se faz com a bunda não! (...)”. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=gE23z9OU0iE&feature=related>>.



inexorável de si mesmo. E eu faço isso com uma acentuada intensidade. Daí o cuidado por tentar evitar o máximo possível falhar, essencialmente, mais grave e diretamente com o outro, por mim e por ele.<sup>87</sup> Além que, nesses anos, com a vida me lembrando até dos que havia esquecido, eu me vi acertando as contas com meus erros, estando hoje liberta do sentimento pesaroso da falta de perdão para mim mesma.

Não somente, desde muito antigamente vem sendo ecoado, de diferentes maneiras, a importância do pensamento, a necessidade do cuidado para com o nosso arsenal mental, como manifesta o psicólogo Francesco Giovanetti, “(...) Você pensou e sentiu tudo aquilo que acontece na sua vida (...). Tudo acontece como ato intencional do pensamento e das emoções. Tudo!” (2006: 40). E dado que, o pensamento pode ser projetado a distâncias extraordinárias, influenciando no receptor, zelando por mim e pelo outro, procurando evitar o ataque a ambos, intensa e pacientemente - considerando a trindade razão/afetividade/pulsão - venho agindo também para limpar os recônditos da minha mente, cada vez mais profundamente. Em suma, como a vida me trazia a colheita de antigas plantações, após o curso em História-Licenciatura passei a me esforçar para realizar outro tipo de plantio, o mais amplamente possível.

Durante o processo de mestrado compreendi que, definitivamente, para mim o pote de ouro no fim do arco-íris é a paz, agora, antes de tudo ela. E para a construção desse estado em mim, para a evolução espiritual almejada, elegi a obra *Um curso em milagres* para ao menos testá-la, me aprofundar em seus saberes após o mestrado - mas quiçá uma decisão minha acerca da metamorfose de nossa época, de antemão inviabilizou a tentativa, como descrevo adiante - pois teoricamente, o milagre substitui um aprendizado que poderia levar milhares de anos. Além de “ser” uma possibilidade, pela repercussão em termos de mundo, apesar de a ênfase não ser essa, também porque “(...) A paz mental é claramente uma questão interior. Ela tem de começar com teus próprios pensamentos e então estender-se para fora. É a partir da paz da tua mente que surge uma percepção pacífica de mundo” (SCHUCMAN & THETFORD - LE, s/d: 56).

Antes do mestrado não tinha lido mais de vinte páginas dessa obra, sem muito compreendê-las, entretanto, assim como cada um de nós está numa fase do próprio

---

<sup>87</sup> Reconheço que não é possível retirar de todo o erro do processo de aprendizado e como afirma Maria C. Moraes, “(...) Assim que o erro é assimilado, integrado à organização, ele perde um pouco o seu caráter ‘negativo’ que o humano tenta impor. É considerado erro, apenas no momento de sua ocorrência. Depois desse instante, passa a ser elemento instigador e recuperador, transformando-se em fator de sua organização (...)” (2008: 90).

desenvolvimento, os aprendizados que nos chegam, vêm em seu próprio momento; foi mediante as circunstâncias com a pesquisa e com outras situações em outras esferas da minha multidimensionalidade, que passei a me dedicar mais ao UCEM. Embora o conteúdo do livro em menção continue a me soar mais do que estonteante, me atrai por deveras; também por “ser” um meio de rompimento com o ciclo de reencarnações. Mas ainda que o Curso fosse funcional, não sou um aprendiz disciplinado dele, e esse fato dificultou-me muitas coisas, ao mesmo tempo em que o pouco teor já apreendido.

O material “foi recebido” por Helen Schucman, e quem fala na primeira pessoa, “o Eu” no Curso seria Jesus, aquele que foi um homem, que teria visto a face de Cristo<sup>88</sup> em todos os seus irmãos, e em si mesmo, se lembrando de Deus. Pelas minhas crenças acredito na possibilidade da comunicação, e me parece que pode ser Jesus mesmo quem fala. Ou não! Entre as muitas dúvidas, pela história bíblica do anjo da anunciação, sobre conceber uma criança através do Espírito Santo, é possível cogitar que Maria pode ter iludido José quanto à concepção de Jesus - isso não alteraria meu respeito por ela - e ser gestado e crescer ouvindo ser o filho de Deus, tem seus efeitos num ser humano. Mas, mesmo com as incertezas, entendendo contar com a aprovação do “Senhor da Transformação”, decidi averiguar os resultantes dessa auto-experiência.

Em essência, o livro:

(...) Ele faz uma distinção fundamental entre o real e o irreal, entre conhecimento e percepção. Conhecimento é verdade, e está sob uma única lei, a lei do Amor de Deus. A verdade é inalterável, eterna e não é ambígua. É possível não reconhecê-la, mas não é possível mudá-la. Ela se aplica a tudo que Deus criou e só o que Deus criou é real. Está além do aprendizado porque está além do tempo e do processo. Não tem opostos, não tem início e não tem fim. Simplesmente é. O mundo da percepção, por outro lado, é o mundo do tempo, da mudança, dos inícios e dos fins. Ele se baseia em interpretação, não em fatos. É o mundo do nascimento e da morte, fundado sobre a crença na escassez, na perda, na separação e na morte. Ele é

---

<sup>88</sup> “(...) Cristo – o Filho perfeito de Deus, Sua única criação e Sua felicidade, para sempre como Ele e um com Ele (...)” (SCHUCMAN & THETFORD - ET, s/d: 89).

aprendido mais do que dado, seletivo nas ênfases que dá à percepção, instável em seu funcionamento e impreciso em suas interpretações (SCHUCMAN & THETFORD, s/d: xviii).

Para transgredir fronteiras, o pensamento complexo necessita de uma mente sem preconceitos, mas o deslocamento que o livro faz entre real e irreal, é algo muito louco! Está sendo dito que há uma verdade inalterável e eterna, independente de acreditarmos nela ou não, que a Vontade de Deus é tudo que existe, e apenas o que provém Dele é real. Nossa verdadeira Identidade é vinculada àquela estabelecida por Deus, pela qual somos uma criação plena e perfeita Sua, uma com Ele. Assim, o mundo da percepção seria de natureza ilusória e não foi criado por Deus, que não cria nada diferente de Si. O pressuposto é que surgiu um pensamento de separação, que de fato não teria acontecido, e para explicar as origens dessa separação - geradora de uma profunda culpa inconsciente acerca da separação de Deus, que se esconderia atrás de todas as formas de culpa e medo - é colocado que:

Estender-se é um aspecto fundamental de Deus, que Ele deu a Seu Filho. Na criação, Deus estendeu-Se às Suas criações e as imbuiu da mesma Vontade amorosa de criar. Tu não só foste plenamente criado, como foste criado perfeito. Não há nenhum vazio em ti. Devido à tua semelhança com o teu Criador, és criativo. Nenhuma criança de Deus pode perder essa capacidade porque é inerente ao que ela é, mas pode usá-la de maneira imprópria através da projeção. O uso impróprio da extensão, projeção, ocorre quando acreditas que existe em ti algum vazio ou alguma falta e que podes preenchê-lo com as tuas próprias ideias em vez da verdade. Esse processo envolve os seguintes passos. Primeiro, acreditas que o que Deus criou pode ser mudado pela tua própria mente. Segundo, acreditas que o que é perfeito pode ser tornado imperfeito ou falho. Terceiro, acreditas que podes distorcer as criações de Deus, inclusive a ti mesmo. Quarto, acreditas que podes criar a ti mesmo e que a direção da tua própria criação depende de ti. Essas distorções interligadas representam um retrato do que de fato ocorreu na separação, ou seja, o “desvio para o medo”. Nada disso existia antes da separação nem, de fato, existe agora. Tudo o que Deus

criou é como Ele (...) (SCHUCMAN & THETFORD - LT, s/d: 18).

A partir dessa perspectiva, somos todos espíritos, que na verdade, compõem apenas um espírito integrado e uno com Deus, “O termo *mente* é usado para representar o agente ativador do espírito, suprindo a sua energia criativa (...). *Espírito* é o Pensamento de Deus que Ele criou como Ele mesmo. O espírito unificado é o Filho único de Deus ou Cristo” (SCHUCMAN & THETFORD - ET, s/d: 81). O pensamento de separação, e de ser o que Ele não criou, denomina-se ego, um sistema de pensamento de separação, culpa, medo, ataque e defesa. E apesar da divisão ser falsa, no mundo da percepção a “mente individual” é vista como contendo duas partes. A *mente certa* onde o Espírito Santo habita, a parte da Mente de Cristo, que perdoa o mundo da percepção, percebendo o mundo real. E a *mente errada* que escuta o ego e origina ilusões.

Ou seja, são dois sistemas de pensamento absolutamente excludentes. E a princípio, podemos escolher se vamos ouvir a *mente certa* ou a *errada*. O enfoque do UCEM, que é um Curso de treinamento da mente, é mudar a mente sobre esse sonho, desfazer as fundações falsas. Devido à diferença de nível, o conhecimento não pode ser o remédio para a percepção equivocada, a única correção viável é a *verdadeira percepção*, que em algum momento findará, mas enquanto estiver atuando tem a função de curar a mente. O remédio para curar a percepção da separação é denominado ainda de Perdão, Expição, Salvação. Seria também uma ilusão, mas uma ilusão de ajuda mediante nossa impotência, que nos transportaria para longe dos equívocos.

Significa que, com a aparente separação, teria sido elaborado um plano de correção pelo Espírito Santo para desfazer o ego e curar nossa crença na separação, para nos auxiliar no retorno à eterna Ausência de Forma de Deus. “Jesus”, que “distinguiu” o real e o irreal, faria a ponte entre nós e Deus, caso contrário a distância estaria além das nossas possibilidades.<sup>89</sup> Não obstante, determinada pelo Espírito Santo, cada um de nós teria uma função específica em relação à Expição, que não se completa até que todos tenham cumprido a parte que lhe foi designada; sendo possível um adiamento incrível

---

<sup>89</sup> “(...) Se os Apóstolos não tivessem se sentido culpados, nunca poderiam ter me citado como se eu tivesse dito ‘Não vim trazer a paz, mas uma espada’. Isso é claramente o oposto de tudo que eu ensinei. Nem poderiam ter descrito as minhas reações com Judas como o fizeram, se tivessem realmente me compreendido. Eu não poderia ter dito ‘Com um beijo traís o Filho do Homem?’, a não ser que eu acreditasse em traição. Toda a mensagem da crucificação era simplesmente que eu não acreditava (...)” (SCHUCMAN & THETFORD - LT, s/d: 101).

nisso, mas a aceitação é dita como inevitável. “Jesus” não deixa dúvidas quanto à finalização da Expição, “(...) Tudo aquilo que é a vontade de Deus não só é possível como já aconteceu (...)” (SCHUCMAN & THETFORD - LT, s/d: 406).

Embora seja colocado que, “O senso de separação de Deus é a única falta que realmente precisas corrigir (...)” (SCHUCMAN & THETFORD - LT, s/d: 14), haveria um Chamado universal em relação à Expição, que cada um de nós responderia no seu devido momento, e o cumprimento da nossa função estaria estreitamente relacionada à nossa paz e felicidade, não existindo outra função a ser executada se não a designada pelo Espírito Santo; sendo Sua Função nos dar essa resposta, como também nos prover os meios para que ela seja cumprida, sem que haja esforços da nossa parte, sem requerer sacrifício algum, que se associa ao ego. E supostamente, entre os benefícios obtidos no processo, consta que, com soluções onde ninguém perde, os problemas resolvidos pelo Espírito Santo terminam de uma vez por todas, ao se encontrarem com uma justiça bem diferente do nosso entendimento de justiça, do contrário, continuarão se repetindo.

Conforme as conjecturas, no plano já completo da Expição, ninguém estaria onde está acidentalmente e não haveria lugar para o acaso. Esse processo - onde o corpo é visto como um meio de comunicação, um instrumento de aprendizado da mente - em termos longitudinal ou horizontal parece implicar um tempo quase sem fim, mas suas várias fases iriam se desenrolar no tempo até todas as ilusões deixarem de existir.<sup>90</sup> Assim, ouvir a Voz do Espírito Santo - que pode falar nos dando os nossos pensamentos, através de um sonho, de uma ideia vinda de alguma pessoa... - incorreria em não tomar decisões por conta, e sim em aguardar até que Ele comunique o que deve ser feito, para então realizar. Sem esperar essa ou aquela resposta, pois isso corresponderia a fazer julgamentos; ou seja, é assinalado que a Expição deve ser dirigida por Quem tem a visão do plano todo.

---

<sup>90</sup> Elucidando o que a finalização da Expição representaria em termos de mundo, “É possível que o que não tem começo realmente tenha fim? O mundo terminará em uma ilusão, como começou. Porém, seu fim será uma ilusão de misericórdia. A ilusão do perdão, completo, sem excluir ninguém, sem limites em gentileza, cobrirá o mundo escondendo todo o mal, ocultando todo o pecado e pondo fim à culpa para sempre. Assim termina o mundo que foi feito pela culpa, pois agora ele não tem nenhum propósito e se foi. O pai das ilusões é a crença em que elas têm um propósito, que servem a alguma necessidade ou gratificam algo que se quer. Percebidas como sem propósito, elas não são mais vistas. Com o reconhecimento de que nenhuma utilidade pode lhes ser dado, elas se foram. Como, a não ser deste modo, podem todas as ilusões ter fim? Elas foram trazidas à verdade e a verdade não as viu. Meramente deixou de ver o que é sem significado (...). O mundo terminará com a benção da santidade sobre si. Quando não permanecer nenhum pensamento de pecado, o mundo acaba. Ele não será destruído, nem atacado, nem mesmo tocado. Meramente deixará de parecer que existe” (SCHUCMAN & THETFORD - MP, s/d: 38).

Pelo fato de estar nos meus primeiros passos do aprendizado com Um curso em milagres, que promete uma metamorfose no nível da mente - onde se localizariam tanto a culpa como a salvação - que assegura uma auto-salvação; mais as diversas incertezas que vagueiam essa obra, não posso associá-la ao coletivo, nem anunciar nesta pesquisa algo como “Saudações da Expição”. Porém, independente da funcionalidade do Um curso em milagres, meu entendimento pessoal com o conteúdo lido se refletiu em toda minha multidimensionalidade, se entrecruzando nas reflexões deste estudo, e se constituindo temporariamente na maior causa da minha falta de firmeza em/e como interceder em favor da emergência da metamorfose antropossociológica.

Se minha mente já estava em conflito ao pensar uma intervenção, como por exemplo, pela consciência muito clara de que, com uma mão podemos acariciar e com a outra dominar; que o “veneno pode vir em formato de mel”; da sensação terrível de sermos manipulados, mesmo se reconhecendo o valor do aprendizado. O UCEM preconiza que nessa história se estaria escolhendo, nada mais nada menos, entre a condenação ou a libertação dos irmãos.<sup>91</sup> E se menciona uma função específica para cada um de nós no plano da Expição, alerta ainda que, “(...) A escolha não se faz entre os sonhos que se deve manter, mas apenas se queres viver nos sonhos ou se queres despertar (...). Os sonhos dos quais pensas gostar te atrasam tanto quanto aqueles nos quais o medo é visto (...)” (SCHUCMAN & THETFORD – LT, s/d: 659).

Hoje, depois de tanto a vida, como de costume, sem pedir licença, me fazer experimentar a complexidade que é viver, existir na condição humana; transpassada pelo reconhecimento desse drama existencial, sou capaz de sorrir, quase muito calmamente, na sala dos espelhos da incerteza, inclusive diante dos fornecidos pelo UCEM. Durante o mestrado, os ensinamentos que chegavam de vários lados, mais minhas ponderações, a saliência do ponto de interrogação; ao deixarem-me cada vez mais sem chão, na mesma proporção sublinhavam que no fim das contas, a base mais “sólida” que possuo para apegar-me é a própria Complexidade. Com a qual, ainda estou “exercitando o tato”, num romance que não sei se perdurará até os meus últimos dias, mas como disse o poeta, “(...) que seja infinito enquanto dure (...)”.<sup>92</sup>

---

<sup>91</sup> “(...) A luz em um só desperta a luz em todos (...)” (SCHUCMAN & THETFORD - LT, s/d: 477).

<sup>92</sup> Vinicius de Moraes. Soneto da fidelidade. Disponível em: <<http://www.astormentas.com/PT/poema/9637/Soneto%20da%20Fidelidade>>.

Talvez, também para economizar fôlego, não volte mais a tornar-me meu sujeito de pesquisa depois desta dissertação, mas em essência o enfrentamento permanece pessoal. Uma resistência à minha barbárie interior, através da auto-ética; cuja ação é a mais pessoal possível e, ao mesmo tempo, insinua uma religação social, biológica, física, cósmica. Destarte, no meu modo de pensar e sentir, relacionar-me com essa realidade onde todos os processos estão entremeados, em interações recorrentes e retroativas;<sup>93</sup> muito constatei a ênfase moriniana de que, “A autonomia ética é frágil e difícil a partir do momento em que o indivíduo experimenta mais o mal-estar ou a angústia das incertezas éticas que a plenitude da responsabilidade” (2005: 92). Com tudo ficando mais dúbio após meu aprendizado deficiente com o UCEM.

Minha compreensão dessa realidade interacional não passa de um grão de areia diante do conhecimento de outros e, continuo não vendo coisas óbvias. Todavia, apesar das insuficiências, inegavelmente houve uma saliente transmutação, que ocasionou vários questionamentos - muito mais adiante dos aqui aludidos - e por fim, deixou-me bem mais leve! Mas ainda não é a leveza do estágio borboleta, que tanto me fascina! Por conseguinte, precisei perseverar muito para expressar-me quando a vontade era de silenciar, pois estava perplexa contemplando os desmoronamentos, necessitando de tempo para ressignificar os aprendizados, cada vez mais ciente da minha ignorância, além de sentir essa escrita como algo análogo a condensar um oceano em uma gota - o que denota ainda a limitação argumentativa.

O pensamento complexo navega entre ciência e não ciência, o paradigma da complexidade em geral solicita um intelectual mais múltiplo, se autoconhecer exige fitar várias áreas do conhecimento. Nesse contexto, nas palavras de Robert A. Wilson, “(...) todo túnel de realidade pode nos dizer algo interessante sobre o nosso mundo se estivermos dispostos a ouvir (...)”.<sup>94</sup> Entretanto, considero a avalanche de informações

---

<sup>93</sup> Insere o sétimo princípio para pensar a complexidade, o **princípio da retroatividade**, “Com o conceito de ciclo retroativo, rompemos com o princípio de causalidade linear. Trata-se de um princípio introduzido por Wiener e que foi depois teorizado por alguns pensadores, como por exemplo Bateson. Perante o princípio linear causa-efeito, situamo-nos num outro nível: não só a causa age sobre o efeito, mas o efeito retroage de maneira informacional sobre a causa, permitindo a autonomia organizacional do sistema. As retroações negativas agem enquanto mecanismo de redução do desvio ou da tendência. Isto significa que agem enquanto mecanismos de estabilização do sistema. As retroações positivas são a ruptura da regulação do sistema e a amplificação de uma determinada tendência ou desvio em direção de uma nova situação incerta. Situação essa que pode acabar com a própria organização do sistema. Tal como sabiam os primeiros pensadores gregos, em pleno triunfo, a *hybris* conhece a morte” (MORIN *et al*, 2004: 36).

<sup>94</sup> “Robert A. Wilson explica a física quântica”. Vídeo disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=HEdOMkI2waU>>.

produzidas pelo aceleração crescente do fluxo científico, renomados cientistas com pareceres diferentes do mesmo assunto - embora saiba que é assim que a ciência avança. Uma diversidade que se estende ainda aos saberes informais, com muitas explicações de fenômenos que não me satisfazem mais. E o ato de pesquisar, analisar, compreender, “desfazer as nuvens”, formular um posicionamento, requer tempo. Daí, também o ensaio consistir no método mais adequado para esta reflexão.

O autoconhecimento, a tentativa de compreender o real e meu referencial teórico, ponderar um desvio em nossa época histórica, o parecer do professor Arion de que a cosmologia “(...) é a base de tudo que a gente venha a pensar, eu acredito também, dentro da Educação Ambiental (...),<sup>95</sup> exigiram-me voltar os olhos para a nova cosmologia, que Morin sublinha ainda não ter penetrado em nossas mentes. E a necessidade de contemplação se estendeu ao microcosmo, à física quântica, onde ideias a princípio inconcebíveis adquirem sentido. Quer dizer, estou tentando como pessoa e educadora/pesquisadora clicar na tecla atualizar! Mas esse mundo macro e micro é muito novo para mim, sou um aprendiz encantado e curioso, só que por demais recente; confuso neste momento do aprendizado em sua reconstrução/tradução da realidade.

Levo em conta que a ciência contemporânea mapeou a linha da criação, demarcando os principais capítulos cósmicos, nosso universo e tudo que há nele, passou a existir de uma explosão de poder inimaginável. E como pontua Stephen Hawking, “(...) sem dúvida, o fato mais impressionante de todos é que todo esse imenso universo, todas as inumeráveis galáxias, até mesmo o tempo, o espaço e as forças da natureza, simplesmente se materializaram do nada (...)”.<sup>96</sup> Apesar das descobertas científicas incríveis e surpreendentes, o “Antes do Começo” continua um mistério -<sup>97</sup> que a Complexidade nos incita a interrogarmos - e o destino do universo comporta a incerteza, e a estimativa é que se desconhece para além de 90% da matéria. Há muitos enigmas a

---

<sup>95</sup> Em entrevista me cedida em agosto/2011.

<sup>96</sup> O universo de Stephen Hawking: a história completa. Disponível em: <<http://www.fisica.net/videos/Hawking/>>.

<sup>97</sup> Segundo Morin, nos situamos “(...) num universo que traz em seu princípio o Desconhecido, o Insondável e o Inconcebível. Eis-nos num universo nascido de um desastre e cuja organização só pôde se dar a partir de uma minúscula imperfeição e de uma formidável destruição (de antimatéria). Eis-nos num universo que, a partir de um acontecimento/acidente que escapa a todas as nossas possibilidades de conhecimento atual, se autocriou, autoproduziu, auto-organizou. Eis-nos num universo cujo ecossistema necessário à sua organização é talvez o nada (tudo que se auto-organiza se alimenta de energias, nosso universo se alimenta das formidáveis energias surgidas da irrupção térmica inicial, mas de onde saíram essas energias?) (...)” (*et al*, 2005: 44-45).



ser decifrados, com respostas ainda mais revolucionárias, que abalarão suportes e conceitos da humanidade.

O que contém a arguição da física Dana Zohar de que a física quântica afirma, “(...) inclusive que não existem objetos sólidos tal qual nós concebemos (...)” (2006: 43)? E o modelo do universo - em camadas mais profundas da realidade - como um super holograma - no qual passado, presente e futuro existiriam simultaneamente - do físico David Bohm? A mecânica quântica será reformulada em relação ao indeterminismo? O que os cientistas estão dizendo sobre os multiversos? Pelo viés da ciência, por si só, o que percebemos como real e imediato não seria uma ilusão? Pelas indagações arroladas, cientificamente, já me é obscuro, difícil entender o real neste momento. O que é real? Se também por outro prisma, Pablo Picasso infere que, “Tudo que você pode imaginar é real” (in THORPE, 2000: 70).



Figura 07 – Muro da indagação, na Avenida Presidente Vargas – RG.

Por vezes, indo para a faxina cedo, questionava-me ao ler no trajeto esta pergunta, sobre a qual Um curso em milagres adicionou dúvidas, porque com seu preceito básico - se contrapondo à crença de todos aqueles que acreditam que o nosso mundo foi criado por Deus - insiste que a insanidade está em acreditar que esse mundo é real - pois se fosse Ele seria cruel - e que somos diferentes do que Ele nos criou. E o que

pensar diante de tal reversão da concepção de real? Loucura? Quais as correntes que verdadeiramente me aprisionam na caverna? Ou seja, não posso saber se já acordei sem antes descobrir o que é de fato despertar. Será que um dia saberei a resposta? Não sei, mas seguirei vivendo e investigando, na tentativa de responder as minhas interrogações. Com tudo isso me soando tão tentador quanto beijo roubado!

Conforme sobredito, as vivências difíceis na caminhada como mestranda, além de forjarem-me, definiram a colocação de todas as coisas, em todas as minhas esferas constitutivas, sob a cláusula de que não tenha o importe da paz interior. Nesse contexto, talvez, contribuir à emergência da metamorfose antropossocial e testar as premissas do UCEM, seja dois senhores a quem não se pode servir, e ao assumir ambos fadei a auto-experiência com o segundo ao fracasso. E não vou desesperar-me se assim for. Mas, a mente tranquila, no grau prometido por esse livro, não me parece uma dádiva irrisória e, me é extremamente instigante o convite de “Jesus” para ir até o nível dele, “(...) Não há nada em mim que tu não possas atingir. Eu nada tenho que não venha de Deus. A diferença entre nós agora é que eu não tenho mais nada. Isso me deixa em um estado que em ti é apenas potencial (...)” (SCHUCMAN & THETFORD – LT, s/d: 7-8).

Creio que, se o dia da minha morte viesse, mesmo que o resgate não tardasse a chegar, meu atual estágio levar-me-ia para algum local mais ameno da região conhecida pelos kardecistas como umbral, e na tentativa de tornar-me apta à introdução em dimensões mais elevadas; tenho interesse em vencer-me, em superar necessidades e carências de vários tipos, em libertar-me dos pensamentos e sentimentos intoxicantes, em adentrar na minha mente em camadas cada vez mais profundas. Nisso, cobiçando a transcendência! E o UCEM me traz a possibilidade de economizar tempo no processo, de ser capaz de ver a mim e ao outro como totalmente inocentes, reconhecer o outro a partir da sua santidade essencial em sua cela corporal, amar o outro com amor de irmão! Além que, a Expição consistiria na única defesa que não comporta ataque.

Com a mente povoada de dúvidas a respeito de interceder na construção de um mundo diferente, questionando-me se havia alguma chance da metamorfose antropossocial estar entre as várias fases da Expição; pelos supostos benefícios, muito entreguei minha vida e esta pesquisa ao Espírito Santo, mormente quando o término do mestrado ditava que era momento de resoluções. E ocorreram diversos acontecimentos na semana que, ante a complexidade da vida, por conta, enfim avoquei todos os riscos e

incertezas, decidindo contribuir, de acordo com a minha matiz, com a instauração de uma civilização planetária; mas, sobretudo latejou na mente que, a auto-ética é ainda uma ética da compaixão! Nisso, como a recomendação do UCEM é não compactuar com nenhum sonho de dor,<sup>98</sup> o mais perto que cheguei de uma alternativa, foi intervir no âmbito alocado pelo professor Victor Hugo G. Rodrigues, antes explicitado.

Mas contribuir a partir de onde? Como? A construção da aurora aspirada pela E.A, aqui sob a insígnia de metamorfose antropossociológica, requer mudanças em todas as instâncias; referimos-nos ao *homo complexus*; ao maior desafio que se apresenta ao pensamento contemporâneo; a uma interferência sob as lentes da Complexidade, é muita coisa! Em contraste, meus limites fazem questão de lembrar-me que existem. Quero lidar com a pesquisa/ação num ritmo natural e a passos calmos para serem firmes, então, não posso participar do processo seletivo de doutorado do PPGEA esse ano. E, entremeio, tem a influência pesadíssima do fator financeiro; com o fim da bolsa de estudo, minha situação econômica em si, só não está mais crítica devido à subvenção vinda, especialmente do professor Humberto e da professora Susana.

Sei bem que todos os aprendizados ao longo da caminhada da humanidade na Terra tiveram seu custo; sou cônica da maneira como construo meu discurso; do quanto do outro há em mim; que, como canta a banda Cidadão Quem, “Se alguém já lhe deu a mão e não pediu mais nada em troca, pense bem, pois é um dia especial (...)”.<sup>99</sup> Todavia, agora também é momento de ter meu filho por perto, viver uma história bacana com ele. E, de fato, eu me preparei ainda para ter autonomia financeira. Para viver tranquila nesse aspecto, preciso de uma remuneração mensal de R\$ 1.800,00, e tenho que resolver isso o mais breve possível. Ou seja, entrego a versão final da dissertação, sem saber de onde, como intervirei - mais relevante que isso é a humanidade, que a intervenção seja feita. Dentre as injunções, em termos de trabalho e interceder, não sei qual a alternativa mais razoável que se consolidará...

Avaliando que, ao pensar o descortinar de outro mundo possível, não se pode olvidar que a espiritualidade integra o que compõe o humano. Procurando ainda não subir num pedestal antropocêntrico, refletindo acerca desta transmutação humana e

---

<sup>98</sup> “(...) Recusa-te a ser parte de quaisquer sonhos de medo seja qual for a forma que tomem, pois neles perderás a identidade. (...) Tu estás à parte deles, mas não à parte daquele que os sonha. Assim, separas o sonhador do sonho, e te unes a um, mas deixas que o outro se vá (...)” (SCHUCMAN & THETFORD – LT, s/d: 643).

<sup>99</sup> Dia especial. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=wjlJjnOK8I&feature=relmfu>>.

social, numa conexão muito além do mundo material; entre os saberes informais, comenta-se sobre as crianças índigo e cristal, ambos guerreiros espirituais e detonadores de sistemas, que reencarnaram, e estão reencarnando em todos os lugares do globo para contribuir com a transformação em todos os níveis.<sup>100</sup> E interrogando-me sobre a veracidade dessa afirmação, lembrando de um sonho tido uma noite que dormira aplicando-me reiki, antes da graduação, onde eu havia morrido e, após ter abandonado o corpo, via minha aura num tom específico de azul; não pude deixar de indagar-me, estaria entre os índigos? Prepotência? Mais uma ingênua cogitação?

Não obstante, segundo Alan Kardec, ocorre uma grande transformação, a passagem de um mundo de provas para um mundo de regeneração.<sup>101</sup> Assim, penso que a transmutação da humanidade interessaria também a muitos espíritos desencarnados. Porém, qual o grau e o tipo da minha mediunidade? Estaria o espiritual atuando através de mim? Certa vez, ao comentar o assunto com uma médium, ela me perguntou como eu podia falar com tanta incerteza, se desde que chegara a sua casa já tinha visto três homens velhos comigo, dois eram sérios e o outro alegre - sobre esse disse ter sentido certo receio do seu cinismo, pois se um dia ele postulasse algo que fosse provado cientificamente, estruturas viriam abaixo; e segurança, apesar de saber que não havia nenhuma! Concluindo que, por ser esforçada eu faria o trabalho sem ajuda deles, mas no mínimo no dobro do tempo, e que o espiritual mesmo daria um jeito de colocar isso.

Sei o importe de cada linha, parágrafo desta composição textual, que foi 90% de transpiração; mas, ao mesmo tempo, a sensação é de que vieram além de mim. Entre outros, sinto especialmente a ligação com esse espírito que conheço como Seu Omulu - e através de um médium, não basta dizer-me que é ele para eu crer. Contudo, lamentando se os decepcionei, não posso afirmar que esta pesquisa foi conduzida pelo espiritual, devido às dúvidas ainda existentes; e se fosse, não poderia desconsiderar que os espíritos estão em processo de aprendizado e em certo estágio evolutivo, sendo passíveis de errar. E também, porque se não for, “o castigo pode vir a galope”, como um ponto de umbanda, “Oi, não se mexe na espada de Ogum, oi, não se mexe na machada

---

<sup>100</sup> Índigo - devido à cor de sua aura: azul-índigo - reencarnaram cada vez mais no século passado; e cristal - aura geralmente clara como cristal, podendo ser ainda em tons dourado, azul-índigo ou púrpura - começaram a vir em torno do ano 2000, vieram complementar o trabalho dos índigos, derruindo limitadas formas de pensar, tem a missão especial de adiantar a evolução humana e promover uma mudança nas energias planetárias (NOGUEIRA, 2004: 01).

<sup>101</sup> Conforme afirma Divaldo P. Franco, no Programa Transição de 20/02/11 – A transição planetária 1/2. Disponível em <[www.youtube.com/watch?v=NsinWD3CwXE](http://www.youtube.com/watch?v=NsinWD3CwXE)>.

de Xangô, oi, não se mexe nas flechas de Oxossi, que lá na mata é rei é caçador (...). Não quero desrespeitá-los, nem ter de entender-me com eles nesse sentido.

Além, outra incógnita que permanece para mim nesta estação do meu aprendizado em geral - a qual procurarei pensar também em termos científicos - é que é Deus? Entre todas as descrições, aprecio muito a imagem do Deus amoroso, sem dupla face do UCEM, mas continuo confusa; mesmo que “Jesus” sublinhe, “Tu pensas que não O conheces só porque sozinho, é impossível conhecê-Lo (...)”, acrescentando, “(...) No entanto, vê as obras poderosas que Ele fará através de ti e terás que te convencer que as fizeste através Dele. É impossível negar a Fonte de efeitos que têm tanto poder que não poderiam vir de ti (...)” (SCHUCMAN & THETFORD – LT, s/d: 318); que coloque que, não pede disponibilidade perfeita porque a Sua é, “A minha confiança em ti é maior do que a tua em mim no momento, mas não será sempre assim” (*ibidem*: 73). Meu aprendizado com, esta obra, tudo muito nebuloso.

Embora tenha utilizado Um curso em milagres ao refletir sobre a minha constituição complexa como educadora ambiental, à luz da auto-ética; o próprio livro esclarece que um aprendiz deficiente dele traz problemas para si e para os outros. Por isso, mais as incertezas antes expressas e as ocultas, relativas à esfera espiritual, sabendo que esse fervilhar faz parte de mim e de outras pessoas singularmente, fiz questão de retirar todas as minhas crenças espirituais no item 3.3, ao fitar uma contribuição à instauração de uma sociedade-mundo. Entretanto, ao pensar esta epopéia civilizacional, continuarei acendendo incensos e velas, solicitando inspiração e sabedoria. Estou aberta a comungar com rios, mares, matas, forças da natureza, seres de todas as realidades que queiram. Numa tentativa de inserção cósmica, de alinhar-me ao universo, e deixar-me ser instrumento dele.

A auto-ética convoca-nos a retirar a máscara e assumir a condição de *homo complexus*, para a dialógica entre sabedoria/loucura. Que situação delicada! O *sapiens* e o *demens* não somente coexistem em nós de modo complementar e antagônico, como o *sapiens* está no *demens* e *demens* no *sapiens*. E grandes realizações requer um cortejo bem maior desses caracteres. Em que nível estava a mente assustadoramente brilhante de Paul A. M. Dirac, ao formular a elegantíssima equação que prediz a existência da antimatéria? A de Richard Feynman, que com a eletrodinâmica quântica, concebeu o espaço tido como vazio repleto de matéria, fervilhando de atividade? Por muitas coisas,

passai a visar à poética, não apenas como esboço literário, mas como estado de espírito, pois “(...) O estado poético transporta-nos, através da loucura e da sabedoria, para além da loucura e da sabedoria” (MORIN, 1997: 11).

Não que a própria poesia - ela mesma contendo e contida na prosa - que transfigura o real sem denegá-lo, não comporte riscos; mas fluindo com a vida, em “carpe diem”, quero viver o mais possível no estado poético; que segundo Morin, não pode ser visto equivocadamente como um divertimento da verdadeira vida, é o estado da existência em que nos sentimos na “verdadeira vida” (2007b: 139). O estado poético pode ser obtido por diversas vias, inclusive, na relação com o outro, na relação comunitária; e a música, sobretudo, é, simultaneamente, meio e fim que expressa e determina esse estado (*ibidem*: 136-137). Nesse âmbito, dentro das minhas possibilidades, quero comungar com meus contemporâneos, na composição e emissão de notas, numa sinfonia em sintonia com a mãe natureza.

Herdando caracteres e elementos da configuração anterior e, surgindo com novas qualidades, criadas e recriadas constantemente nas múltiplas interações entre o velho e o novo, as coisas estão sempre mudando - a Via láctea mesmo está destinada, num tempo longínquo, pela ação da gravidade, a colidir e se fundir com sua vizinha mais achegada, Andrômeda. Também, no caso de uma profunda transformação na trindade indivíduo/sociedade/espécie e em cada uma dessas instâncias, a mudança é certa, o rumo é que é incerto. E, diante dos motivos tanto para a esperança, quanto para a desesperança, “A poesia, no sentido vivo do termo, estabelece uma aliança com as potências geradoras e regeneradoras da vida, com o derramamento da seiva, as eclosões, as florações, o desabrochar (...)” (MORIN, 2007b: 145-146). Assim, pensei numa festa singular - “fin de siècle”? - que só acontece no compartilhar de diferentes habilidades.

Em uma “ciência com consciência”, o princípio da ação consiste em organizar, comunicar e estimular. A empatia pede para aceitar o outro como ele é. Cada um de nós pensa de um modo, tem seu próprio túnel de realidade - todos suscetíveis a erros e ilusões. As diversas superações individuais e coletivas que a metamorfose solicita. E entre outras coisas, relativo aos cidadãos, corresponsáveis pela projeção do ambiente, não sabemos na exata extensão suas penas, desenganos, anseios; muitos não estariam em estado de “alma de poço”? - as pessoas vão e retiram a água que precisam do poço, ele serve e serve, mas em algum momento, também cansa de dar. Portanto, podemos

querer ser o afago, um carinho especial, o abraço característico do pensamento complexo e da E.A, a chuva que faz o poço receber; porém, os elementos inventariados, e os implícitos, aconselham a ter cuidado ao nutrir expectativas.

Na dialógica entre esperança e desesperança, sublinhando que, ao fazer caridade, em um universo interligado, estamos concedendo a nós mesmos; vou acreditar em mim mesma, em diversos atores sociais, em potenciais diferentes que suprem os déficits uns dos outros. Num diálogo de saberes, em busca de transdisciplinaridade. Da reinvenção de si mesmo, da escola, da cidade, do mundo, da relação humana com o ambiente. Unidos em mente e coração, pelo amor à vida, para que o giro seguinte da roda seja favorável. Nisso, caso seja momento da transformação antropossocial, da reforma do pensamento preconizada por Morin, como proferiu o poeta francês Victor Hugo, “Nada, nem todos os exércitos do mundo, podem fazer para mudar uma ideia cujo tempo chegou” (*apud* THORPE, 2000: 182). E, “(...) se não for possível a gente tenta (...)”.<sup>102</sup>

E eis o meu melhor! Auxiliada de muitas formas, como diz Giovanetti, “Basta que você pense em alguém, e já está unido a ele, pois os pensamentos são verdadeiros coligamentos (...)” (2006: 38), só a esse nível, quantas pessoas citadas no decorrer das páginas contribuíram? Superando meus limites, com a materialização desta dissertação, deixamos um “rastro no clássico”! Fim de uma etapa e momento de prosseguir na caminhada, onde o caminho mais uma vez se fará ao caminhar. Outras experiências, doses, em seus vários sabores, de vida! Visando à poesia, “(...) A finalidade da poesia é ela mesma: fazer com que o transe proporcionado se torne realidade” (MORIN, 2007b: 140). Tendendo ao estado poético, que atinge seu clímax no êxtase; o qual é ainda o ápice da realização de si, da fusão bem-sucedida de si com o outro ou com o mundo, da comunhão (*ibidem*: 138). O êxtase é o apogeu da festa...

---

<sup>102</sup> Engenheiros do Havaii - Pose.

***“Nem tudo vem do espiritual, e nem tudo vem do mundo. Pense nisso...”***  
(Disse-me recentemente, o espírito que conheço como Rosa Vermelha).



Figura 08 - Claudete por Lidiane - A meta

**Está feito!**



## REFERÊNCIAS

- ABDALLA, Maria Cristina Batoni. **O discreto charme das partículas elementares**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.
- ALMEIDA, Maria da Conceição de. **Mapa inacabado da complexidade**. In: SILVA, Aldo Aloísio Dantas da; GALEANO, Alex. *Geografia: ciência do complexus: ensaios transdisciplinares*. Porto Alegre: Sulina, 2004.
- BALEIRO, Zeca. **Proibida pra mim**. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=C7blUcb8rao>>. Acesso em 15 de janeiro de 2011.
- BIGHETTI, Leda Marques. **Sessão mediúnica: mediunidade hoje e amanhã**. São Paulo: Maxicolor, 2004.
- BOFF, Leonardo. **O despertar da águia: o dia-bólico e o sim-bólico na construção da realidade**. 17. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.
- BOFF, Leonardo. **Civilização planetária: desafios à sociedade e ao cristianismo**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.
- BOFF, Leonardo. **Tempo de transcendência: o ser humano como projeto infinito**. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.
- BRITO, Marcos. **O que é o reiki?** Disponível em: <<https://sites.google.com/site/baianoreiki/Baiano-Reiki/o-que-e-reiki>>. Acesso em 10 de janeiro de 2012.
- CALLONI, Humberto. **A educação e seus impasses: um olhar a partir da noção de pós-modernidade**. In: LAMPERT, Ernani (ORG.). *Pós-modernidade e conhecimento: educação, sociedade, ambiente e comportamento humano*. Porto Alegre: Sulina, 2005.
- CAVADÃO, Biquíni. **Vento ventania**. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=gWLurhJgB7E>>. Acesso em 12 de dezembro de 2011.
- CAVADÃO, Biquíni. **Camila, Camila**. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=gE23z9OU0iE&feature=related>>. Acesso em 23 de fevereiro de 2012.
- CIURANA, Emilio Roger. **Complexidade: elementos para uma definição**. In: CARVALHO, Edgard de Assis. MENDONÇA, Terezinha (ORGS.). *Ensaio de Complexidade 2*. Porto Alegre: Sulina, 2003.
- DIAS, Genebaldo Freire. **Educação ambiental: princípios e práticas**. 9. ed. São Paulo: Gaia, 2004.
- DIB-FERREIRA, Declev Reynier. **A educação ambiental como objeto transdisciplinar**. In: NEFFA, Elza. RITTO, Antonio Carlos (ORGS.). *Percepção transdisciplinar: uma construção coletiva*. Rio de Janeiro: UERJ, 2010.

DUARTE, Luiz Fagundes. **Ensaio:** definição e estrutura. Disponível em: <<http://www.ciberduvidas.pt/pergunta.php?id=11443>>. Acesso em 05 de setembro de 2011.

ENCARNAÇÃO, Fatima Luvielmo. **Educação ambiental:** implicações epistemológicas de suas origens, fundamentos, características e seus rumos na atualidade sócio-ambiental. In: Revista Espaço Acadêmico - N° 71, 2007. Disponível em <<http://espacoacademico.com.br>>. Acesso em 17 de outubro de 2009.

ENGELMANN, Deise C. **Resiliência:** o que é isso? Disponível em: <<http://bloglideranca.wordpress.com/2008/05/15/resiliencia-o-que-e-isso/>>. Acesso em 09 de janeiro de 2012.

ESTES, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos:** mito e histórias do arquétipo da mulher selvagem. Trad. Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

FRANCO, Divaldo Pereira. **Programa transição planetária de 20.02.11.** Disponível em: <[www.youtube.com/watch?v=NsinWD3CwXE](http://www.youtube.com/watch?v=NsinWD3CwXE)>. Acesso em 26 de setembro de 2011.

FERRARI, Márcio. **Michel de Montaigne.** Disponível em: <[educarparacrescer.abril.com.br/aprendizagem/michel-montaigne-307588.shtml](http://educarparacrescer.abril.com.br/aprendizagem/michel-montaigne-307588.shtml)>. Acesso em 10 de agosto de 2011.

GAARDER, Jostein. **O mundo de Sofia:** romance da filosofia. Trad. João Azenha Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

GIOVANETTI, Francesco. **O poder do pensamento.** In: Revista Planeta. ed. 411, 2006.

GUIMARÃES, Mauro. **Intervenção educacional:** do “de grão em grão a galinha enche o papo” ao “tudo junto ao mesmo tempo agora”. In: FERRARO JÚNIOR, Luiz Antonio (ORG.). *Encontros e caminhos:* formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores. Brasília: MMA, Diretoria de Educação Ambiental, 2005.

GRÜN, Mauro. **Ética e educação ambiental:** A conexão necessária. 11. ed. São Paulo: Papirus, 2007.

HAVAIL, Engenheiros. **Hora do mergulho.** Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=FtsXbop822g>>. Acesso em 20 de novembro de 2011.

HAVAIL, Engenheiros. **Pose.** Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=NNuSbbkUU7I>>. Acesso em 16 de julho de 2012.

HAWKING, Stephen. **O universo de Stephen Hawking:** a história completa. Disponível em: <<http://www.fisica.net/videos/Hawking/>>. Acesso em 14 de março de 2011.

LELLO, Edgar. LELLO, José. **Dicionário prático ilustrado.** Porto: Lello & Irmão, s/d.

LENINE. **Ovelha negra.** Disponível em: <  
<http://www.youtube.com/watch?v=2HItBQUvG94>>. Acesso em 03 de maio de 2011.

LINARES, Ronaldo Antonio. TRINDADE, Diamantino Fernandes. COSTA, Wagner Veneziani. **Iniciação à umbanda.** São Paulo: Madras, 2009.

LISPECTOR, Clarice. **Caminhos da sabedoria.** São Paulo: Escala, s/d.

LOUREIRO, Carlos Frederico B. **Trajetórias e fundamentos da educação ambiental.** São Paulo: Cortez, 2004.

MACHADO, Virgínia. SANTOS, Arion de Castro Kurtz dos. **Elegância elegância.** Faixa 08 do CD Translógica, 2008.

MARQUES, Mario Osório. **Escrever é preciso: o princípio da pesquisa.** 4. ed. Ijuí: Unijuí, 2001.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. DESLANDES, Suely Ferreira. NETO, Otávio Cruz. GOMES, Romeu. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 12. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

MORAES, Maria Cândida. **Pensamento eco-sistêmico: educação, aprendizagem e cidadania no século XXI.** 2. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

MORAES, Vinicius. **Soneto da fidelidade.** Disponível em: <  
<http://www.astormentas.com/PT/poema/9637/Soneto%20da%20Fidelidade>>. Acesso em 23 de junho de 2012.

MOREYRA, Álvaro. **Madame Curie, a eterna estudante.** In: Grandes vocações. São Paulo: Donato Editora Ltda, s/d.

MORIN, Edgar. **Amor, poesia, sabedoria.** Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

MORIN, Edgar. LE MOIGNE, Jean-Louis. **A inteligência da complexidade.** Trad. Nurimar Maria Falci. São Paulo: Peirópolis, 2000.

MORIN, Edgar. CIURANA, Emilio-Roger. MOTTA, Raúl Domingo. **Educar para a era planetária: O pensamento complexo como método de aprendizagem no erro e na incerteza humanos.** Lisboa: Instituto Piaget, 2004.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** Trad. Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

MORIN, Edgar. **O método 6: ética.** Trad. Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2005.

MORIN, Edgar. KERN, Anne-Brigitte. **Terra-Pátria.** Trad. Paulo Azevedo Neves da Silva. 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2005.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Trad. Eliane Lisboa. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2007a.

MORIN, Edgar. **O método 5: a humanidade da humanidade**. Trad. Juremir Machado da Silva. 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2007b.

MORIN, Edgar. **O método 1: a natureza da natureza**. Trad. Ilana Heineberg. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2008a.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. Trad. Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008b.

MORIN, Edgar. **A antiga e a nova transdisciplinaridade**. 5. ed. In: ALMEIDA, Maria da Conceição. CARVALHO, Edgar de Assis (ORG.). *Educação e complexidade: os sete saberes e outros ensaios*. São Paulo: Cortez, 2009.

MORIN, Edgar. **Meu caminho: entrevistas com Djénane Kareh Tager**. Trad. Edgar de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

MURPHY, Joseph. **Telepsiquismo: como alcançar a vida perfeita**. 12. ed. Rio de Janeiro: Record, s/d.

NICOLESCU, Basarab. **O Manifesto da transdisciplinaridade**. 2. ed. São Paulo: Triom, 2001.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**. Trad. Alex Marins. São Paulo: Martin Claret, 2002.

NIETZSCHE, Friedrich. **Para além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro**. Trad. Alex Marins. São Paulo: Martin Claret, 2003.

NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**. Trad. Jean Melville. São Paulo: Martin Claret, 2004a.

NIETZSCHE, Friedrich. **Aurora**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2004b.

NÓBREGA, Filipe. **A invenção de Lauro de Brito Vianna**. Disponível em: <[http://territorionobrega.blogspot.com/2010\\_01\\_01\\_archive.html](http://territorionobrega.blogspot.com/2010_01_01_archive.html)>. Acesso em 20 de janeiro de 2011.

NOGUEIRA, Celso J. **Crianças índigo e cristal**. Disponível em: <<http://www.caminhosdeluz.org/A-251.htm>>. Acesso em 24 de abril de 2012.

PAVAROTTI, Luciano. **Caminhos da sabedoria**. São Paulo: Escala, s/d.

PESCI, Rubén. **A pedagogia da cultura ambiental: do Titanic ao veleiro**. In: LEFF, Henrique (ORG.). *A complexidade ambiental*. São Paulo: Cortez, 2003.

PORTO, Ivalina. **Ambiente e comportamento humano.** In: LAMPERT, Ernani (ORG.). *Pós-modernidade e conhecimento: educação, sociedade, ambiente e comportamento humano.* Porto Alegre: Sulina, 2005.

QUEM, Cidadão. **Dia especial.** Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=wjlJjnOK8I&feature=relmfu>>. Acesso em 20 de setembro de 2012.

RAMALHO, Zé. **Companheira de alta luz.** Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=7Pisppz3tJc&feature=fvst>>. Acesso em 20 de janeiro de 2012.

RAYMOND, ERIC. **Como se tornar um hacker.** Trad. Rafael Caetano dos Santos. Disponível em: <<http://www.linux.ime.usp.br/~rcaetano/docs/hacker-howto-pt.html>>. Acesso em 08 de janeiro de 2012.

SCHUCMAN, Helen. THETFORD, Willian. **Um curso em milagres.** Trad. Lillian Salles de Oliveira Paes. São Paulo: Abalone, s/d.

SEIXAS, RAUL. **DDI: discagem direta interestelar.** Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=IhPYKXdf-6U>>. Acesso em 12 de janeiro de 2011.

SERRES, Michel. **Michel Serres e a evolução humana.** Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=CPBpgILAM1M>>. Acesso em 12 de março de 2011.

SITE do templo umbandista “a caminho da luz”. **As entidades na umbanda.** Disponível em: <<http://www.umbandaesoterica.com.br/aclEntid1.html>>. Acesso em 18 de abril de 2011.

SPRITZER, Nelson. **Pensamento e mudança: um guia para a excelência pessoal, desmistificando a programação neurolinguística.** Porto Alegre: L&PM, 1993.

SPRITZER, Nelson. **O novo cérebro: como criar resultados inteligentes.** 2. ed. Porto Alegre: L&PM, 1995.

THORPE, Scott. **Pense como Einstein.** São Paulo: Cultrix, 2000.

VELOSO, Caetano. **Dom de iludir.** Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=0QJy0iPEEPw>>. Acesso em 23 de janeiro de 2012.

VIÉGAS, Aline. **Complexidade: uma palavra com muitos sentidos.** In: FERRARO JÚNIOR, Luiz Antonio (ORG.). *Encontros e caminhos: formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores.* Brasília: MMA, Diretoria de Educação Ambiental, 2005.

VOGUEL, Marcos. **O recomeçar a cada memória: relatos (auto)biográficos de professores de química da rede estadual pública paulistana.** São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008. (Dissertação de mestrado).

WILSON, Robert Anton. **Robert Anton Wilson explica a física quântica**. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=HEdOMkI2waU>>. Acesso em 12 de julho de 2012.

ZIMERMAN, David. **Vocabulário de psicanálises**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

ZOHAR, Danah. **Sociedade quântica**: a promessa revolucionária de uma liberdade verdadeira. Trad. Luiz A. de Araújo. 2. ed. Rio de Janeiro: BestSeller, 2006.